

BRUNA BRENDA SIQUEIRA ROCHA

**OS MOVIMENTOS DISCURSIVOS DA INSTÂNCIA-SUJEITO MARINA
SILVA**

**UBERLÂNDIA/MG
Julho de 2017**

BRUNA BRENDÁ SIQUEIRA ROCHA

**OS MOVIMENTOS DISCURSIVOS DA INSTÂNCIA-SUJEITO MARINA
SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Linguagem, texto e discurso.

Orientador: Prof. Dr. João Bôsco Cabral dos Santos.

**UBERLÂNDIA/MG
Julho de 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R672m Rocha, Bruna Brenda Siqueira, 1992
2017 Os movimentos discursivos da instância-sujeito Marina Silva /
 Bruna Brenda Siqueira Rocha. - 2017.
 145 f. : il.

Orientador: João Bôsco Cabral dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Políticos - Brasil - Discursos, ensaios,
conferências - Teses. 3. Silva, Marina - Teses. 4. Análise do discurso -
Aspectos políticos - Teses. I. Santos, João Bôsco Cabral dos. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

BRUNA BRENDA SIQUEIRA ROCHA

OS MOVIMENTOS DISCURSIVOS DA INSTÂNCIA-SUJEITO MARINA SILVA

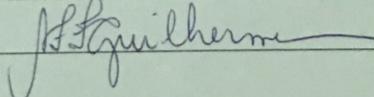
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

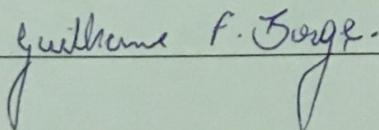
Linha de Pesquisa: Linguagem, texto e discurso.

BANCA EXAMINADORA

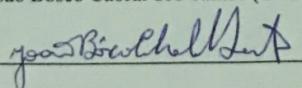
Profa. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme (UFU)



Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges (UEG)



Prof. Dr. João Bôsco Cabral dos Santos (UFU – Orientador)



UBERLÂNDIA/MG
19 de julho de 2017

A Renato, meu grande amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me possibilitou ter vida para iniciar e finalizar essa etapa acadêmica.

Ao meu orientador e amigo, João Bôsco, que não desistiu de mim quando eu mesma pensei em desistir. Pelo seu cuidado, carinho e pela sua compreensão diante das minhas limitações enquanto acadêmica e viajante.

A minha querida mãe, pelo amor, cuidado e preocupação que teve nos dias em que o mundo acadêmico parecia um lugar de incertezas e injustiças.

Ao meu amor, Renato, pela sua disponibilidade em me tranquilizar nos momentos em que me dominaram a ansiedade e a fúria de não conseguir escrever. E, de tanto ouvir-me, acabou sendo interpelado pelas vias do discurso e, hoje, (in)felizmente, comprehende os sentidos na emergência dos meus silêncios, esquecimentos e denegações.

À professora e amiga, Claudia Soares, pelo incentivo e por acreditar em meu potencial como aluna.

À amiga, Luana Alves que, com toda sua docura, acolheu-me em sua casa quando precisei.

Às professoras Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito, Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme e a doutoranda Evelyn Cristine Vieira pelas grandes contribuições em minha banca da qualificação.

Ao professor Dr. Guilherme Figueira Borges e a professora Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme por terem aceitado o convite para estarem na banca de defesa.

Ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e ao Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos (PPGEL) por terem concedido a mim essa oportunidade.

RESUMO

Neste presente trabalho, pretendo analisar os dizeres da instância-sujeito Marina Silva proferidos no âmbito da política brasileira. Para isso, inscrevo-me na Análise do Discurso de Linha Francesa que, devido a sua conjuntura epistemológica baseada na Linguística, na Psicanálise lacaniana e no Marxismo (materialismo histórico), funcionará como suporte para o desenvolvimento da investigação. Além disso, tomarei como base teórica os pressupostos de Michel Pêcheux, uma vez que, por meio desse arcabouço, poderei interpretar os efeitos de sentido que emergem dos dizeres de uma instância-sujeito que se movimenta em suas inscrições discursivas na emergência dos lugares ocupados. Tenho como objetivo geral analisar movimentos das inscrições no discurso político da instância-sujeito Marina Silva e, como objetivo específico, identificar suas diferentes posições-sujeito, isto é, os lugares em que se inscreve, explicitando e interpretando os deslocamentos, transformações e movências ideológicas. Parto da hipótese de que, nos dizeres políticos da instância-sujeito em estudo, haja movimentos, ou seja, deslocamentos, movências e transformações ideológicas; instaurados nas diferentes posições-sujeito nas quais, possivelmente, inscreve-se para colocar-se no âmbito da política brasileira. Além disso, creio que esses processos estejam relacionados aos diferentes momentos políticos nos quais esteve inserida e nos quais se inscreveu, seja no PT, PV, PSB ou REDE. Almejo que esta pesquisa contribua para que a sociedade reflita com criticidade sobre os dizeres proferidos, principalmente, no campo da política brasileira e a ideologia imbricada a eles. Portanto, este trabalho justifica-se pelo interesse em aprofundar os estudos sobre o funcionamento de uma instância-sujeito que, nesta investigação, movimenta-se no interior de sua formação discursiva, assumindo diferentes posições-sujeito em processos de identificação, contraidentificação e desidentificação. Adianto que, do corpus, emergiram distintas posições-sujeito – ativista/ambientalista; petista; candidata à presidência da República e; anti-petista. Desses lugares ocupados, pude identificar movimentos no discursivo de deslocamento, movência e transformação ideológica; o que confirmou a hipótese levantada.

Palavras-chave: Análise do Discurso, instância-sujeito, Marina Silva, movimentos discursivos.

ABSTRACT

In this present paper, I intend to analyze the statements of the subject-instance Marina Silva enounced in the scope of Brazilian policy. For this purpose, I am based on the French Discourse Analysis which, due to its epistemological conjuncture that is based on Linguistics, Lacanian Psychoanalysis and Marxism (historical materialism) principles. It will work as a support for the development of this research. In addition, I will take as theoretical basis assumptions by Michel Pêcheux, once, through this framework, I will be able to interpret the effects of meaning that emerge from the statements enounced by a subject-instance that moves in its discursive inscriptions in the emergence of occupied discursive places. I have as general objective to analyze movements in the political discursive inscriptions of the subject-instance Marina Silva and, as a specific objective, to identify different subject-positions, that is, places in which it is inscribed, explaining and interpreting the displacements, transformations and ideological movements. I start from the hypothesis that, in the political statements of this subject-instance, there are discursive movements that will lead to ideological displacements, movements and transformations established in the different subject-instance in which, possibly, it inscribes itself to put itself in the field of the Brazilian politics. Moreover, I believe that these processes are concerned to the different political moments in which it was inserted and in which it was subscribed, wheter in PT, PV, PSB or REDE. I hope this research can contribute to make society get itself in a critical position, concerning to statements which circulate in the field of Brazilian policy and ideology imbricated to it. Therefore, this paper is justified by the interest in deepening studies on the functioning of a subject-instance that, in this investigation, moves within its discursive inscriptions, assuming different subject-positions in processes of identification, counteridentification and disidentification. In advance, from the corpus, emerged different subject-positions activist/environmentalist; petista; candidate for the presidency of the Republic and; anti-PT. From these occupied places, I was able to identify movements in the discursive of displacement, movement and ideological transformation; which confirmed the hypothesis raised.

Key-words: Discourse Analysis, subject-instance, Marina Silva, discursive movements.

SUMÁRIO

	CAPÍTULO 1: Historicidade da Pesquisa	12
1.	Introdução	13
1.1	A instância-sujeito Marina Silva	16
1.2	A Rede Sustentabilidade – objetivos, princípios e valores	24
CAPÍTULO 2: A constituição do sujeito discursivo na Análise do Discurso Francesa.....		27
2.	Considerações Iniciais	28
2.1	O Sujeito Discursivo em Pêcheux	29
2.1.1	A instância enunciativa sujeitudinal	30
2.1.1.1	O Silêncio no Discurso	34
2.1.1.2	A Denegação	35
2.1.1.3	O Esquecimento	35
2.2	O Discurso	36
2.3	Formação Discursiva, Formação Ideológica e Formação Imaginária ..	39
CAPÍTULO 3: Fundamentação Metodológica		43
3.	Considerações Gerais	44
3.1	Dispositivos Metodológicos de Análise	47
CAPÍTULO 4: Os Movimentos Discursivos da Instância-Sujeito Marina Silva		50
4.	Introdução	51
4.1	Posições-Sujeito e Movimentos Discursivos da IES Marina Silva	52
4.1.1	Posição-sujeito ativista/ambientalista	53
4.1.1.1	A ausência de movimentos discursivos na posição-sujeito ativista/ambientalista	62
4.1.2	Posição-sujeito petista	63
4.1.2.1	Movimentos discursivos da posição-sujeito petista	69
4.1.3	Posição-sujeito candidata à presidência da República	71
4.1.3.1	Movimentos discursivos da posição-sujeito candidata à presidência da República	87
4.1.4	Posição-sujeito anti-petista	88
4.1.4.1	Movimentos discursivos da posição-sujeito anti-petista	92

Considerações Finais	94
Referências	98
Anexos	101
Anexo 1: Entrevista concedida por Marina Silva (PV) à revista Rolling Stone, edição 48 - Setembro de 2010	102
Anexo 2: Entrevista concedida por Marina Silva (PSB) à revista Época, em outubro de 2014	108
Anexo 3: Entrevista concedida por Marina Silva (REDE) ao Programa do Jô Soares, em maio de 2016	113
Anexo 4: Matriz 01 – Entrevista concedida à revista Rolling Stone por Marina Silva (PV), no ano de 2010	121
Anexo 5: Matriz 02 – Entrevista concedida à revista Época por Marina Silva (PSB), no ano de 2014	126
Anexo 6: Matriz 03 – Entrevista concedida pela instância-sujeito Marina Silva ao programa do Jô Soares, no mês de Maio, do ano de 2016	135

LISTA DE SIGLAS

ADF	Análise do Discurso Francesa
EO	Enunciados-operadores
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
Fim	Formação Imaginária
IES	Instância Enunciativa Sujeitudinal
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
PV	Partido Verde
PJ	Programa do Jô Soares
REDE	Rede Sustentabilidade
RE	Revista Época
RS	Revista Rolling Stone
SD	Sequência Discursiva

CAPÍTULO 1

HISTORICIDADE DA PESQUISA

CAPÍTULO 1

HISTORICIDADE DA PESQUISA

1. Introdução

Antes mesmo de enveredar pelos estudos da linguagem, já sabia que a política é um campo em que os sujeitos usam os seus dizeres para fazer com que a população os coloquem nos lugares que desejam ocupar. O contato com a Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante ADF) possibilitou-me compreender como uma ideologia pode ser camouflada pela linguagem, principalmente, quando falamos em discurso político.

Marina Silva¹ é uma instância-sujeito² política que concorreu à presidência da República por dois pleitos eleitorais consecutivos (2010 e 2014). Iniciou sua carreira política interpelada pelas causas ambientais no estado do Acre. O primeiro partido político ao qual se filiou foi o Partido dos Trabalhadores (PT), posteriormente no Partido Verde (PV), Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, atualmente, REDE (Rede Sustentabilidade). A sua carreira política é composta por ocupação de cargos como vereadora, deputada estadual, senadora e ministra do meio ambiente no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

O que me chamou atenção, fazendo-me escolher a instância-sujeito política Marina Silva para investigação, foi a sua prática discursiva quando ocupa o lugar de candidata à presidência da República que é, no sistema político brasileiro, o maior cargo ao qual se pode concorrer e que propicia visibilidade tanto nacional quanto internacional às instâncias-sujeito da política. O fato de ter elegido este objeto de pesquisa e não outro, dá-se porque, no âmbito da política brasileira, a instância-sujeito Marina Silva foi a que, a meu ver, apresentou uma diversidade de movimentações políticas em suas tomadas de posição enquanto candidata. Esse aspecto de movência, deslocamento e transformação ideológica foi o que me interpelou a executar este estudo, a fim de interpretar tais movimentos.

Esta pesquisa inscreve-se teoricamente na Análise do Discurso Francesa que por ter conjuntura epistemológica baseada na Linguística, na Psicanálise lacaniana e no

¹ Disponível em: <http://marinasilva.org.br/biografia/>

² Cunhada por Santos (2009), a *instância-sujeito* constitui-se como extensão epistemológica da noção de sujeito discursivo em Pêcheux, a qual será mais bem explicada posteriormente na pg. 29.

Marxismo (materialismo histórico), agirá como suporte para o desenvolvimento do estudo. O foco do trabalho está direcionado à análise de um sujeito que, devido a seu caráter de movimentação discursiva, será compreendido aqui como uma *instância-sujeito* a qual, durante o processo discursivo, “oscila entre as facetas de um lugar social e de um lugar discursivo na alteridade de formas-sujeito que se movem pela interpelação e pelo atravessamento de discursos outros em seu enunciar” (SANTOS, 2009, p.84).

Ademais, cumpre salientar que ao me referir ao sujeito discursivo Marina Silva, usarei tanto a denominação instância-sujeito quanto a Instância Enunciativa Sujeitudinal (IES), pois dada a natureza do funcionamento dessas noções na interpretação da constituição dos sujeitos, é possível afirmar que elas podem convergir teórico-metodologicamente.

Partindo desses pressupostos, esta pesquisa cujo título é *Movimentos discursivos da instância-sujeito Marina Silva* objetiva analisar movimentos no discurso político da instância-sujeito Marina Silva e identificar as diferentes posições-sujeito, isto é, os lugares em que se inscreve, explicitando e interpretando os deslocamentos, transformações e movências ideológicas.

Para isso, parto da hipótese de que, nos dizeres políticos da instância-sujeito em estudo, haja movimentos discursivos, ou seja, deslocamentos, movências e transformações ideológicas; instaurados nas diferentes posições-sujeito nas quais, possivelmente, inscreve-se para colocar-se no âmbito da política brasileira. Além disso, creio que esses processos estejam relacionados aos diferentes momentos políticos nos quais esteve inserida e nos quais se inscreveu, seja no PT, PV, PSB ou REDE.

Sabemos que o objeto desta pesquisa também é objeto de estudo de outras investigações. Um exemplo disso, no campo da comunicação social, é o estudo de Sousa (2010), em que se verifica qual o papel da internet e das mídias sociais em especial na campanha de Marina Silva no ano de 2010, e como esses elementos influenciaram no resultado daquela eleição presidencial. Nesta mesma linha de pesquisa, também Costa (2011) investiga a função da *internet* na obtenção de votos para a candidata à presidência da República, no ano de 2010. Além disso, no âmbito das letras e artes, Moreira (2014, p. 04), por meio da Análise do Discurso Crítica, buscou “identificar quais foram as estratégias discursivas adotadas por ela em seus discursos, bem como traçar seu perfil discursivo e verificar como suas representações do mundo (físico, social e mental) são estabelecidas.”

Entretanto, o que me disponho a fazer está relacionado a um gesto de interpretação acerca deste objeto de estudo que ainda não foi estudado pelo viés da Análise do Discurso de Linha Francesa. E é com este arcabouço teórico que coloco-me em um lugar de investigação distinto dos outros, pois a partir dele, terei a oportunidade de interpretar os efeitos de sentido de uma instância-sujeito que se move em diferentes formações discursivas, camuflando os seus dizeres na emergência dos lugares ocupados. Além disso, o estudo contempla uma análise da trajetória política de uma Instância Enunciativa Sujeitudinal (doravante IES) das origens de sua trajetória política até o ano de 2016.

Assim, entendo que esta investigação faz-se necessária pelo interesse em aprofundar os estudos sobre o funcionamento de uma *Instância Enunciativa Sujeitudinal* (IES), que, nesta investigação, movimenta-se no interior de uma diversidade de Formações Discursivas, assumindo diferentes posições-sujeito em processos de identificação, contraidentificação e desidentificação, dependendo do lugar que ocupa. Desejo que a investigação dessa instância-sujeito polêmica, especialmente, por ter assumido diferentes inscrições no cenário da política brasileira, possa contribuir para que a sociedade reflita com criticidade sobre os dizeres proferidos, principalmente, no campo da política brasileira e a ideologia imbricada a eles.

O *corpus* desta investigação consiste na biografia oficial da instância-sujeito em estudo, além de três entrevistas concedidas a distintos veículos midiáticos, sendo a primeira, à revista Rolling Stone (2010), a segunda, à revista Época (2014) e a terceira, ao Programa do Jô Soares (2016). Esta pesquisa é de natureza teórico-descritivo-interpretativista em que dizeres serão tomados como unidade de análise, os quais irei examinar pormenorizadamente para descrever os movimentos discursivos dessa IES, com o propósito de interpretar os seus deslocamentos, transformações e movências ideológicas.

As principais filiações teóricas para a realização deste estudo são: Pêcheux (1990, 1993, 1995, 2006, 2014) para elucidar as noções de: Sujeito Discursivo, Discurso, Interdiscurso, Formação Imaginária, Formação Ideológica, Formação Discursiva; Althusser (1992) para uma concepção da noção de Ideologia e Santos (1999, 2004, 2009) para discorrer sobre a noção de IES e para delimitar os dispositivos metodológicos que serão usados na investigação.

Seguirei agora, apresentando uma breve biografia da instância-sujeito Marina Silva pela necessidade de contextualizar o objeto de pesquisa antes de mobilizar as teorias com as quais trabalharei.

1.1 A instância-sujeito Marina Silva

Aqui, apresentarei a biografia da IES Marina Silva, que também se constitui como *corpus* desta investigação, a qual não será tratada, especialmente no capítulo de análise, uma vez que pela necessidade de contextualizar o objeto de pesquisa, acredito ser relevante lançar, neste momento inicial, um gesto de interpretação sobre esses dizeres que explicitam o funcionamento discursivo dessa instância-política pelo viés dela mesma, já que o que se tem em uma biografia é um sujeito falando de si.

As informações contidas neste tópico foram retiradas, na íntegra, do seu site oficial³ e estão divididas por títulos da mesma forma como foi disposta no sítio eletrônico. Achei pertinente trazer o texto igualmente como foi disponibilizado na internet, pois assim, conseguirei expor como a IES deseja que seus dizeres biográficos sejam vistos e lidos pelos cidadãos.

Primeiros anos

Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima nasceu em 8 de fevereiro de 1958 em uma pequena comunidade chamada colocação Breu Velho, no Seringal Bagaço, no Acre. Seus pais, nordestinos, tiveram 11 filhos, dos quais três morreram. A mãe morreu quando tinha apenas 15 anos. A vida no seringal era difícil. “Eu acordava sempre às 4h da manhã, cortava uns gravetos, acendia o fogo, fazia o café e uma salada de banana perriá com ovo. Esse era o nosso café da manhã”, conta. Depois, junto com as seis irmãs e o único irmão, fazia o corte nas seringueiras e colocava as tigelinhas. No final da tarde, retirava a recompensa, o látex.

Na adolescência, Marina sonhava em ser freira. “Minha avó dizia: ‘Minha filha, freira não pode ser analfabeta’”, lembra. O desejo de aprender a ler passou então a acompanhá-la. Aos 16 anos, contraiu hepatite, a primeira das três que foi acometida seu histórico de saúde ainda inclui cinco malárias e uma leishmaniose. Foi então a Rio Branco em busca de tratamento médico. Com a permissão do pai, aproveitou a oportunidade para também se dedicar à vida religiosa e, ao mesmo tempo, estudar. Na capital acreana, para se sustentar, passou a trabalhar como empregada doméstica. O progresso nos estudos foi rápido. Entre o período de Mobral, no qual aprendeu a ler e a escrever, até a graduação em licenciatura em História (Universidade Federal do Acre) transcorreram apenas dez anos. Sua formação foi complementada posteriormente com as pós-graduações em Teoria Psicanalítica

³www.marinasilva.org.br

(Universidade de Brasília) e em Psicopedagogia (Universidade Católica de Brasília). A vocação social se revelou quando deixava a adolescência e ainda vivia no convento das Servas de Maria Reparadoras.

O então bispo de Rio Branco, dom Moacyr Grecchi, alinhado à Teologia da Libertação, às vezes ia rezar missa no convento onde vivia Marina, que gostava de suas mensagens. A candidata à noviça passou a participar das atividades das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Um dia, incentivada por um cartaz afixado na igreja, decidiu fazer um curso de liderança sindical rural, ministrado pelo teólogo Clodovis Boff e pelo líder seringueiro Chico Mendes. Sua dedicação ao curso a aproximou de Chico Mendes, que passou a lhe enviar publicações de sindicatos de trabalhadores rurais.

Nesta primeira parte, noto que a IES inscreve-se no discurso da humildade quando traz, nos seus dizeres, a sua história de vida com dificuldades econômicas, educacionais e sérias enfermidades. Um possível efeito de sentido que emerge desses dizeres é de que a IES busca interpelar os outros sujeitos na construção de uma imagem mais humanizada de si, como alguém que, como todas as outras pessoas, passam por dificuldades.

Passemos, agora, ao próximo título:

Parlamento

A vida de Marina havia mudado de rumo. Abandonou o sonho de se tornar freira para se dedicar integralmente à luta social. Cada vez mais próxima de Chico Mendes, participou dos chamados “empates”, tática de resistência contra o desmatamento do qual participavam os seringueiros, suas mulheres, seus filhos, todos os que viviam nos seringais. De mãos dadas, eles faziam uma corrente que impedia a destruição da floresta. Em 1984, Marina Silva ajudou a fundar a CUT (Central Única dos Trabalhadores) no Acre. O líder seringueiro foi o primeiro coordenador da entidade e Marina, a vice-coordenadora. A convivência entre os dois duraria mais quatro anos, até Chico Mendes ser assassinado. Filiada ao PT, Marina disputou seu primeiro cargo público em 1986, ao concorrer a uma vaga na Câmara dos Deputados. Ficou entre os cinco mais votados, mas o partido não atingiu o quociente eleitoral mínimo exigido.

Os sucessos eleitorais de Marina começaram dois anos depois, ao se eleger vereadora, a mais votada de Rio Branco. Uma de suas primeiras manifestações foi devolver o dinheiro de gratificações, auxílio-moradia e outras mordomias que os demais vereadores recebiam sem questionamento. Com atos como esse, atraiu a ira dos adversários políticos ao mesmo tempo em que obtinha um reconhecimento popular que se manifestou na eleição seguinte, em 1990, quando se tornou deputada estadual, novamente com votação recorde. Em 1994, aos 36 anos, chegou a Brasília como a senadora mais jovem da história da República. Foi reeleita em 2002, com votação quase três vezes superior à anterior.

No Senado, foi a primeira voz a defender a importância de o governo assumir metas para

redução das emissões de gases do efeito estufa. Em 2009, o Planalto anunciou, finalmente, a adoção dessas metas. Também cobrou do Executivo federal e do Congresso a inclusão da meta brasileira, com os percentuais para a redução das emissões de gases do efeito estufa até 2020, no Plano Nacional de Mudanças Climáticas, que seria aprovado e sancionado pelo presidente antes da realização da Conferência de Clima (COP15), em dezembro de 2009, em Copenhague.

Incialmente, entendo que a IES inscreve-se na ideologia ativista/ambientalista em detrimento da ideologia cristã, uma vez que diz abandonar “o sonho de ser freira” para engajar-se na luta social contra o desmatamento da comunidade em que vivia no Acre. A citação dessa tomada de posição faz emergir um sentido de que a IES deseja mostrar à população que a sua vocação pela luta social se sobreponha aos seus outros ideais.

Observo, também, que há, por meio dos termos: “ficou entre os cinco mais votados”, a mais votada de Rio Branco”, “senadora mais jovem da história da República”, “novamente com votação recorde”, uma tentativa da IES de legitimar a sua carreira política por meio de conquistas como, por exemplo, o número de votos que obteve aos cargos que concorreu.

No último parágrafo, percebo a inscrição ativista/ambientalista da IES decorrente do seu posicionamento de lutar em defesa da diminuição dos gases do efeito estufa. Essa posição-sujeito, isto é, o lugar ocupado, de ativista/ambientalista ocupado pela IES dá-se porque a sua origem política está relacionada à luta em prol das causas ambientais. Isso é perceptível pelas alianças que fez ao alicerçar-se no âmbito da política, como, por exemplo, Chico Mendes, que foi um ativista político, sindicalista, seringueiro e ambientalista acreano que lutava em defesa dos seringueiros e contra o desmatamento de florestas. Além disso, juntos, fundarem a Central Única dos Trabalhadores no Acre, que também se preocupava com as causas ambientais.

Partimos ao próximo título:

Ministério

No Ministério do Meio Ambiente, Marina Silva trabalhou por políticas estruturantes baseadas em quatro diretrizes básicas: 1) maior participação e controle social; 2) fortalecimento do sistema nacional de meio ambiente; 3) transversalidade nas ações de governo; 4) promoção do desenvolvimento sustentável. No governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Marina buscou transformar a questão ambiental em uma política de governo, que quebrasse o tradicional isolamento da área.

Foi assim que o governo passou a exigir, nos projetos hidrelétricos a serem leiloados, a obtenção da licença prévia para que a viabilidade ambiental dos empreendimentos fosse avaliada antes da concessão para a exploração privada. Também baseado nessa diretriz, o ministério, por intermédio do Ibama, passou a ser ouvido prioritariamente antes da licitação dos blocos de petróleo. Em 13 de maio de 2008, pediu demissão do ministério. Em carta ao presidente Lula, afirmou que deixava o cargo por conta das dificuldades que enfrentava dentro do governo. “Esta difícil decisão, Sr. Presidente, decorre das dificuldades que tenho enfrentado há algum tempo para dar prosseguimento à agenda ambiental federal”, afirmava Marina, que voltou para o Senado.

Nesta enunciação encontro a inscrição de ativista/ambientalista da IES, evidenciada nos trechos em que diz sobre as diretrizes básicas que conduziam a sua forma de fazer política: “maior participação e controle social; fortalecimento do sistema nacional de meio ambiente; transversalidade nas ações de governo; promoção do desenvolvimento sustentável”; e, principalmente, nos dizeres que são citados referentes à sua carta de demissão como ministra do meio ambiente do Partido dos Trabalhadores: a IES alegou “dificuldades que tenho enfrentado há algum tempo para dar prosseguimento à agenda ambiental federal”. Além disso, percebo uma posição de confronto da IES com o governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva ao anunciar sobre sua demissão do ministério do meio ambiente.

Seguindo:

Candidatura à Presidência

Em 19 de agosto de 2009, deixou o PT. Em comunicado ao partido, manifestou seu desacordo com uma “concepção do desenvolvimento centrada no crescimento material a qualquer custo, com ganhos exacerbados para poucos e resultados perversos para a maioria, ao custo, principalmente para os mais pobres, da destruição de recursos naturais e da qualidade de vida”. Onze dias depois, anunciou sua filiação ao Partido Verde (PV). Em 2010, Marina Silva disputou a Presidência da República pelo PV, chapa que contava com o empresário Guilherme Leal como candidato a vice. O objetivo de sua candidatura era promover um acordo social no Brasil que integrasse avanços dos governos passados e apontasse para uma economia de baixo carbono.

A candidata se comprometia a manter as conquistas dos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, entre elas a estabilização econômica e a redução da pobreza, e prometia governar junto com os “núcleos vivos” da sociedade em defesa do desenvolvimento sustentável. Entre suas propostas estavam os programas sociais de terceira geração. Segundo essa diretriz, uma rede de agentes de desenvolvimento familiar teria a responsabilidade de levar programas sociais às famílias mais pobres e dar apoio a suas escolhas, o que facilitaria a inclusão produtiva desses brasileiros na sociedade.

Marina sabia das dificuldades de sua candidatura. Entre elas o fato de contar com apenas 1 minuto e 23 segundos na propaganda eleitoral gratuita na televisão, bem menos do que seus principais adversários. Para superar essa limitação, decidiu privilegiar a internet e as redes sociais, uma estratégia inédita no Brasil. A decisão foi fundamental para a divulgação de suas propostas e a conquista de 19,6 milhões de votos, quase 20% dos votos válidos. Foi o melhor desempenho de um terceiro colocado desde a redemocratização do país.

Na passagem acima, é possível perceber um deslocamento da IES, pois se movimenta de um partido para o outro, isto é, sai do PT e filia-se ao PV, além disso, observo a partir de seus dizeres: “concepção do desenvolvimento centrada no crescimento material a qualquer custo, com ganhos exacerbados para poucos e resultados perversos para a maioria, ao custo, principalmente para os mais pobres, da destruição de recursos naturais e da qualidade de vida”, uma posição de confronto com os Partido dos Trabalhadores que soa contraditória ao que a IES diz sobre o ato de se comprometer politicamente: “a manter as conquistas dos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, entre elas a estabilização econômica e a redução da pobreza”. Aqui, já percebo um caráter de movimentação discursiva, uma vez que a IES apresenta um posicionamento conflituoso no que se refere à concepção de desenvolvimento preconizada pelo Partido dos Trabalhadores, ao mesmo tempo em que promete manter as conquistas do governo Luís Inácio Lula da Silva.

Vejo ainda, ao empreender um gesto de interpretação aos dizeres: “o melhor desempenho de um terceiro colocado desde a redemocratização do país”, uma tentativa da IES de validar/legitimar sua candidatura por meio de dados eleitorais.

Passo, então, ao próximo tópico:

Rede Sustentabilidade

Nos meses seguintes, Marina e outras lideranças dentro PV enfrentavam dificuldades para ampliar o espaço de discussão dentro do partido. A direção da legenda resistia a democratizar suas práticas e a renovar seus dirigentes por meio de eleições, compromisso que havia assumido em 2009.

Em 7 de julho de 2011, a ex-senadora anunciou sua saída do PV. “Queremos resgatar as motivações originais deste projeto, agora participando da construção de uma nova política efetivamente democrática, ética, ecológica, participativa, inovadora e conectada com os desafios e oportunidades que o século 21 nos impõe”, afirmava, junto com outras 15 lideranças, na carta de desfiliação enviada à direção do partido.

Era então lançado o Movimento por uma Nova Política, um espaço colaborativo, suprapartidário, que discutiria caminhos para a superação das carências de representatividade do sistema político brasileiro e a construção de um modelo no qual economia e preservação dos recursos

naturais integrassem a mesma equação. O resultado desses debates foi o surgimento da Rede Sustentabilidade, lançada em 16 de fevereiro de 2013, durante evento que reuniu 1.700 pessoas em Brasília. Nos meses seguintes, cerca de 10 mil pessoas saíram às ruas em todo o país para coletar as 492 mil assinaturas exigidas por lei para a oficialização do novo partido.

Essa meta foi largamente superada, com a obtenção de 910 mil apoios em todos os Estados. Depois de uma rigorosa checagem interna, 660 mil assinaturas foram encaminhadas aos cartórios. Mas uma série de problemas impediu a formalização da Rede. Um deles foi a recusa de 95 mil fichas sem qualquer justificativa, o que contraria a legislação.

Além disso, causou estranheza o comportamento de alguns cartórios, principalmente na região do ABCD paulista. Em São Bernardo do Campo, uma zona eleitoral chegou a invalidar 78% das fichas de apoio, bem acima da média nacional de rejeição, que foi de 24%. Apesar da confiança de todos da Rede de que a Justiça iria prevalecer sobre as dificuldades burocráticas e institucionais, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu na noite de 3 de outubro não aprovar a criação do novo partido, considerando que apenas 442 mil assinaturas teriam a comprovação confirmada.

Na enunciação acima, observo uma movimentação da IES no que diz respeito a uma a sua desfiliação do Partido Verde e, embora, inicialmente, tenha sido colocado que a desfiliação tenha se dado por “dificuldades para ampliar o espaço de discussão dentro do partido”, não fica explícito quais dificuldades tenham sido essas, emergindo um sentido de que a exclusão de uma explicação mais detalhada, aqui na biografia, funciona como uma tentativa da IES de não enunciar sobre o ocorrido. Essa tomada de posição abre margens a uma interpretação em que silencia⁴ sobre o ocorrido para não se colocar em uma situação desfavorável que possa comprometer-lhe politicamente.

Percebo ainda, que ao anunciar sobre a REDE, a IES inscreve esse partido em um lugar de “Nova Política”, em que a economia pautada na preservação dos recursos naturais seja uma prioridade. Há, aqui, mais uma vez, a evidência da sua inscrição ativista/ambientalista.

A seguir, a próxima parte:

Unidos pelo Brasil

Na mesma noite de 3 de outubro, Marina se reuniu com alguns fundadores da Rede e colaboradores mais próximos. Colocou em discussão alternativas para que a contribuição da Rede ao aprofundamento da democracia no Brasil não fosse adiada. Ao final daquela madrugada, Marina apresentou uma proposta que surpreendeu seus interlocutores. Perguntou o que achavam da possibilidade de uma coligação programática com o PSB, feita em torno das bandeiras principais dos dois partidos. Depois do estranhamento inicial da maioria dos presentes, a ideia ganhou apoio e foi

⁴ Refiro-me à reflexão teórica sobre o silêncio nos discursos, empreendida por Villarta-Neder (2002), que será abordada no referencial teórico.

levada, no dia seguinte, para as lideranças da Rede Sustentabilidade e do PSB.

Depois de muitas reuniões, Marina e o governador Eduardo Campos, presidente do PSB, anunciaram ao país uma aliança “para aprofundar a democracia e construir as bases para um ciclo duradouro de desenvolvimento sustentável”, segundo a nota divulgada durante o evento realizado sábado em Brasília.

Integrantes da Rede fariam uma filiação democrática e provisória ao PSB, que reconheceria a integridade e identidade da Rede. Ao mesmo tempo, a Rede continuaria a buscar as assinaturas exigidas pela Justiça Eleitoral e a conseguir o registro definitivo, pois, apesar de ser “um partido de fato, não é de direito”, nas palavras de Marina Silva.

Nos meses seguintes, foram realizados encontros regionais para discutir as diretrizes do futuro programa de governo da aliança. Ao mesmo tempo, oficinas aprofundaram o debate sobre temas específicos, como política energética e política econômica. Em 28 de junho, convenções do PSB e dos outros partidos da Coligação Unidos pelo Brasil oficializaram a candidatura de Eduardo Campos à Presidência da República e de Marina Silva como candidata a vice.

Em 3 de julho de 2014, os dois registram suas candidaturas ao TSE e entregam uma cópia das diretrizes do futuro programa de governo. O documento aponta para três objetivos principais. O primeiro é manter as conquistas das últimas décadas e fazê-las avançar. O segundo é a criação de mecanismos para aprofundar a democracia brasileira. E o último é construir as bases para um ciclo duradouro de desenvolvimento sustentável.

Visualizo nesta enunciação uma movimentação da IES, evidenciada na sua tomada de posição em se filiar a outro partido político, isto é, ao PSB. Há, também, a recorrência à sua inscrição discursiva de ativista/ambientalista que pode ser observada em um dos objetivos principais do programa de partido, sendo ele “construir as bases para um ciclo duradouro de desenvolvimento sustentável”, que lançou com o seu aliado de chapa, Eduardo Campos.

Prosseguindo:

O Brasil chora a morte de Eduardo

Eduardo Campos e Marina Silva se dedicam nas semanas seguintes a apresentar aos brasileiros as propostas da coligação para a criação de um Brasil mais justo, próspero e sustentável. Até que, em 13 de agosto, ocorre a tragédia que comove o Brasil. O Cessna que conduzia Eduardo para um evento da campanha cai na cidade paulista de Santos.

Morrem o candidato a presidente da República e seus assessores Pedro Valadares, Carlos Percol, Alexandre Severo Gomes da Silva e Marcelo Lyra, além dos pilotos Geraldo da Cunha e Marcos Martins. Os brasileiros choram e repetem a frase de Eduardo: “Não vamos desistir do Brasil”.

Em 20 de agosto, a Executiva Nacional do PSB confirma Marina Silva como candidata à Presidência da República pela Coligação Unidos pelo Brasil. O candidato a vice-presidente é o deputado federal Beto Albuquerque (PSB-RS). “Vamos levar adiante nossa missão. Devemos isso a

Eduardo e ao povo brasileiro”, afirma a ex-senadora durante discurso para as lideranças do PSB.

A campanha de Marina

Nove dias depois, Marina e Beto Albuquerque apresentam o Programa de Governo, a única chapa a oferecer à população brasileira um plano detalhado de ações para os próximos quatro anos. O documento resultou de um amplo debate, iniciado em outubro de 2013 por iniciativa de Eduardo Campos e Marina, que envolveu 6 mil pessoas entre simpatizantes, militantes, lideranças políticas, acadêmicos e especialistas de diversos setores. As discussões aconteceram dentro de uma plataforma aberta na internet e em encontros e oficinas realizados em todo o país.

Três princípios nortearam a construção do programa: a manutenção das conquistas de governos anteriores, como a estabilidade econômica e a inclusão social, o aprofundamento da democracia e a busca do desenvolvimento sustentável. O documento incluía metas ousadas, como a implantação de escolas em tempo integral em todo o país, a instituição do Passe Livre para os alunos das escolas públicas e o repasse de 10% da receita bruta da União para a saúde.

Com chances reais de quebrar a polarização que domina a vida política brasileira há vinte anos, Marina passa a sofrer um bombardeio de mentiras e ofensas em escala raramente vista na história da República brasileira. Apesar de ser alvo do marketing selvagem e de ter um tempo muito reduzido na propaganda eleitoral na TV (2min03), metade do tempo do programa de Aécio Neves (PSDB) e menos de 20% do de Dilma Rousseff (PT), a candidata da Coligação Unidos pelo Brasil consegue 22.176.619 votos, 21,32% do total, e fica em terceiro lugar no primeiro turno. Assim como em 2010, contribuiu para esse desempenho o uso inteligente das redes sociais para a divulgação de suas propostas.

Em 12 de outubro, Marina anuncia apoio a Aécio Neves no segundo turno das eleições. A ex-senadora afirma que tomava a posição em razão dos compromissos assumidos pelo candidato do PSDB com a sociedade brasileira, entre eles a realização de uma reforma política, com o fim da reeleição, a determinação de fazer a transição para uma economia de baixo carbono e a defesa dos direitos indígenas e de outras populações tradicionais.

No trecho acima, noto que os dizeres “única chapa a oferecer à população brasileira um plano detalhado de ações para os próximos quatro anos”, funcionam como uma tentativa da IES de validar/legitimar a capacidade da sua chapa eleitoral no ano de 2014.

Além disso, observo que o programa de governo feito com Beto Albuquerque, seu novo companheiro de chapa, permanecia com as mesmas características daquele que havia feito com Eduardo Campos, inclusive, em relação ao objetivo que leva em consideração a “busca do desenvolvimento sustentável” para o país, o que denota mais uma vez, a sua inscrição no lugar de ativista/ambientalista.

Percebo, ainda, que quando a IES diz: “com chances reais de quebrar a polarização que domina a vida política brasileira há vinte anos”, faz referência ao PT e ao PSDB, colocando-se como um lugar alternativo entre esses dois partidos políticos.

Por fim, no trecho “em 12 de outubro, Marina anuncia apoio a Aécio Neves no segundo turno das eleições”, identifico que há, por parte da IES, uma contradição em sua tomada de posição porque, até então, colocava-se como um lugar diferente daquilo que chamou de “polarização” política entre o PT e o PSDB. Além disso, a contradição ainda se faz presente, pois as bases ideológicas dos partidos em que a IES já se inscreveu são distintas da base ideológica do PSDB que é considerado um partido de direita. Cumpre ressaltar, ainda, que nesse mesmo ano de 2014, no mês de julho, a instância-sujeito afirmou para as mídias que não subiria em palanque do PSDB em hipótese alguma.

Ao final da biografia, é notório o caráter de movimentação discursiva da IES principalmente relacionado aos diferentes momentos políticos em que se inscreveu sejam eles no PT, PV, PSB ou REDE. Entendo que esta seção configurou-se como uma forma de contextualizar o objeto de pesquisa e que, os movimentos discursivos serão tratados especialmente no capítulo de análise. Contudo, ainda pela necessidade de contextualização, seguirei agora com algumas informações referentes ao partido político que a IES fundou e no qual se encontra inscrita até o presente momento.

1.2 A Rede Sustentabilidade – objetivos, princípios e valores

Em 2016, ano em que se realizou esta pesquisa, a IES Marina Silva segue como porta voz do partido que fundou, a Rede Sustentabilidade. Abaixo, segue, na íntegra, uma parte do estatuto da REDE em que são discutidos os seus objetivos, princípios e valores, disponibilizado no site oficial do partido⁵.

Adianto que, no gesto de interpretação que vou empreender aqui, tomarei as bases ideológicas do partido como sendo semelhantes àquelas em que a IES se inscreve, uma vez que ela é a fundadora do mesmo.

Art. 4º – A REDE é uma associação de cidadãos e cidadãs dispostos a contribuir voluntária e de forma colaborativa para superar o monopólio partidário da representação política institucional, intensificar e melhorar a qualidade da democracia no Brasil e atuar politicamente para prover todos os

⁵ www.redesustentabilidade.org.br

meios necessários à efetiva participação de brasileiros e brasileiras nos processos decisórios que levem ao desenvolvimento justo e sustentável da Nação, em todas as suas dimensões.

§1º A REDE atuará em âmbito nacional, com estrita observância deste Estatuto, do seu Programa Partidário e da Legislação em vigor, em pleno respeito aos seguintes valores e princípios:

- I – da pluralidade política;
- II – da dignidade da pessoa humana;
- III – da justiça social;
- IV – defesa dos direitos das minorias;
- V – do respeito à natureza e à vida em todas as suas formas de manifestação e da promoção e defesa do meio ambiente ecologicamente equilibrado;
- VI – da função social da terra e dos conhecimentos tecnológicos e científicos;
- VII – da função social da propriedade;
- VIII – da solidariedade e da cooperação;
- IX – respeito às convicções religiosas e à liberdade para professá-las;
- X – da transparência, eficiência e eficácia na gestão pública;
- XI – da imparcialidade e do interesse público;
- XII – da legalidade;
- XIII – do pleno respeito às diversidades, à coisa pública e ao bem comum; e,
- XIV – na construção de consenso progressivo nas deliberações da REDE.

A partir das informações acima, percebo que a REDE inscreve-se em um lugar de “nova política”, bastante citada pela IES ao se referir a constituição desse partido, uma vez que busca “superar o monopólio partidário da representação política institucional”, ou seja, coloca-se como um partido político que se distingue dos grandes partidos que monopolizam o poder. Além disso, ocupa um lugar de partido de frente popular que se preocupa em defender, entre as demais colocações, os direitos das minorias e a dignidade da pessoa humana. Há ainda, uma inscrição ativista/ambientalista desde o nome do partido até às suas diretrizes que se justificam pela inscrição da IES Marina Silva neste lugar.

Reitero que nesta seção, trouxe a biografia da IES Marina Silva e uma parte do estatuto relacionada às bases ideológicas do partido político que ela criou, pela necessidade de contextualizar o objeto de pesquisa. Cumpre ressaltar, que mesmo sem esses dizeres constituírem o *corpus* da investigação, lancei um gesto de interpretação sobre eles afim de identificar um prenúncio da movimentação discursiva da IES ao falar de si.

Portanto, foi esse caráter de movimentação que pode ser traçado previamente até aqui, que nos interpelou a investigar esse sujeito discursivo pelo crivo da instância-

sujeito a qual, de acordo com Santos (2009), dependendo do lugar que ocupa, passa por processos de identificação, desidentificação e ainda segundo Pêcheux (1995), contraidentificação⁶. Agora, faz-se necessário mobilizar os referenciais teóricos os quais me inscrevo para a realização da análise.

⁶ Os processos de identificação, desidentificação e contraidentificação serão abordados no referencial teórico desta pesquisa.

CAPÍTULO 2
A NOÇÃO DE SUJEITO NA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESAS

CAPÍTULO 2

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO NA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCES

2. Considerações iniciais

Esta investigação filia-se teoricamente na Análise do Discurso de Linha Francesa que tem sua origem nos anos 60 do século XX e é alicerçada na conjuntura epistemológica da Linguística já que os dizeres, tomados como unidades de análise materializam-se por meio de estruturas linguísticas; do Materialismo Histórico em que o funcionamento da língua dá-se por meio da sua relação com as condições de produção, isto é, com a história; e a Psicanálise em que o sujeito discursivo age interpelado pelo seu inconsciente e ao seu outro numa relação de alteridade.

Quando pensamos em ADF, logo fazemos alusão a Michel Pêcheux, o seu precursor, que buscou uma “transformação revolucionária no conceito de linguagem, que é coligado de forma indissociável com a ideologia” (CASTRO NETTO, 2012, p. 37). Por isso que, na teoria pecheutiana, o discurso se materializa por meio da linguagem que é carregada de ideologia, fazendo o sujeito tomar suas posições e inserir-se em suas práticas sociais sempre por um viés ideológico.

Aqui, investigo um sujeito que se movimenta discursivamente, dependendo do lugar que se inscreve em determinada conjuntura histórica, assumindo um lugar social no interior da luta de classes, que funciona como uma “interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e ‘seu sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 164), e que, normalmente, corresponde aos lugares discursivos instaurados no processo enunciativo.

Por isso que, inscrevo-me no lugar da ADF uma vez que desejo analisar o sujeito discursivo Marina Silva, que aqui será tomada como uma instância-sujeito, pelo crivo da língua, do inconsciente e da história.

Seguirei esta reflexão abaixo, com as noções teóricas e algumas de suas extensões que irão me auxiliar no suporte desta investigação. Acho relevante iniciar esta seção abordando o sujeito discursivo já que a pesquisa se constitui-se investigação de uma instância-sujeito.

2.1 O sujeito discursivo em Pêcheux

Para entender a noção de sujeito discursivo, é necessário desassociá-la da concepção de organismo biológico e compreendê-la como fruto de uma interpelação de natureza social, histórica e psicológica; uma vez que “os sujeitos têm suas identidades construídas por meio da ideologia, do imaginário, do lugar que ocupam em formações discursivas.” (CASTRO NETTO, 2012, p. 13)

Althusser explica que “o sujeito da linguagem não é sujeito de si, mas tal como existe interpelado pela ideologia” (1992, p.14). Assim, tomo a ideologia como “uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza em aparelhos e práticas”, (ALTHUSSER, 1992, p. 30) estando relacionada ao inconsciente, já que interpela os indivíduos em sujeitos de seu discurso.

Segundo Pêcheux, a constituição dos indivíduos em sujeitos (do seu discurso) se dá

[...] por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Especificamos também que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 214) (os grifos são do autor)

Essa interpelação – o *devir* do sujeito – ocorre quando o sujeito se vê diante da necessidade de regular o seu discurso ao *todo complexo das formações ideológicas* que, no discurso, representa as suas inscrições sociais. Essa identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina é fundadora de sua unidade imaginária, que para Pêcheux, “constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 163) de sua existência, que ocorre sempre em função da alteridade.

Entretanto, o sujeito não reconhece essa sua alteridade constitutiva, isto é, “não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da *autonomia*” (PÊCHEUX, 1995, p. 163) (os grifos são do autor). Dessa forma, todo sujeito é assujeitado, uma vez que sua constituição se dá por uma subordinação ao seu inconsciente e à relação que matem com seu outro, visto aqui como sua exterioridade. Além disso, as suas inscrições sociais estão relacionadas à alteridade porque o sujeito sempre age sob a forma de autonomia, como se fosse a origem de suas orientações

políticas e de seus posicionamentos, por isso que “todo sujeito é assujeitado no universal como singular *insubstituível*. ” (PÊCHEUX, 1995, p. 171) (os grifos são do autor)

O assujeitamento, portanto, produz no sujeito o que é denominado *forma-sujeito*. De acordo com Althusser (1992), os sujeitos só podem ser agentes de práticas sociais quando se assumem sujeitos de seus discursos, ou seja, revestem-se de sua forma-sujeito. Pêcheux endossa essa afirmação quando diz: “não existe prática sem sujeito (e, em particular, prática discursiva sem sujeito), uma vez que os ‘indivíduos-agentes’ [...] agem sempre na forma de sujeitos enquanto sujeitos” (1995, p. 214) (os grifos são do autor). Portanto, qualquer indivíduo humano só pode ser agente de práticas sociais, a partir do momento em que se inscreve em sua forma-sujeito, pois não existe prática social, e em particular, prática discursiva, sem um sujeito para executá-la.

Neste estudo, investigamos um sujeito discursivo que, no interior dos processos enunciativos, ao assumir sua forma-sujeito, movimenta-se, desloca-se, identifica-se, desidentifica-se, transforma-se em sua formação discursiva, ideológica, e, em decorrência disso, entendo que, para desenvolver sua análise, a noção de sujeito discursivo deve ser pensada pelo crivo da Instância Enunciativa Sujeitudinal, conforme abordo a seguir.

2.1.1 A Instância Enunciativa Sujeitudinal (IES)

Para a análise do sujeito discursivo que compõe o *corpus*, tomarei como referencial teórico a noção de IES, *Instância Enunciativa Sujeitudinal*, que é uma extensão teórico-epistemológica de Santos (2009), que expande/amplia a noção de sujeito discursivo a partir de Pêcheux.

Cumpre salientar, mais uma vez, que quando me referir ao sujeito discursivo Marina Silva, usarei tanto a denominação Instância Enunciativa Sujeitudinal (IES) quanto instância-sujeito, pois dada a natureza do funcionamento dessas noções na interpretação da constituição dos sujeitos, é possível afirmar que elas podem convergir teórico-metodologicamente.

Escolhi trabalhar com a IES, pois investigo um sujeito que está em constante movimentação discursiva, assumindo diferentes lugares e, em função disso, sendo interpelado por processos que Santos (2009) denomina por identificação e desidentificação. Melhor dizendo:

Quando um sujeito ocupa uma posição de lugar discursivo, lugar social ou ambos, em alteridade, ele instaurará um processo de identificação e desidentificação desses e nesses lugares. Essa inserção posicional de natureza interpelativo-ideológico-heterotópica o transforma em instância enunciativa sujeitudinal. (SANTOS, 2009, p. 85)

Logo, a identificação acontece na medida que a instância-sujeito identifica-se com a formação discursiva da qual faz parte, ou ainda, quando se vê interpelada por determinada FD. Já o processo de desidentificação ocorre no momento em que a instância-sujeito, além de desidentificar-se, identifica-se com outra formação discursiva.

Sobre esses processos também é possível citar a contraidentificação que, segundo Pêcheux (1995), deve-se à tomada de posição do sujeito de duvidar, distanciar-se, contestar, questionar ou revoltar-se em relação à FD que o domina.

Adianto que as noções teóricas imbricadas aos processos identitários são de suma importância, nesta investigação, pois a instância-política Marina Silva, ao assumir diferentes posições-sujeito, é interpelada, principalmente, pela identificação e contraidentificação dependendo do lugar que ocupa. Tudo isso porque, quando encontra-se filiada ao Partido Verde, acabara de se desfilar do Partido dos Trabalhadores, o que justifica ainda uma formação discursiva correspondente a sua inscrição social neste lugar. Entretanto, no decorrer de sua trajetória, a IES inscreve-se em diferentes FDs, desidentificando-se com algumas que, inclusive, já lhe foram constitutivas. No último momento da análise, foi quando seu deu o processo de contaidentificação, pois a instância-sujeito apresentou uma inscrição de revolta, questionamento e dúvida em relação ao PT que, inicialmente, configurava-se como um de seus lugares de inscrição social.

Por isso é importante compreender que analisar um sujeito discursivo pelo crivo da IES consiste em admitir que a condição de sujeito é sempre perpassada pela “contradição, equivocidade, opacidade, movência e deslocamentos do, no, para e entre formações discursivas no interior de um processo enunciativo” (SANTOS, 2009, p. 85). É essa condição/posição que o sujeito assume em sua construção languageira que o transforma em uma Instância Enunciativa Sujeitudinal.

A designação “*enunciativa*” deriva do caráter de unicidade e singularidade que baliza as inscrições discursivas de uma instância, oscilando entre uma alteridade e movência de sentidos por ela operada nessa alteridade” (SANTOS, 2009, p. 84).

Enquanto a denominação “*sujeitudinal* reflete esse caráter de movência contínua em alteridade constitutiva, demarcada pelo funcionamento do interdiscurso”. (*idem, ibidem*)

A noção de IES surge vinculada à função social, histórica e ideológica, instaurada no funcionamento do processo discursivo que se funda sob o crivo do *assujeitamento*, entendido aqui “como a propriedade de um estado de vir-a-ser, emergir sob determinadas condições e, sobretudo, a natureza de deslocar-se para tornar-se desse estado para uma dada condição de circunstancialidade enunciativa” (SANTOS, 2009, p. 86).

No processo de interpelação, conforme já dito, a IES identifica-se ou desidentifica-se dependendo do seu lugar social, pois “ela revela processos identitários dos sujeitos, decorrentes de uma inserção em seu lugar sócio-histórico”. (SANTOS, 2009, p. 87) Esses processos identitários estão relacionados à referencialidade polifônica que, aqui, é compreendida como vozes de natureza filosófica, política, psicológica, histórica, social, cultural e linguística que interpelam e constituem os sujeitos. Essas vozes agem como formas de interpelação e de conflito no processo enunciativo que está sujeito a operações de interdependência ideológica, como: *legitimização, captação pela ideologia, influência pela interpelação e, regulação pela enunciação* (*idem, ibidem*).

No que é tocante à *legitimização*,

Ela revela o *status* institucional desse sujeito e representa uma instância enunciativa de *poder-dizer*. Assim, a legitimidade só assevera o papel social do sujeito, como lhe atribui uma tomada de posição, na sua inscrição discursiva, determinada por uma conjuntura de relações de poder que o interpelam. (SANTOS, 2009, p. 88) (os grifos são do autor)

A legitimidade é o que faz com que o sujeito tenha a atitude de se inscrever em um dado discurso, levando em consideração o seu lugar social, e, também, o que faz com que os dizeres do sujeito ajam como um reflexo autêntico das suas inscrições ideológicas, pois “instaura valores de verdade e sentidos postos no amálgama do processo enunciativo” (SANTOS, 2009, p. 88-89). É a legitimidade responsável por conferir poder ao sujeito de enunciar consoante àquela posição que ocupa, uma vez que funciona “como um elemento asseverador da amplitude ideológica do processo interpelativo” (SANTOS, 2009, p. 89).

Em relação à *captação pela ideologia*, cumpre dizer que corresponde às particularidades de cada instância-sujeito como, por exemplo: *estado patêmico* – tensão

sofrida devido à influência de um lugar social e de condições das produção; *referências de vozes* de natureza política, social, psicológica, histórica, filosófica, cultural e linguística que atravessam os dizeres; *natureza do olhar para a exterioridade* – como uma percepção de uma realidade; *natureza da clivagem decorrente desse olhar* – como o crivo da instância-sujeito sobre essa percepção; e, *significações-outras sugeridas por uma ordem inconsciente* – como os sentidos que cada instância-sujeito atribui na dispersão dos sentidos.

No que tange à *influência pela interpelação*, é possível afirmar que constitui-se como “formas de interpelação nos, pelos e sobre os sentidos, crivados pela manifestação-sujeito, utilizadas para mover e deslocar processos de discursivização, de modo a torná-los uma discursividade-outra” (SANTOS, 2009, p. 91). Ou seja, como cada instância-sujeito é interpelada como única e singular, o efeito de sentidos que emerge dos dizeres também passa pelo crivo da singularidade.

Sobre a *regulação pela enunciação* concordo que ela “determina as condições pelas quais as manifestações-sujeito são interpeladas e se reconhecem na constitutividade enunciativa da realização lingüística” (SANTOS, 2009, p. 93). Por isso que quando o sujeito se constitui/identifica no interior de dada formação discursiva, ele percebe a necessidade de regular o seu discurso, já que não se pode enunciar da forma como se deseja nas situações em que se deseja. Logo, a regulação pela enunciação constitui-se para a instância-sujeito “traços indicadores de nível de conflito, do encadeamento de controvérsias discursivas e de oscilações de assimetria no processo discursivo” (SANTOS, 2009, p. 93).

Essa tensão instaurada no processo enunciativo faz com que haja, nos dizeres da IES, alguns fenômenos discursivos como por exemplo, o silêncio no discurso, o esquecimento e a denegação, considerados por Santos (2009) como *dimensão de dispersão*, que agem na interdiscursividade das manifestações-sujeito no processo lingüístico.

Passo agora, ao subtópico que trata, especialmente, dos fenômenos discursivos os quais acabei de citar e que creio serem relevantes para sustentar a investigação de uma instância-sujeito.

2.1.1.1 O silêncio no discurso

No âmbito da política, é muito comum que os sujeitos que se inscrevem no discurso político, a fim de manter o seu propósito que é convencer à população e construir uma imagem coerente de si, silenciem o seu dizer diante de indagações e situações escorregadias que possam os expor.

Assim sendo, tomaremos como unidade de análise não só os dizeres, mas o seu silêncio também, pois acreditamos que deste emerge sentidos. Para refletir sobre o silenciamento, tomo por referência a reflexão empreendida por Villarta-Neder (2002) que traz uma extensão teórico-epistemológica do esquecimento número 1 proposto por Pêcheux, uma vez que diz haver duas formas de silenciar, sendo elas:

(1) um *excesso do dizer*, sob a forma de uma necessidade de reafirmar um sentido pode ser interpretado como um silenciamento de um espaço polissêmico que emerge e incomoda o sujeito, obrigando-o a tentar evitar outros sentidos. E a existência de marcas que indiquem um abandono da tentativa de estabelecer um sentido apontaria (2) um silêncio (*não-dizer*) sobre esses sentidos escorregadios e/ou inconvenientes. (VILLARTA-NEDER, 2002, p. 29-30) (os grifos são do autor)

Entendo, pois, o silêncio (1) *por excesso do dizer*, como uma tentativa do sujeito de controlar determinados sentidos que possam emergir dos seus dizeres, a fim de não se colocar em uma situação constrangedora e escorregadia que o conduza a processos de equívocos, contradições e denegações. Porém, como é sabido, o sujeito não pode controlar o sentido dos seus dizeres e, por isso, nessa tentativa de reafirmar um sentido, o sujeito deixa pistas sobre os sentidos outros que deseja silenciar. Já o silêncio (2) *do não-dizer* está relacionado à ausência de enunciado e ocorre quando o sujeito abandona a tentativa de emergir sentidos sobre aquilo que o desagrada. Entretanto, todo discurso faz parte de uma conjuntura histórico-ideológica, e é por isso, que até o silêncio por ausência de enunciados é capaz de gerar sentidos.

Neste trabalho, a instância-sujeito em estudo apresenta, em seus dizeres, as duas modalidades do silenciamento. Esse fenômeno mostra-se como uma recorrência e é percebido, normalmente, quando assume a posição-sujeito candidata à presidência da República. Nesse lugar ocupado, a IES vale-se do silêncio para não enunciar ou reafirmar sentidos, principalmente, sobre as alianças efetivadas que a colocam em contradição no cenário da política brasileira e também a respeito das tomadas de

posição relacionadas às suas rupturas partidárias. Resolvi trabalhar com a análise do silêncio presente nos dizeres, pois é a partir dele que emergem os sentidos daquilo que IES deseja silenciar.

2.1.1.2 A denegação

A denegação encontra-se situada no campo da psicanálise, mais especificamente nos estudos freudianos, e é um outro fenômeno discursivo que considero relevante para embasar esta investigação, uma vez que no âmbito da política é comum que as instâncias-sujeito deneguem as suas tomadas de posição que as comprometam ou as deixem em uma situação desfavorável com o seu eleitorado.

Esse fenômeno discursivo pode ser compreendido como uma construção linguística em que há uma explícita negação que faz emergir um efeito de sentido daquilo que a instância-sujeito deseja recalcar, esconder ou mascarar. Portanto, funciona como um meio de defesa em que existe “a recusa do sujeito em reconhecer um determinado pensamento ou um desejo como seu, mesmo que tal desejo ou pensamento tenha sido expresso conscientemente em um momento/situação anterior” (MESQUITA, ROSA, 2010, p. 136).

Nesta investigação, o fenômeno da denegação apareceu como uma forte inscrição da IES ao enunciar os seus dizeres circunscritos no discurso político porque, como qualquer instância política, os dizeres constituem-se como uma tentativa de levar a população a colocá-las em posições desejadas, nem que para isso, seja necessário denegar as suas próprias tomadas de posição. Ademais, por meio de negações explícitas notadas em todo o recorte da trajetória política analisada, percebi a denegação, principalmente, relacionada àquilo que a instância-sujeito Marina Silva recalca, o seu desejo pela presidência da República.

2.1.1.3 O esquecimento

A teoria dos dois esquecimentos relida por Pêcheux, a partir de Freud, está relacionada à manifestação do inconsciente que interpela a instância-sujeito no momento da enunciação, uma vez que “os sujeitos se constituem na realização de enunciados”, e por isso, “o enunciado é também a manifestação de seu inconsciente” (SANTOS, 1999, p.41).

Pêcheux (1995) divide esse fenômeno discursivo em dois níveis: esquecimento número 1 e o esquecimento número 2. No que concerne a este último esquecimento, digo que, segundo este autor, ocorre quando o sujeito “seleciona” o que deve, no interior da formação discursiva que o domina, aquilo que deve ou não ser enunciado. Contudo, não admite/reconhece a multiplicidade de interpretações que os seus dizeres podem causar aos outros sujeitos, via de regra, alimentam a ilusão de que a única interpretação é aquela que ele gostaria de gerar.

Já no esquecimento número 1, o sujeito possui a ilusão de ser a origem, isto é, a fonte dos seus dizeres, pois não é capaz de se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina, além de não controlar e selecionar os seus dizeres. Nesse fenômeno discursivo também há, por parte do sujeito um não reconhecimento dos discursos outros que são reinscritos e ressignificados em seu dizer.

Sendo assim, a noção teórica do esquecimento faz-se importante, nesta investigação, uma vez que, por meio dela, construo uma base teórica capaz de me auxiliar na identificação e interpretação, nos dizeres da IES, daquilo que escapa-lhe, ou melhor, daquilo que se esquece.

Cumpre ressaltar que, por intermédio dos fenômenos discursivos traçados até aqui, pude perceber um caráter de movimentação discursiva da IES. Esses processos, juntamente às diferentes posições-sujeito nas quais se inscreveu, conduziram-me àquilo que busco no corpus, ou melhor, àquilo que Santos (2009) denomina por deslocamento, movência e transformação ideológica.

Ainda pela necessidade de um arcabouço teórico que sustente a análise, trago, agora que já foram expostos os fenômenos discursivos que interpelam a instância-sujeito ao enunciar, a noção de discurso, para tornar mais claro como a IES constitui-se por meio dos seus dizeres.

2.2 O Discurso

Para compreendermos a noção de discurso em Pêcheux, partiremos do princípio de que não é possível analisar um dizer como um texto linguisticamente estruturado e fechado em si mesmo, pois para Pêcheux (1995) o discurso deve ser compreendido como um conjunto de discursos possíveis a partir de dadas condições de produção. Logo, todo discurso está vinculado a um determinado momento histórico e, por isso, o

seu “sentido é realizado de acordo com o que pode e deve ser dito, a partir de um lugar social historicamente determinado” (SANTOS, 1999, p. 41).

Nessa perspectiva, um discurso deve ser interpretado/compreendido a partir da conjuntura histórica em que foi produzido, uma vez que “enquanto efeitos de sentidos da enunciação toma forma no processo de interação porque se circunscreve na relação entre os sujeitos no contexto e na relação com outros discursos.” (SANTOS, 1999, p. 41).

O discurso não se trata de uma transmissão de informações entre sujeitos, mas sim, de “efeito de sentidos” – entre os sujeitos inseridos em um acontecimento discursivo – decorrentes da conjuntura histórica e também da imagem que o sujeito faz de si e do outro, sempre em uma relação de alteridade, pois “todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor” (PÊCHEUX, 1995, p. 84) a qual possibilita o sujeito a “imaginar” um possível efeito do seu dizer e assim, regular o seu discurso a partir do sentido que acredita produzir.

Pêcheux (1995) ainda deixa explícito que a exterioridade do sujeito é relevante na produção de sentidos, pois “traz, intrínseca a essa, a necessidade de se considerar a história como inerente ao discurso” (CASTRO NETTO, 2012, p. 39). Assim, a noção de discurso está imbricada à ideia de que dizeres são construídos por meio de já-ditos, de pré-construídos, funcionando como sentidos anteriores que são ressignificados nos dizeres do sujeito. É a partir disso, que emerge na teoria pecheutiana a noção de *interdiscurso* como sendo os discursos outros que são reinscritos e ressignificados em uma dada formação discursiva.

O interdiscurso funciona, portanto, como os discursos outros que atravessam a inscrição discursiva do sujeito em uma dada formação discursiva, produzindo sentidos outros. Por isso, ocorre em função da alteridade do sujeito que sempre enuncia sob forma de já-dito, fazendo com que o discurso seja um retorno a um dizer anterior e que é ressignificado em cada formação discursiva na qual se inscreve.

Cumpre ressaltar que o interdiscurso possui dupla face, seja ele um retorno do sujeito ao seu outro (com “o” minúsculo) que é o exterior que o constitui/interpela, e/ou um retorno ao seu Outro (com “O” maiúsculo), termo cunhado por Lacan, que está relacionado ao inconsciente do sujeito. Assim, os elementos do interdiscurso “constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina.” (PÊCHEUX, 1995, p.150).

Ainda, para Pêcheux:

[...] toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intricado no complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 162) (os grifos são do autor)

Sendo que é esse “todo complexo com dominante”, o interdiscurso, que determina uma dada formação discursiva, consistindo no fato de que “algo diz” sempre anteriormente e em outro lugar, sob a submissão do complexo das formações ideológicas. Logo, temos um sujeito ideológico que se constitui pelo seu discurso o qual é perpassado pela história, pelo inconsciente e, principalmente, pela ideologia, pois esta “em geral, permite pensar ‘o homem’ como um ‘animal ideológico’” (PÊCHEUX, 1995, p. 152) (os grifos são do autor) o que nos leva a afirmar que todo discurso é ideológico e também político.

A análise dos discursos políticos iniciou-se como um trabalho científico que tinha o objetivo de “tomar posição em um campo ideologicamente estruturado (demonstrando/criticando/justificando este ou aquele discurso, inscrito nesta ou naquela posição)” (PÊCHEUX, 2014 *apud* COURTINE, 2014, p 22.).

Para Pêcheux, o discurso político:

[...] muito além de sua função de camuflagem e de autojustificação, constituem também um vestígio, uma rede de indícios para compreender concretamente como se chegou até aqui e, ao mesmo tempo para reconstruir a memória histórica a partir deles. (PÊCHEUX, 2014 *apud* COURTINE, 2014, p 22.)

Devido ao seu caráter pragmático, o discurso político funciona como um meio de camuflagem, já que os sentidos dos dizeres são mascarados pelos sujeitos inscritos no discurso político a fim de convencer o eleitorado a colocá-los na posição desejada. Além disso, é possível comprehendê-lo como um elemento que dá pistas sobre o caminho que o sujeito percorreu até ocupar determinada posição, pois a historicidade e a ideologia do sujeito estão imbricadas a seus dizeres.

É por isso que

[...] não se pode pretender falar do discurso político sem tomar simultaneamente posição na luta de classes, pois, na realidade, essa tomada de posição determina, na verdade, a maneira de conceber as formas materiais concretas sob as quais as “ideias” entram em luta na história. (PÊCHEUX, 1990, p. 246 *apud* KOGAWA, 2013, p. 346) (os grifos são do autor)

Portanto, o discurso (político) e a luta de classes não podem ser dissociados, uma vez que um sujeito não enuncia sem se posicionar ou ocupar um lugar no interior de uma classe. Essa inserção do sujeito em um lugar social é o que vai determinar a sua materialidade discursiva que, por sua vez, dá pistas de como as ideias e os posicionamentos são concebidos pelos sujeitos.

Nesse estudo, tomarei a noção de discurso (político) como sendo a tomada de posição dos sujeitos, por meio dos seus dizeres, no interior da luta de classes. Entretanto, convém salientar que quando nos referimos à luta de classes, não estamos nos referindo à concepção desse termo situado no século XIX, aqui, falo da luta de classes de caráter ideológico, defendida por Althusser a partir de Marx.

Por entender que todo discurso é, de fato, ideológico e por isso, político, usarei neste trabalho a designação “discurso político” para me referir aos discursos que emergem no âmbito da política. Assim, a análise dos movimentos discursivos da instância-sujeito Marina Silva se baseará na investigação dos seus dizeres produzidos, especialmente, no campo da política brasileira, enquanto ativista, senadora, ministra do meio ambiente, candidata à presidência, entre outros cargos que tenha ocupado.

Agora que já apresentei a noção teórica de discurso, cabe apresentar algumas regularidades que o permeiam a fim de adequá-lo às suas condições de existência, uma vez que todo discurso deve ser regulado de acordo com o que pode ou não ser dito em dada conjuntura discursiva; com o todo complexo das formações ideológicas; e com as relações imaginárias que os sujeitos constroem de si e dos outros.

2.3 Formação Discursiva, Formação Ideológica e Formação Imaginária

A formação discursiva (doravante FD), cuja manifestação está vinculada à natureza interpellativa do processo enunciativo, revela determinadas inscrições das práticas discursivas. Com isso, todo discurso será uma resultante da produção de sentido pela inserção de enunciação com as formações discursivas que o constituem.

Para compreender essa noção, anculo-me em Pêcheux que diz ser a FD

aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de lutas de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma

exposição de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1995, p.160) (os grifos são do autor)

Então, a formação discursiva funciona como uma regularidade do discurso, já que determina o que pode ou não ser enunciado em determinada conjuntura a partir do complexo das formações ideológicas, ou ainda, aquilo que faz o sujeito dizer consoante ao lugar que ocupa, pois “uma formação discursiva existe historicamente no interior de determinadas relações de classes” (PÊCHEUX, 1995, p.167).

Por ter essa propriedade reguladora, concordo que é típico de toda formação discursiva “dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal”, (PÊCHEUX, 1995, p. 162) isto é, dissimula e ressignifica os discursos outros que nela estão inscritos. Como a “formação discursiva é o lugar da constituição do sentido” (PÊCHEUX, 1995, p. 162), o sujeito se vê interpelado a adequar/regular seu discurso às posições que ele ocupa e às condições históricas da sua prática discursiva, pois “sabemos que toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual sobre determinado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 1995, 2013).

Percebo, então, que o aspecto ideológico e a formação discursiva estão imbricados, pois os dizeres funcionam como um retorno do sujeito as suas inscrições discursivas que conduz o seu posicionamento social. Por isso, toda formação discursiva age sob um complexo denominado formações ideológicas, já que o sujeito condiciona o seu poder de dizer em uma dada prática discursiva, às posições ideológicas em que ele se inscreve.

A noção de formações ideológicas em Pêcheux parte da perspectiva althusseriana de que os indivíduos são interpelados em sujeitos discursivos por meio da ideologia. Para isso temos o excerto:

esta lei constitutiva da *ideologia* nunca se realiza "em geral", mas sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção. (PÊCHEUX, 2014, p. 164) (os grifos são do autor)

A ideologia não se reproduz de forma igual nos sujeitos, fazendo com que se comportem de forma homogênea na sociedade, ao contrário disso, o funcionamento da ideologia se dá por meio de um conjunto denominado *formação ideológica* que se

caracteriza como elemento de ruptura de uma dada formação social. Isso “significa que é impossível atribuir a *cada classe sua ideologia*, como se cada uma delas vivesse ‘previamente à luta de classes’, com suas próprias condições de existência” (PÊCHEUX, 1995, p. 144). (os grifos são do autor).

Compreendo, ainda, a noção de formação ideológica como “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p. 166). Portanto, é em função das formações ideológicas que os sujeitos percebem/concebem as mesmas “‘coisas’ de modo diferente (Liberdade, Deus, a Justiça, etc.)” (PÊCHEUX, 1990, p. 259). (os grifos são do autor).

Os sujeitos se constituem como único e singular, já que as formações ideológicas interpelam-nos de forma diferente; o mesmo ocorre com o sentido das palavras, expressões e proposições, que não são estanques, mas sim “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), isto é, muda “segundo as posições sustentadas pode aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

As posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos remetem às suas *formações imaginárias* que, para Pêcheux (1995), funcionam como a relação que os sujeitos têm com suas verdadeiras condições de existência. Isso implica uma projeção do sujeito para a imagem que tem de si, para a imagem que tem do outro; sempre em um processo de alteridade e clivagem.

Essas relações imaginárias “não são homogêneas precisamente porque tais ‘condições reais de existência’ são ‘distribuídas’ pelas relações de produção econômicas, com os diferentes tipos de contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações” (PÊCHEUX, 1995 p. 77) (os grifos são do autor). Ou seja, as relações imaginárias não ocorrem nos sujeitos de forma geral, já que a interpelação pela produção econômica age de forma singular em cada sujeito.

Segundo Pêcheux (1995), no âmbito dos processos discursivos, é a formação imaginária a responsável por fornecer ao sujeito representações de outro sujeito, possibilitando-o a construir e a regular o seu dizer a partir dessa imagem que projeta.

Sendo assim, as noções teóricas relacionadas as regularidades que permeiam o discurso fizeram-se de essencial importância, nesta investigação, porque ao analisar os dizeres da IES Marina Silva, percebi que, quando coloca-se no âmbito da política brasileira, principalmente, na ocupação do lugar de candidata à presidência da

República, inscreve-se em diferentes FDs, o que fez emergir do corpus o movimento discursivo de movência ideológica. Além disso, notei que houve uma transição em sua formação ideológica porque o Partido dos Trabalhadores, que se constituía como um de seus lugares de inscrição social, é, agora, um lugar de revolta, dúvida, contestação, ou seja, de contraidentificação que elucida, pois, um outro movimento no discurso, ou melhor, uma transformação ideológica.

Reitero que, neste capítulo, trouxe os referencias teóricos da Análise do Discurso de Linha Francesa, em especial, as noções postuladas por Pêcheux para embasar a análise da instância-sujeito proposta neste estudo. Pela necessidade de expor, pormenorizadamente, como se deu o processo de análise numa perspectiva metodológica, trago, mais adiante, os dispositivos metodológicos que conferem um caráter científico ao gesto de interpretação que lancei sobre os dizeres tomados como unidade de análise.

CAPÍTULO 3
FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

CAPÍTULO 3

FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

3. Considerações Gerais

Neste trabalho, objetivo analisar os movimentos discursivos da instância-sujeito Marina Silva em um recorte da sua trajetória política, mais especificamente, quando se desfiliou do Partido dos Trabalhadores e se inscreveu no Partido Verde; quando se candidatou à presidência da República pelo no Partido Socialista Brasileiro e, por fim, quando fundou o seu próprio partido que é a REDE Sustentabilidade.

Ter como objeto discursivo uma Instância Enunciativa Sujeitudinal significa analisar um sujeito discursivo pelo crivo da “contradição, equivocidade, opacidade, movência e deslocamentos do, no, para e entre formações discursivas no interior de um processo enunciativo” (SANTOS, 2009, p. 85). Assim, a partir dos objetivos e hipótese, lançarei um gesto de interpretação para esses movimentos, principalmente, no que concerne aos deslocamentos ideológicos, às movências e às transformações ideológicas.

Para compor o quadro de análise, o *corpus* se constituirá de três entrevistas concedidas pela instância-sujeito em estudo a distintos veículos midiáticos e de sua biografia oficial⁷ sobre a qual já foi lançado um gesto de interpretação devido à necessidade de contextualizar o objeto de pesquisa nas informações introdutórias desta dissertação.

Escolhi trabalhar com informações biográficas, pois nesse tipo de texto o que temos é um sujeito que se constrói pelo viés dos seus próprios dizeres. Já com o gênero entrevista, foi devido a sua dinamicidade discursiva: uma pergunta elucida outra, criando um jogo de articulação entre o entrevistador e o entrevistado. Selecionei apenas três entrevistas porque há nelas uma diversidade de inscrições discursivas em diferentes formações discursivas que são interpeladas pela inscrição da instância-sujeito em diferentes lugares, e por isso, entendi que seriam suficientes para o desenvolvimento da investigação.

No que diz respeito às formas de captação, primeiramente, por meio da *internet*, mais especificamente o sítio eletrônico Google, pesquisei por “entrevista Marina Silva PV”. Além disso, a determinação em iniciar a análise pelo período em que a instânci-

⁷ Disponível em: www.marinasilva.org.br/biografia/

sujeito em estudo esteve inscrita no Partido Verde se justifica porque quando ela se inscreve nesse lugar, acabara de se desfiliar do PT, o que pode resultar em possíveis movimentações discursivas. Dentre as entrevistas encontradas, a escolhida foi concedida à revista Rolling Stones, pois nela, o entrevistador resgata as antigas inscrições da IES o que pode, também, levar à ideia de movimentação.

Na segunda materialidade, utilizando a mesma ferramenta, pesquisei por “entrevista Marina Silva PSB”. Dessa vez, houve uma escassez em relação à quantidade de material disponível, pois nas eleições de 2014, inicialmente, quem enunciava como representante desse partido era o candidato à presidência da República, Eduardo Campos. Foi somente após a sua morte, em um período próximo às eleições, que Marina Silva deixa de ser candidata a vice-presidente e passa a ser candidata à presidência da República, transformando-se em foco dos veículos midiáticos. Assim, devido ao curto tempo que teve para prosseguir com a campanha política, não há uma diversidade de materialidades, enfocando este campo semântico.

Das entrevistas elencadas, escolhi a que foi concedida à revista Época em que esta instância-sujeito, além de se posicionar assumindo o lugar de líder político do PSB, também resgata momentos passados em relação a sua trajetória política, o que pode, mais uma vez, conduzir a uma movimentação discursiva.

Na terceira e última materialidade, a IES em estudo já se encontra inscrita em um outro partido político, a REDE Sustentabilidade, cuja criação é de sua autoria. Busquei por elementos que se inserissem nas chaves de busca “entrevista Marina Silva REDE” e “entrevista Marina Silva 2016”. Das entrevistas que apareceram, elegi a que foi concedida ao Programa Jô Soares em março de 2016, pois além de privilegiar uma temporalidade recente, apresenta uma diversidade de inscrições discursivas da instância-sujeito.

No que concerne aos detalhes da primeira entrevista, esta foi produzida no mês de setembro em 2010, na 48º edição da revista Rolling Stone, revista mensal que se ocupa, principalmente, em produzir matérias sobre música, cultura pop e política; sua circulação começou no ano de 2006 pela Spring Comunicações. Nesta materialidade, a IES está inscrita no Partido Verde e como se trata de um momento em que concorre à Presidência de República, as perguntas estão direcionadas às suas propostas de governo e aos seus ideais políticos, assim os contextos citados são: o uso consciente dos recursos naturais; a sustentabilidade como uma forma de desenvolvimento mundial; o comportamento dos brasileiros em relação ao meio ambiente; a desfiliação do Partido

dos Trabalhadores; a sua relação com a juventude brasileira engajada politicamente; o desejo pela presidência da República; a legalização da maconha; a corrupção; as possíveis alianças; e seus gostos pessoais como, por exemplo, músicas, livros, e sua religião.

Já a segunda entrevista foi realizada no mês de outubro do ano de 2014, pela revista *Época* que é de produção semanal e se ocupa em produzir matérias que abordam a política brasileira, economia, esportes e os assuntos de relevância mundial; sob responsabilidade da editora Globo. Nesta entrevista, a IES está filiada ao Partido Socialista Brasileiro e enuncia como candidata à presidência da República. Logo, os contextos citados são: as estratégias eleitorais para derrotar os adversários; as possíveis alianças políticas; o seu programa de governo; a sua relação com o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva; sua possível escolha de ministros; o marketing dos partidos adversários; a sua saída do Partido dos Trabalhadores e do Partido Verde; a sua religiosidade; e os seus anseios pessoais.

A terceira e última materialidade linguística é uma entrevista do mês de março de 2016, concedida ao programa *Jô Soares*, um *talk show*, exibido pela rede Globo desde o ano 2000, que se ocupa principalmente em realizar entrevistas diversas sob o comando do humorista Jô Soares. Nessa entrevista, a IES está inscrita na REDE Sustentabilidade como fundadora do partido, mas ainda não diz sobre possíveis candidaturas.

Os contextos citados são: a pesquisa de intenção de votos daquele momento que a colocava como primeira opção da população para ser presidente da República; a possibilidade de se candidatar no ano de 2018; o ingresso no PSB até à concessão das assinaturas para validar a REDE; a finalidade e a organização interna desse novo partido político; sua relação com a religiosidade e a interferência disso na política; o seu posicionamento em relação à atitude do juiz Sérgio Moro sobre a liberação das gravações das ligações telefônicas entre o ex-presidente Lula e a presidente Dilma; problemas relacionados ao meio ambiente; a crise que o Brasil enfrenta; e a proposta de novas eleições presenciais.

Vale ressaltar que essa materialidade encontrava-se no formato de vídeo e, para conferir um caráter científico, além de trazer à análise maior aproximação com a realidade, isto é, os detalhes de como esses dizeres foram proferidos, utilizei as seguintes normas de transcrição propostas do Preti (1999):

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	-----
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”

3.1 Dispositivos metodológicos de análise

No que tange à análise das materialidades citadas, trabalharei na perspectiva de Santos (2004) com duas instâncias de análise, sendo que na primeira, elegerei sequências discursivas (doravante SD) que são compreendidas como recortes de trechos da materialidade em que se percebe uma determinada regularidade; e na segunda, selecionaremos enunciados-operadores, definidos como recortes feitos dentro de uma dada sequência discursiva, o que possibilitará uma análise mais pormenorizada dessa SD.

O que chamo aqui de regularidades são elementos de recorrência, de particularidades, ou até mesmo, de “efeito provocado pela natureza de organização dos sentidos na enunciação” (SANTOS, 2004, p. 114). No sentido de estabelecer fronteiras na investigação, o *corpus* será recortado de acordo com as regularidades que apontem para movimentos discursivos da instância-sujeito Marina Silva em sua trajetória

política. Assim, para a disposição e organização das regularidades, utilizarei o dispositivo matricial que é a

compilação de evidências enunciativas, percebidas a partir do exame pormenorizado de elementos que significam em uma dada materialidade linguística em estudo, que apontam para uma conjuntura de significações na análise de um objeto discursivo. (SANTOS, no prelo)

Além disso, as matrizes funcionam como “síntese da macro-instância de uma manifestação discursiva”, ou melhor, “um mapeamento de ocorrências das regularidades no todo do *corpus*” (SANTOS, 2004, p. 114).

Na primeira coluna de cada uma das matrizes, colocarei as sequências discursivas que recortarei do *corpus* e, posteriormente, na segunda, colocarei os anunciados-operadores, recortados dessas SDs, os quais serão analisados pela significação de uma via linguística, fazendo emergir uma percepção discursiva pela emergência de sentidos e inscrições discursivas.

A terceira, ficará reservada para a análise das potencialidades da materialidade, ou melhor, para

comentários interpretativos resultantes de uma percepção epistemo-pragmática que deriva de uma interseção entre o suporte teórico, o problema da pesquisa e as regularidades que emergem no *corpus* da pesquisa” (SANTOS, no prelo)

Já na quarta coluna, trarei a síntese da percepção, isto é, “o estabelecimento de relações entre o suporte teórico, as regularidades do *corpus* e o gesto de interpretação construído em torno dos elementos constituintes da unidade de análise” (SANTOS, no prelo).

Acredito que, ao fazer a análise, encontrarei movimentos discursivos que conduzirão a deslocamentos, movâncias e transformações ideológicas, evidenciadas por meio de fenômenos discursivos como denegação, contradição, silenciamento e oscilação de lugares ocupados; instaurados no processo enunciativo das diferentes posições-sujeito nas quais a IES possivelmente se inscreve para colocar-se no âmbito da política brasileira. Além disso, creio que esses processos estejam relacionados aos diferentes momentos políticos os quais esteve inserida e nos quais se inscreveu, seja no PT, PV, PSB ou REDE.

Para isso, inscrevo-me na ADF, mais especificamente, na teoria pecheutiana, por acreditar que o discurso (em especial, o político) funciona como uma tomada de posição do sujeito diante da luta de classes; assim os aspectos experenciais da pesquisa estão relacionados ao campo da política brasileira. Mobilizei nesta pesquisa a noção de sujeito discursivo, já que, na análise, preocupo-me em desvelar não um indivíduo de natureza biológica, mas sim um sujeito que é fruto de uma clivagem de natureza social, ideológica, psicológica e histórica. A partir disso, analiso a IES enquanto sujeito da investigação que se movimenta no interior de sua FD, ocupando diferentes posições-sujeito e assumindo processos de identificação e desidentificação em relação aos lugares que ocupa.

Trago também o conceito de Discurso – como sendo um acontecimento, em que seu sentido está vinculado à conjuntura histórica e àquilo que pode ou não ser dito a partir dela. Imbricado à noção de discurso, apresento a noção de silêncio como elementos constituinte do processo da enunciação e, também, por se caracterizar como regularidade percebida nos dizeres da IES. Em relação à conceituação de Discurso Político, tomo-o nessa investigação como enunciados que são produzidos no âmbito da política brasileira, uma vez que não há como determiná-los como uma categoria, já que para Pêcheux todo discurso é ideológico, e em função disso, político. Posterior a isso, discuto sobre as regularidades que interpelam o sujeito no processo languageiro – as formações discursivas, ideológicas e, imaginárias – pois será a partir delas que, na análise, irei identificar as inscrições da IES e a movimentação discursiva provocada por essas inscrições.

Reitero que neste capítulo busquei explicitar, por meio das bases metodológicas, a forma como pretendo analisar o *corpus* da pesquisa. Assim, entendo que faz-se necessário avançarmos para a análise, mas, antes disso, ressalto que lançarei um gesto de interpretação aos dizeres da IES, em meio às inúmeras possibilidades enunciativas que possam existir, uma vez que, como instâncias-sujeito, não estamos livres da interpelação pelo crivo da singularidade.

CAPÍTULO 4
OS MOVIMENTOS DISCURSIVOS DA INSTÂNCIA-SUJEITO
MARINA SILVA

CAPÍTULO 4

OS MOVIMENTOS DISCURSIVOS DA INSTÂNCIA-SUJEITO

MARINA SILVA

4. Introdução

Neste capítulo, dedicar-me-ei à análise do funcionamento discursivo do *corpus*, o que significa dizer que lançarei um gesto de interpretação sobre as materialidades linguísticas, ciente de que não estou instaurando sentidos com efeito de verdade absoluta porque, ao interpretar, também sou interpelada pelas inscrições sociais que são sempre crivadas pela historicidade e pelo inconsciente. Por isso, o que farei será um exercício sobre uma das possibilidades de interpretação dos dizeres políticos da Instância Enunciativa Sujeitudinal Marina Silva.

A análise do *corpus*, nesta dissertação, é de cunho teórico descritivo-interpretativista. O termo descritivo relaciona-se à descrição pormenorizada que farei das regularidades presentes em cada sequência discursiva captada das materialidades linguísticas, que apontem para movimentos discursivos relacionados a deslocamentos, movências e transformações ideológicas, evidenciadas por meio de fenômenos discursivos como diferentes posições-sujeito, denegação, apagamento, identificação, contraidentificação, desidentificação, contradição e silenciamento, instaurados no processo enunciativo; já a denominação interpretativista deriva do gesto de interpretação que laçarei sobre as regularidades, tendo como filiação teórica a ADF e como base metodológica o dispositivo matricial, apresentado por Santos (2004).

Ao iniciar o processo de análise, elejo, em cada uma das entrevistas, levando em consideração a hipótese e os objetivos da pesquisa, SDs e as organizo nas primeiras colunas das matrizes. Em um segundo momento, recorto das SDs, Enunciados-Operadores (EOs), organizados na segunda coluna, a fim de focalizar as regularidades emergentes de cada sequência. A terceira coluna, reservo para enunciar sobre as potencialidades de cada elemento da materialidade que se configurou como uma interpretação pormenorizada de cada enunciado operador. A quarta e última coluna de cada matriz destinou-se a uma síntese da percepção em que, com o auxílio daquilo que foi observado na instância-macro (SDs) e na instância-micro (EOs), construí uma síntese do gesto de interpretação dos dizeres da IES que serão exploradas no próximo subtópico. Antecipo que, com essa atividade de análise percebo que a IES, ao enunciar

seus dizeres políticos, ocupa distintos lugares, oscilando entre diferentes posições-sujeito, movimentando-se por meio de fenômenos discursivos como silenciamento, denegação, esquecimento, identificação, contraidentificação e desidentificação; que a levam a deslocar-se/mover-se/transformar-se ideologicamente. Além disso, a IES inscreve-se em formações imaginárias que evocam discursos tais como o religioso, da virtude, da ética, da compaixão, da perda; para legitimar suas tomadas de posição e os lugares discursivos ocupados. Ao final dessa percepção, construí três matrizes, uma para cada entrevista, que funcionaram como o mapeamento dessas regularidades.

Uma vez que o propósito da investigação é analisar os movimentos discursivos da IES Marina Silva; identificar as diferentes posições-sujeito que ela ocupa e, a partir delas, explicitar, interpretando seus deslocamentos, transformações e movências ideológicas; trarei, primeiramente, as SDs e os EOs que evidenciam as diferentes posições-sujeito em que a IES inscreve-se em cada processo enunciativo, para posteriormente, na emergência dos lugares ocupados, mostrar e interpretar os movimentos discursivos relacionados ao deslocamento, à movência e à transformação.

É importante ressaltar que as análises foram produzidas por meio das regularidades encontradas nas materialidades linguísticas, organizadas em matrizes que estarão dispostas em forma de anexo dessa dissertação. Cumpre destacar, ainda, que as SDs e os EOs, aqui analisados, permanecerão com as numerações correspondentes àquelas que se encontram nas matrizes para que, assim, se torne mais fácil o seu acesso. Segue agora, a análise do *corpus*.

4.1 Posições-Sujeito e Movimentos Discursivos da IES Marina Silva

No âmbito do discurso político é comum que os sujeitos camuflam e mascarem os seus dizeres na tentativa de fazer soar um efeito de verdade que desejam para que, assim, seus eleitores os coloquem nos lugares almejados. Por esse motivo, os dizeres são sempre alicerçados em ideais que levem a população a um processo de identificação com o candidato. Além disso, é na tentativa de ser convincente, que os dizeres são ajustados às condições de produção, fazendo-se necessário que o sujeito ocupe diferentes lugares, isto é, assuma distintas posições-sujeito no processo enunciativo. O que chamo aqui de posição-sujeito está relacionada ao que Pêcheux (1995) postula sobre os diferentes lugares que o sujeito ocupa no interior do processo discursivo, conforme as formações discursivas, ideológicas e imaginárias que o interpelam.

Ao assumir diferentes lugares, isto é, distintas posições-sujeito, a IES movimenta-se discursivamente, segundo Santos (2009), por meio de processos como o *deslocamento* em que se move no interior de uma formação discursiva, inscrita em uma mesma formação ideológica; a *movência* em que se inscreve em diferentes FDs, mas ainda assim, ocupando uma mesma formação ideológica; e a *transformação* em que há uma mudança/transição de uma formação ideológica para outra. Por isso que para chegar aos movimentos discursivos da IES, faz-se necessário, primeiramente, identificar os lugares nos quais se inscreveu em sua trajetória política.

Por meio do mapeamento das regularidades compiladas nas matrizes, percebi que diferentes posições-sujeito emergiram de dizeres políticos proferidos pela IES Marina Silva, sendo elas: a posição-sujeito ativista/ambientalista; petista; candidata à presidência da República e anti-petista. Desta forma, mostrarei como se dão, no funcionamento discursivo, a ocupação desses lugares e, posteriormente a cada posição-sujeito, os movimentos discursivos que são interpelados por esses lugares.

Lançarei, agora, um gesto de interpretação sobre a posição-sujeito ativista/ambientalista e, posteriormente, verificarei se há movimentação discursiva da IES quando ocupa esse lugar.

4.1.1 Posição-sujeito ativista/ambientalista

Aqui, o que tomamos por posição-sujeito ativista/ambientalista é um lugar que a IES ocupa no interior do processo discursivo, fazendo emergir a sua interpelação pelas causas ambientais; além de suas tomadas de posição que revelem o seu desejo por mudanças no que se refere ao uso sustentável do meio ambiente. Esta posição-sujeito aparece fortemente imbricada à constituição da instância-sujeito Marina Silva, mesmo que, em alguns casos, haja um silenciamento desse lugar (ativista/ambientalista) em detrimento de outro que deseje se inscrever (candidata à presidência da República). Portanto, as sequências apresentadas abaixo não só trarão dizeres da IES no que se refere a sua trajetória em defesa do meio ambiente, mas também os dizeres em que a IES se inscreve no lugar discursivo de candidata à presidência, ocupando o lugar social de ativista/ambientalista.

Para iniciar, trago a SD1, recortada da primeira materialidade linguística (M1), entrevista concedida à revista Rolling Stone, no ano de 2010. Na época em que esses dizeres foram produzidos, a IES havia se desfiliado do Partido dos Trabalhadores e,

onze dias depois, ingressou no Partido Verde como candidata à Presidência da República. Portanto, as temáticas abordadas pautam-se na sua saída do PT, nas propostas de governo e sua experiência como candidata; além de abordar, também, o uso sustentável do meio ambiente.

[RS] Caso eleita, o que a senhora vai fazer pelo Brasil?

SD1

E o que estou propondo como o termo de referência é a sustentabilidade social, ambiental, cultural, política e ética, para produzirmos uma economia do século 21, baseada nos valores do século 21, orientados pela nova visão que se deve ter do mundo. Até há bem pouco tempo, se achava que os recursos naturais eram infinitos, que o desenvolvimento era linear. Hoje, sabemos tecnicamente e cientificamente que não é assim, e mudando a realidade, muda também o olhar para a realidade. Então, a realidade que nós temos hoje é a que vai exigir cada vez mais de nós. É uma nova forma de relação dos homens uns com os outros, dos homens consigo mesmos e dos homens com a natureza.

Para focalizar o lugar de ativista/ambientalista que a IES ocupa ao proferir esses dizeres, captei os seguintes enunciados operadores:

EO1 sustentabilidade social, ambiental, cultural, política e ética, para produzirmos uma economia do século 21

EO2 Até há bem pouco tempo, se achava que os recursos naturais eram infinitos

EO3 É uma nova forma de relação dos homens uns com os outros, dos homens consigo mesmos e dos homens com a natureza.

Nos EO1, EO2 e EO3, percebo que, mesmo sendo interpelada pela natureza da pergunta a responder como candidata à presidência da República, há uma forte inscrição ativista/ambientalista nos dizeres da IES, uma vez que deixa emergir o seu interesse, caso seja eleita, de tornar sustentável os âmbitos: social, cultural, político e, principalmente, o ambiental, fazendo com que haja melhor utilização dos recursos naturais. Além disso, um efeito de sentido que emerge desses dizeres é de que a IES coloca a defesa do meio ambiente como prioridade da sua candidatura.

Poderia dizer que a inscrição ativista/ambientalista da IES se deve a sua filiação no Partido Verde, mas ao observar a trajetória política da IES – como militante, que juntamente a Chico Mendes, fundou a Central Única dos Trabalhadores e lutou contra o desmatamento de florestas no estado do Acre; posteriormente como ministra do meio

ambiente no governo Lula; e, em 2016, como fundadora de um partido em que as diretrizes e o próprio nome (Rede Sustentabilidade) estão voltados para as questões ambientais – noto que essa posição se constitui como um lugar social da IES, isto é, um lugar que corresponde a sua forma-sujeito e ao lugar que ocupa no interior de sua classe.

Sigo, agora, com a SD2, em que a posição-sujeito ativista/ambientalista é silenciada em detrimento da posição-sujeito candidata à presidência em que a IES deseja se inscrever.

[RS] A senhora foi envolvida por isso (pela ideia de ser presidente) de alguma maneira?

SD2

Eu sempre digo que a gente pensa que tem uma causa, mas é a causa que tem a gente. Essa ideia me abraçou, com certeza, desde que essa causa me teve... É porque ninguém vira candidato a presidente da República de repente. Acho que era bom eu ser candidata, isso faz parte de um processo. E ainda que o indivíduo tem esse lugar como o sujeito que se coloca, ele também é colocado nesse lugar. E aí ele vai ter que fazer essa mediação entre aquilo que as pessoas têm como expectativa e o que ele se dispõe a fazer. E aí, nesse caso, chegou o momento que eu me dispus a fazer.

Nesta SD, a IES foi interpelada a responder como candidata à presidência da República e, mesmo sendo silenciada a inscrição ativista/ambientalista, percebo sua emergência por meio dos enunciados-operadores:

EO1 – Essa ideia me abraçou;
 EO2 – essa causa me teve;
 EO3 – ninguém vira candidato a presidente da República de repente;
 EO4 – Acho que era bom eu ser candidata;
 EO5 – isso faz parte de um processo;
 EO6 – o indivíduo tem esse lugar;
 EO7 – ele (o indivíduo) também é colocado nesse lugar;
 EO8 – chegou o momento;
 EO9 – me dispus a fazer.

Os EO1; EO2 e EO7 demarcam uma inscrição da IES em um lugar discursivo de candidata à presidência da República, que não corresponde ao seu lugar social (já evidenciado por meio de sua trajetória política) de ativista/ambientalista, pois enuncia como quem foi colocada no lugar de candidata, fazendo soar o sentido de que essa inscrição não lhe constitui ou não lhe representa. Essa possibilidade de interpretação corrobora com o EO3 em que a IES toma ciência de que uma inscrição política é

resultado de uma trajetória das condições de produção vigentes; da historicidade do sujeito. Nesse sentido a IES afirma que é por isso que “ninguém vira candidato a presidente da República de repente”. Nos EO4, EO5 e EO6 há uma demarcação do lugar discursivo de candidata à presidência da República que a IES deseja ocupar; além disso, emerge um efeito de sentido de que IES conhece as suas chances reais de ganhar a eleição, mas parte de uma formação imaginária de que se colocar como candidata faz parte de um processo político, interpretado aqui como uma forma de se obter força politicamente e/ou tomar a imagem mais propagada em âmbito nacional. Já os EO8 e EO9 mostram uma tentativa da IES se inscrever no lugar de candidata, colocando-se como disposta a estar nesse lugar.

Portanto, há em SD2, fenômenos discursivos relacionados às diferentes posições-sujeito instauradas no processo enunciativo, pois numa tentativa de ocupar o lugar de candidata à presidência da República, interpelada pelas condições de produção de estar filiada ao PV como candidata, a IES silencia o seu lugar social de ativista/ambientalista. Esse silêncio pode ser interpretado como uma tentativa de se inscrever no lugar discursivo de candidata e legitimá-lo em seu discurso político.

Sigo, agora, para a SD9 em que a IES se movimentando discursivamente por meio de um silêncio por excesso, deixa emergir o seu lugar social de ativista/ambientalista.

[RS] O que a campanha lhe ensinou sobre si mesma?

SD9

Uma coisa que não quero é deixar de ser eu só por que estou em campanha. Quero encarar essa campanha para presidente sendo eu mesma. E que significa isso? É preciso um esforço. O investimento para ser esse "si mesmo" não está apartado desse "nós" que se presentifica em minha pessoa, mas esse si mesmo tem a ver com aqueles valores que me são caros, profundos, que, se eu abrir mão deles são desestruturativos da minha essência e trajetória.

Abaixo, os enunciados-operadores que mostram a evidência do silêncio por excesso:

- EO36 – não quero é deixar de ser eu
- EO37 – sendo eu mesma
- EO38 – É preciso um esforço.
- EO39 – O investimento para ser esse "si mesmo"
- EO40 – esse si mesmo tem a ver com aqueles valores
- EO41 – desestruturativos da minha essência e trajetória

Noto que os EO36, EO37, EO38, EO39, EO40 e EO41 se encaminham para um fenômeno discursivo de silenciamento por excesso evidenciado pela necessidade da IES de reafirmar o sentido de que não deseja deixar de ser ela mesma; fazendo emergir um efeito de sentido de que não deseja abandonar suas convicções e/ou o lugar que ocupa. Essa necessidade de reafirmação nos leva a compreender que a IES, na referida eleição presidencial, não deseja afastar-se do seu lugar social de ativista/ambientalista. Além disso, quando a IES afirma não querer deixar de ser ela mesma, percebo que o efeito emergido é de que ela continua inscrita no lugar social de ativista/ambientalista, e somente o silencia porque ocupa um lugar discursivo de candidata.

Verei, a seguir, a SD26 que foi recortada da segunda materialidade linguista (M2), entrevista concedida à revista Época, no ano de 2014. As condições de produção desses dizeres estão vinculadas ao partido em que a IES estava inscrita, o Partido Socialista Brasileiro, e a sua função nessa conjuntura, candidata à presidência. Como a IES havia se desfiliado de partido novamente, neste caso do PV, as temáticas da entrevista foram pautadas em suas tomadas de posição no âmbito da política brasileira; além de suas propostas de governo, estratégias eleitorais em relação aos adversários e também possíveis alianças políticas. Na SD abaixo, a IES está inscrita numa formação discursiva de candidata, mas retoma/resgata seu lugar social de ativista/ambientalista para legitimar o seu discurso político. Veja:

[RE] A senhora é conhecida por suas convicções fortes. Algumas delas levaram a rupturas, como quando a senhora deixou o governo Lula, depois o PT e depois o PV. Não existe na história nenhum presidente que, em algum momento, não tenha engolido parte de suas convicções para poder governar. Está pronta para isso?

SD26

Sou uma pessoa do diálogo. Quando fui ministra do Meio Ambiente, para dar a licença mais difícil deste país, a transposição do Rio São Francisco, tive de fazer muita mediação. E me sinto inteiramente coerente. Dar a licença para as hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau exigiu muito diálogo. E me sinto inteiramente coerente. Dar a licença da BR-163, que não foi feita até hoje, exigiu também muita mediação, mas me mantive coerente. Agora, posso dizer: quando tentaram revogar as medidas de combate ao desmatamento, causando um prejuízo à Amazônia e ao governo do presidente Lula, me mantive coerente saindo

Os EOs abaixo denotam uma inscrição da IES na posição-sujeito ativista/ambientalista para legitimar seus dizeres e suas tomadas de posição no âmbito da política brasileira.

EO111 – Quando fui ministra do Meio Ambiente, para dar a licença mais difícil deste país, a transposição do Rio São Francisco

EO112 – Sou uma pessoa do diálogo

EO113 – me sinto inteiramente coerente

EO114 – Dar a licença da BR-163, que não foi feita até hoje, exigiu também muita mediação, mas me mantive coerente

EO115 – quando tentaram revogar as medidas de combate ao desmatamento, causando um prejuízo à Amazônia

EO116 – ao governo do presidente Lula, me mantive coerente saindo.

Noto que a natureza da pergunta que gerou a SD26 possui um teor crítico principalmente no trecho em que diz “A senhora é conhecida por suas convicções fortes. Algumas delas levaram a rupturas, como quando a senhora deixou o governo Lula, depois o PT e depois o PV”, pois faz emergir o sentido de que a IES também não conseguirá levar adiante, caso seja eleita, a presidência da República, uma vez que quando esteve exposta a uma situação em que não se inscreveu, houve, de sua parte, uma tomada de posição de ruptura partidária: primeiro quando estava ocupando o cargo de ministra do meio ambiente no governo Lula e deixou PT dizendo que passava por dificuldades de dar continuidade à agenda ambiental federal⁸; posteriormente, quando se inscreveu no Partido Verde e se desfiliou argumentando que “A direção da legenda resistia a democratizar suas práticas e a renovar seus dirigentes por meio de eleições, compromisso que havia assumido em 2009.”⁹ Portanto, evidencia-se que a IES foi colocada em uma situação desconfortável que poderia levá-la a produzir dizeres que a comprometesse politicamente e, na tentativa de não produzir esses sentidos escorregadios, vale-se de um silêncio por excesso evidenciado pela reafirmação do sentido de que tem sido coerente em suas tomadas de posição (rupturas partidárias). No entanto, a necessidade da IES de reafirmar (silêncio) que tem sido coerente me leva ao sentido outro que deseja silenciar, isto é, de que em suas tomadas de posição de filiação e ruptura partidária não houve coerência política, ou seja, os posicionamentos assumidos não foram sustentados politicamente, como, por exemplo, a permanência em um partido em que se inscreveu. Portanto, aqui, a posição-sujeito ativista/ambientalista

⁸ Disponível em: <http://marinasilva.org.br/biografia/>

⁹ Disponível em: <http://marinasilva.org.br/biografia/>

é chamada pela IES como uma forma de legitimar os seus dizeres acerca de sua coerência no âmbito da política.

Mais adiante, trago a SD35 que foi captada da terceira materialidade linguística (M3), entrevista concedida ao Programa do Jô Soares, no ano de 2016. As condições de produção desses dizeres estão relacionados: ao lugar que a IES ocupa, atualmente, no cenário da política brasileira, não possui cargo público e segue como porta-voz do partido que fundou, a REDE; e ao momento político vigente em 2016, que culminou com um processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff e seu afastamento. Assim, as temáticas citadas se referem de forma geral à organização e características desse novo partido político; às próximas eleições; e à condução do processo de impeachment. Observe:

[PJ] “não... tá bom () agora fala a verdade... ((PLATEIA RI)) já tá formando ministério?” (...) “me diga sinceramente você acha que não será? É possível nesse momento? todo político SEMpre fala que não é candidato... mas você não é uma candidata NATURAL nesse momento? ...”

SD35

(...) eu tenho dito Jô eu falo isso do fundo do meu coração... o meu objetivo de vida não é ser presidente do Brasil... ((MEIO SORRISO)) se tiver que ser as circunstâncias já me colocaram nesse lugar por suas vezes mas o meu... principal objetivo de vida é ver um Brasil melhor e um mundo melhor... é por isso que eu identifiquei no Eduardo a possibilidade de dar... aquela contribuição... eu não me () me nego as minhas responsabilidades eu me coloco nesse lugar de responsabilidade MAS não acho que a gente deva ficar pensando o tempo todo nas próximas eleições eu acho deixar de PENSAR a nação qual é o projeto de país o que nós queremos em só pensar em eleição é o que nos trouxe a essa situação em que nós estamos... hoje

Para a focalização uma inscrição da IES na posição-sujeito ativista/ambientalista como uma denegação da possibilidade de se candidatar nas próximas eleições (2018), apresento a emergência dos seguintes EOs:

EO148 – o meu objetivo de vida não é ser presidente do Brasil
 EO149 – as circunstâncias já me colocaram nesse lugar por duas vezes
 EO150 – mas o meu principal objetivo de vida é ver um Brasil melhor e um mundo melhor
 EO151 – não acho que a gente deva ficar pensando o tempo todo nas próximas eleições
 EO152 – só pensar em eleição é o que nos trouxe a essa situação em que nós estamos... hoje

Identifiquei que em EO148 e EO149 há uma denegação por parte da IES – manifestada pela negação de que seu “objetivo de vida não é ser presidente do Brasil” –

de uma possível candidatura em 2018, fazendo emergir o efeito de sentido de que também denega o desejo pela presidência da República. No EO150, existe a evidência, notada na aspiração da IES por um Brasil e mundo melhor, de uma inscrição ativista, utilizada, aqui, para legitimar seus dizeres no que se refere à denegação da possibilidade de se candidatar novamente, além de uma denegação do seu desejo pela presidência. Já nos EO151 e EO152, existe uma tomada de posição da IES em se colocar politicamente no cenário nacional como um sujeito que não faz das próximas eleições um evento para se promover, essa inscrição denota uma formação imaginária na qual a IES deseja construir uma imagem de si em relação à sociedade.

Portanto, comprehendo que, aqui, a IES se inscreve na posição-sujeito ativista/ambientalista numa tentativa legitimar os seus dizeres de que o seu interesse está relacionado ao futuro do Brasil e do mundo, e não nas próximas eleições e/ou ao cargo de presidente. Entretanto, entendo que essa tomada de posição funciona como um fenômeno discursivo de denegação do seu desejo pela presidência e da possibilidade de se candidatar em 2018, pois ainda que o lugar de ativista/ambientalista seja um lugar social ocupado pela IES, não se pode desvincilar das condições de produção desses dizeres, ou seja, já se candidatou a presidente por duas vezes em eleições consecutivas; fundou o seu próprio partido político, além de que, na continuação dessa mesma materialidade linguística – que será explorada com mais detalhes adiante – propõe novas eleições como solução para a crise política relacionada ao processo de impeachment, justamente no momento em que havia subido nas pesquisas de intenção de voto.

Passo agora para a SD45 da M3, em que a posição-sujeito ativista/ambientalista é chamada pela pergunta do entrevistador, pois o tema citado está relacionado ao desastre que ocorreu na cidade de Mariana, ao final do ano de 2015, em Minas Gerais. A pergunta girou em torno de certa ausência e a não participação direta da IES nesse acontecimento. Cabe explicar em nível de condições de produção que o desastre de Mariana (MG) se constituiu do rompimento da barragem de Fundão que ficava sob responsabilidade/supervisão da empresa Samarco, deixando como consequência pessoas mortas, desaparecidas e danos irreversíveis na cidade e nas propriedades particulares nos arredores das áreas devastadas pela lama. A pergunta que gerou a sequência abaixo está relacionada ao fato da IES não ter ido ao local do desastre e sobre as críticas que essa tomada de posição gerou.

[PJ] “você sabe que a crítica houve né?”

SD45

é a crítica houve mas eu tenho um posicionamento em relação a isso quando aconteceu o desastre aqui e eu fui uma das primeiras a dizer que não era um desastre era um crime ambiental... porque aquilo houve negligência por parte DAS empresas... eu não fui porque eu não QUIS instrumentalizar o momento de dor daquelas pessoas... (...) EU procurei fazer o meu trabalho como eu sempre:: faço... eu conversei com alguns amigos juristas inclusive alguns do ministério público... para ver como é que a gente transforma aquele tipo de crime em crime hediondo...para ver como é que... os... diretores da empresa os presidentes da empresa têm os seus bens bloqueados quando aconTEce um crime daquela natureza... e quando eu fui éh:: n/ na França para a Convenção do Clima... eu procurei a equipe do professor Edgar Morin que tem um tribunal internacional... que faz julgamento desses crimes ambientais com a magnitude que teve o problema de Marina e... eles estão em tratativas aqui no Brasil... PArá possivelmente levar aquele caso a esse... éh:: tribunal internacional então é o trabalho que eu faço eu não sou de instrumentalizar as coisas para me promover...

Para evidenciar a inscrição ativista/ambientalista imbricada na trajetória política da IES, tomo os seguintes EO:

EO208 – eu fui uma das primeiras a dizer que não era um desastre era um crime ambiental
 E209 – houve negligência por parte DAS empresas...
 EO210 – eu não fui porque eu não QUIS instrumentalizar o momento de dor
 EO211 – EU procurei fazer o meu trabalho como eu sempre::
 EO212 – conversei com alguns amigos juristas inclusive alguns do ministério público...
 EO213 – para ver como é que a gente transforma aquele tipo de crime em crime hediondo...
 EO214 – para ver como é que... os... diretores da empresa os presidentes da empresa têm os seus bens bloqueados
 EO215 – quando eu fui éh:: n/ na França para a Convenção do Clima...
 EO216 – um tribunal internacional... que faz julgamento desses crimes ambientais
 EO217 – eles estão em tratativas aqui no Brasil...
 EO218 – é o trabalho que eu faço eu não sou de instrumentalizar as coisas para me promover...

Nos EO208 e EO209, a substituição do item lexical “desastre” por “crime ambiental” marca uma inscrição ativista/ambientalista da IES, e uma tomada de posição que contraria a posição de quem classifica o ocorrido em Mariana como um desastre; no EO211 o uso do item lexical “sempre” mostra que a IES tem uma trajetória ativista/ambientalista, podendo ser facilmente identificada quando retomo os dizeres sobre o seu ingresso no âmbito da política feito por meio da sua relação com o ativista político, seringueiro e também fundador da CUT do Acre, Chico Mendes. Já nos EO212, EO213, EO214, EO215, EO216 e EO217, evidencia-se uma tomada de posição

da IES como ativista/ambientalista, uma vez que deseja criminalizar o ocorrido em Mariana bem como punir os responsáveis. No EO218, tem-se a evidência de uma formação imaginária que a IES deseja construir de si enquanto ativista/ambientalista, isto é, um sujeito político que não usa sua imagem em momentos desastrosos para se promover politicamente.

As análises supracitadas encaminham uma forte inscrição da IES em um lugar social de ativista/ambientalista, evidenciada pela forma como concebe o desastre ocorrido na cidade de Mariana – MG; e por sua interpelação em desejar tornar crime o acontecimento e responsabilizar os autores da tragédia. Existe ainda, uma tomada de posição no que se refere a sua participação direta no acontecimento, inscrevendo-se no discurso de não “instrumentalizar o momento de dor” e não se promover politicamente. Além disso, noto evidências enunciativas que marcam a posição-sujeito ativista/ambientalista em todo o período de sua trajetória política.

Por fim, reitero que, ao analisar os dizeres das sequências acima, percebo que a posição-sujeito ativista/ambientalista assumida pela IES emerge: relacionada à oscilação de lugares; como uma forma de legitimar uma coerência para as suas tomadas de posição; como uma denegação do seu desejo pela presidência da República; além disso, chama-me atenção que, mesmo em materialidades linguísticas (M1, M2 e M3) produzidas em conjunturas históricas distintas, essa posição-sujeito aparece fortemente imbricada à trajetória política da IES, constituindo-se como um lugar social instaurado em seus dizeres políticos.

Agora, que já analisei como se instaura a posição-sujeito ativista/ambientalista nos dizeres da IES bem como os fenômenos discursivos que emergem à superfície enunciativa pela análise desses dizeres, sigo com uma seção sobre os movimentos discursivos que, nesta posição-sujeito, se apresentam ausentes, mas que me cumpre a função de explicitá-los nesta análise.

4.1.1.1 A ausência de movimentos discursivos na posição-sujeito ativista/ambientalista

Para que haja a compreensão do que estou tratando neste subtópico, ressalto o que chamo de movimentos discursivos. De acordo com Santos (2009), os movimentos discursivos dizem respeito a processos de: deslocamento que ocorre quando a IES desloca-se em uma mesma formação discursiva inscrita em uma mesma formação

ideológica; movência quando o sujeito ocupa diferentes lugares discursivos, mas inscrevendo-se em uma mesma formação ideológica; e, transformação quando há uma transição na prática discursiva da IES, que a inscreve em outra formação ideológica. Desta forma, acho coerente estudar esses movimentos enunciativos somente após análise das posições-sujeito, uma vez que os processos de deslocamento, transformação e movência só são perceptíveis quando se sabe os lugares em que a IES se inscreve em seus dizeres.

Na posição-sujeito ativista/ambientalista, noto que a IES se inscreve neste lugar para legitimar seus dizeres políticos que, muitas vezes, conduzem a uma denegação ou a um silenciamento. Entretanto, é explícito que esta inscrição constitui-se um lugar social ocupado pela IES, pois além de sua origem política estar relacionada à luta em prol das causas ambientais, é notável, em toda sua trajetória, seja no PT, PV, PSB ou REDE, sua inscrição nesta posição-sujeito. Sendo assim, cheguei à interpretação de que não há, por parte da IES, movimentos discursivos relacionados a sua inscrição ativista/ambientalista, pois quando ocupa esse lugar, enuncia de uma formação discursiva que corresponde a sua formação ideológica, percebidas, inclusive, nas M1, M2 e M3. Logo, entendo que a ausência de movimentos se dá porque a inscrição ativista/ambientalista da IES constitui a sua forma-sujeito.

Continuo, adiante, com a posição-sujeito petista e, após sua análise, trarei os movimentos discursivos que interpelam a ocupação deste lugar.

4.1.2 Posição-sujeito petista

Antes de iniciar com a análise das SDs que evidenciam esse lugar ocupado pela IES, delimito que a posição-sujeito petista ocorre quando a IES se coloca em um lugar de identificação com o Partido dos Trabalhadores. Cumpre adiantar, que essa posição somente é percebida na M1 e M2, pois na M3, há uma transformação ideológica por parte da IES que a inscreve em um lugar de contraidentificação com este partido. Portanto, a inscrição petista não faz parte da trajetória política da IES, mas sim, de um momento em que ocupou esse lugar.

Sigo com a SD3, SD4 e SD5 da M1 agrupadas porque além de evidenciarem posição-sujeito petista, fazem parte de uma mesma regularidade, *uma inscrição da IES no discurso da perda ao anunciar sobre a desfiliação do Partido dos Trabalhadores:*

[RS] E a decisão de deixar o PT, foi difícil? Por quê?

SD3

Foi porque são 30 anos de militância, de construção e isso não é algo que se elabore facilmente, nem politicamente, nem afetivamente.
e. Eu ainda estou fazendo este luto.

[RS] Foi como o fim de um casamento longo?

SD4

Como quando você pertence a um partido, tem o nome de filiado, é como se fosse uma espécie de desfiliação, no sentido de deixar de fazer parte daquele grupo, ainda mais com o nível de construção que a gente tinha. (...)Isso foi uma construção, uma grande contribuição para a democracia brasileira de que tenho orgulho de ter feito parte. Para mim, essa é uma herança que nunca será maldita.

[RS] Foi uma decisão sábia?

SD5

Eu diria que, espero que se a decisão foi sábia, ela se revelará no futuro. O que posso dizer agora é que foi uma decisão necessária.

Para que fosse possível focalizar o lugar de petista ocupado nos dizeres da IES, trouxe os seguintes EO's:

SD3

EO13 – “30 anos de militância”
EO14 – “nem politicamente, nem afetivamente”
EO15 – “fazendo este luto.”

SD4

EO16 – “pertence a um partido”
EO17 – “tem o nome de filiado”
EO18 – “fosse uma espécie de desfiliação”
EO19 – “deixar de fazer parte daquele grupo”
EO20 – “o nível de construção”
EO21 – “grande contribuição para a democracia brasileira”
EO22 – “tenho orgulho de ter feito parte”
EO23 – “uma herança que nunca será maldita.”

SD5

EO24 – “revelará no futuro”
EO25 – “foi uma decisão necessária”

Na SD3, nos EO13, EO14 da M1 e EO15 da M2, há uma identificação da IES com o Partido dos Trabalhadores e o item lexical “luto” evidencia uma inscrição no discurso da perda, emergindo o sentido de que ainda sofre os efeitos do rompimento partidário.

Na SD4, nos EO16, EO17, EO18 e EO19 há, mais uma vez, a inscrição da IES no discurso da perda ao enunciar sobre sua desfiliação do PT; e em EO20, EO21, EO22 e EO23, os itens lexicais “orgulho” e “herança” mostram que, mesmo estando filiada ao Partido Verde, existe um lugar social de identificação da IES com o Partido dos Trabalhadores, o qual constituiu sua origem política. Aqui, posso falar em uma oscilação de lugares assumidos pela IES, uma vez que se encontra filiada em um partido e apresenta inscrição social em outro.

Na SD5, nos EO24 e EO25, identifiquei a inscrição da IES em um lugar discursivo de dúvida quanto ao seu posicionamento de deixar o Partido dos Trabalhadores, que faz emergir um efeito de sentido de ainda se encontra inscrita ideologicamente no lugar de petista. Essa interpretação corrobora com o fato de que, ao observar a expressão “decisão necessária”, fica explícito que a tomada de posição em desfiliar do PT ocorreu em função de uma necessidade política e não exatamente por não existir mais uma inscrição social neste partido.

Na compilação da SD3, SD4 e SD5, noto uma forte inscrição da IES no Partido dos Trabalhadores, mesmo estando filiada e concorrendo à presidência pelo Partido Verde. A instauração da posição-sujeito petista nessas SDs pode ser mais bem compreendida se levada em consideração as condições de produção desses dizeres, a IES havia desfiliado-se do PT após uma longa trajetória política, em que ocupou cargos como de vereadora, deputada estadual, senadora e, por fim, ministra do meio ambiente no governo Lula.

Abaixo, a SD6, SD7 e SD8¹⁰ da M2 em que é possível perceber o lugar de petista ocupado pela IES e, também, a regularidade em relação a *uma posição de confronto ao anunciar sobre a desfiliação do PT, mas que ainda sim, é perceptível uma identificação com esse partido.*

[RS] A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?

SD6

Eu diria que os ideais que o PT colocou como os seus grandes ideais, em parte, vêm se realizando. Obviamente que houve um descolamento da parte de alguns em relação a várias questões, mas, em parte, vêm se realizando.

¹⁰ A materialidade linguística que gerou a SD6, SD7 e SD8, é uma única resposta que a IES deu à pergunta do entrevistador. Decidi por dividi-la em três SDs para que a regularidade da posição-sujeito petista fosse melhor focalizada.

[RS] A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?

SD7

O que me fez sair do PT foram as mesmas razões pelas quais fiquei durante 30 anos. Eu saí para manter a minha conectividade com os ideais que eu acredito. E o PT não foi capaz de se conectar com as utopias do século 21.

[RS] A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?

SD8

Quando digo que realizou em parte: se nós olharmos para o propósito da inclusão social, eu diria que progressivamente há uma contribuição nessa direção. Tirar 25 milhões de pessoas da linha da pobreza em oito anos - isso é altamente relevante e significativo.

A fim de evidenciar a regularidade em que a IES se coloca numa posição de confronto com o PT, mas ainda se inscreve nesse partido ideologicamente, seguem os EOIs:

SD6

EO26 – Eu diria que os ideais que o PT colocou como os seus grandes ideais, em parte, vêm se realizando
 EO27 – um descolamento da parte de alguns em relação a várias questões
 EO28 – vêm se realizando

SD7

EO29 – fiquei durante 30 anos.
 EO30 – saí para manter a minha conectividade
 EO31 – PT não foi capaz de se conectar

SD8

EO32 – o propósito da inclusão social
 EO33 – há uma contribuição nessa direção.
 EO34 – Tirar 25 milhões de pessoas da linha da pobreza em oito anos
 EO35 – é altamente relevante e significativo

Na SD6, nos EO26 e EO28, há a evidência de um processo de identificação da IES com o Partido dos Trabalhadores. Já no EO27, além de apresentar uma ideia de confronto da IES com este partido, os itens lexicais “alguns” e “várias” denotam um fenômeno discursivo de silenciamento por excesso em relação àquilo que a IES diz ser transformações ideológicas ocorridas no Partido dos Trabalhadores. Esse silêncio, vinculado aos EO26 e EO28 pode ser compreendido como uma denegação das transformações ideológicas citadas.

Na SD7, no EO29, o termo “30 anos” mostra a trajetória política da IES dentro do Partido dos Trabalhadores e um lugar social de inscrição nesse partido ainda percebido na M2. Nos EO30 e EO31, há um fenômeno discursivo no que concerne às posições-sujeito instauradas na discursividade do Partido dos Trabalhadores, uma vez que a IES, mesmo ocupando um lugar social de inscrição no PT, assume uma posição de confronto com os ideais desse partido.

Na SD8, nos EO32, EO33, EO34 e EO35, tem-se por meio dos termos “inclusão social”, “contribuição”, “altamente relevante” uma explícita inscrição social da IES no PT, o que denota um lugar social ainda ocupado, revelando um fenômeno discursivo no que tange a contradição entre a sua inscrição partidária (PV) e a sua inscrição no lugar social (PT).

Por meio do agrupamento das SDs acima, percebo que mesmo quando a IES assume uma posição de confronto com o Partido dos Trabalhadores, normalmente quando enuncia sobre os motivos de sua desfiliação partidária, há a evidencia da sua posição-sujeito petista, pois não consegue camuflar o seu lugar social de inscrição neste partido. Noto que essa regularidade é perpassada pelo fenômeno discursivo de contradição entre a inscrição de filiação política no PV e inscrição de seu lugar social no PT, o que fortifica a interpretação de que o lugar social da IES é o de petista.

Adiante, temos as SD19, SD20 e SD21 da M2 em que há a ocupação da posição-sujeito petista, além de haver uma regularidade no que diz respeito a *um processo de identificação da IES com o ex-presidente Lula*.

[RE] Lula já lhe fez ataques indiretos e disse que a senhora espalha inverdades. Por que a senhora não responde aos ataques dele? Por que lhe oferece a outra face, como já disse?

SD19

Porque a outra face é o melhor símbolo do amor

[RE] E por que esse amor incondicional?

SD20

Porque faço política por amor. Não faço política por ódio, graças a Deus. Uma pessoa como eu, com a origem que tem, se está neste lugar agora, é para fazer alguma coisa que seja boa e construtiva para o Brasil, para as pessoas, para a política. Minha disputa é com a presidente Dilma.

[RE] A senhora não acredita que o ex-presidente Lula partilha essa estratégia de comunicação com João Santana?

SD21

Espero profundamente que ele dê conselhos de que essa não é a melhor estratégia. Lula já enfrentou o que enfrento hoje. Essa parte da nossa história talvez me faça jamais perder esse vínculo com ele. Sei como dava trabalho explicar aos pastores que, se Lula ganhasse, ele não confiscaria as Bíblias. Sei como dava trabalho explicar para as pessoas com 100 hectares de terra que, se Lula ganhasse, não repartiria o pequeno sítio deles. Como dava trabalho explicar para a sociedade que, se Lula ganhasse, não acabaria com as empresas brasileiras. Vivi isso defendendo Lula. Jamais imaginei que a candidata do PT fosse fazer a mesma coisa comigo.

Para mostrar a identificação da IES com o ex-presidente Lula, tem-se os seguintes EOs:

SD19

EO80 – a outra face é o melhor símbolo do amor

SD20

EO81 – faço política por amor

EO82 – Não faço política por ódio, graças a Deus

EO83 – Uma pessoa como eu

EO84 – neste lugar agora

EO85 – alguma coisa que seja boa e construtiva para o Brasil

SD21

EO86 – dê conselhos de que essa não é a melhor estratégia

EO87 – Lula já enfrentou o que enfrento hoje

EO88 – talvez me faça jamais perder esse vínculo com ele

EO89 – Jamais imaginei que a candidata do PT fosse fazer a mesma coisa comigo

Na SD19, no EO80 a IES, ao evocar a interdiscursividade bíblica de “dar a outra face”, parafraseia uma passagem localizada no evangelho de Mateus, que diz sobre resistir à vingança do “olho por olho, e dente por dente”. Esse trecho é encontrado em duas partes da Bíblia: anterior ao ensinamento de “amar seus inimigos” e posterior a esse mesmo mandamento. Logo, o que ressoa desta sequência é que a IES, interpelada pela natureza religiosa da pergunta, se reveste de uma inscrição discursiva no discurso religioso perpassado pelo discurso da bondade e do perdão para ocupar um lugar de compaixão aos seus inimigos e, ao mesmo tempo, silenciar sua tomada de posição em relação aos dizeres do ex-presidente Lula, emergindo um efeito de sentido de que a IES é interpelada por um processo de identificação com o ex-presidente.

Na SD20, nos EO81 e EO82, há o atravessamento do discurso religioso, evocando o discurso do amor, que faz emergir um possível efeito de sentido de que a IES ainda se identifica com o ex-presidente Lula e com o Partido dos Trabalhadores.

Além disso, nos EO83, EO84 e EO85, os termos “uma pessoa como eu” e “neste lugar” mostram o atravessamento do discurso da humildade que pode ser interpretado como uma tentativa da IES de construir uma imagem de si, além de legitimar os seus dizeres sobre fazer política por amor.

Na SD21, nos EO86, EO87 e EO88, tem-se uma inscrição da IES de identificação com o Partido dos Trabalhadores e com o ex-presidente Lula, evidenciada pelo item lexical “vínculo”, entretanto no EO89 apresenta-se um processo de contraidentificação com a ex-presidente Dilma interpelada pela forma como estava sendo conduzido o marketing da sua campanha eleitoral.

Noto que a posição-sujeito petista é assumida nas SDs analisadas como um lugar social instaurado nos dizeres da IES na M1 e M2. Entendo que há uma forte inscrição no Partido dos Trabalhadores e sugiro que ela se dê pela trajetória política da IES que está imbricada a este partido político. Cumpre salientar que, nesta posição-sujeito, há uma oscilação de lugares que leva ao fenômeno discursivo de contradição, uma vez que ocupa o lugar de filiação política no PV, mas sua inscrição social é no PT. Essa inscrição da IES passa por um processo de transformação em sua trajetória política e, na M3, já é possível perceber traços de uma contraidentificação com este mesmo partido político, que ainda serão explicitados neste capítulo.

Agora, que já identifiquei como a IES se comporta discursivamente por meio da posição-sujeito petista, trarei os movimentos discursivos concernentes a esse lugar de inscrição.

4.1.2.1 Movimentos discursivos da posição-sujeito petista

Nesta posição-sujeito ocupada pela IES, percebo que os seus dizeres fazem emergir um efeito de sentido de que há uma identificação explícita com o Partido dos Trabalhadores – e, também, com o ex-presidente Lula –, seja no momento em que se inscreve no discurso da perda para enunciar sobre sua desfiliação; ou até mesmo quando há uma situação de confronto com o partido, mas que as inscrições sociais não puderam ser camufladas. É essa inscrição de identificação da IES que leva a dois movimentos discursivos nesta posição sujeito, o deslocamento e a movência.

Nas SD3, SD4, SD5, SD6, SD7 e SD8, falo em um movimento discursivo relacionado ao deslocamento, pois a IES mesmo estando filiada ao Partido Verde, continua inscrita na formação ideológica do Partido dos Trabalhadores. Quero dizer,

move-se apenas no interior da mesma formação discursiva de petista, para ocupar um lugar discursivo no Partido Verde, uma vez que não encontra-se mais filiada ao PT. Vale ressaltar que, neste processo de deslocamento ideológico, a IES não assume diferentes FDs, ela apenas transita entre um lugar social de petista e um lugar discursivo no PV.

Assim, entendo que o movimento de deslocamento, ou seja, a movimentação da IES no interior de uma mesma formação discursiva dentro da formação ideológica do PT, é resultado da sua forte inscrição petista ainda presente quando se inscreveu no PV. Esse processo de deslocamento pode ser mais bem compreendido se levarmos em consideração a origem política da IES e sua trajetória de militância dentro do Partido dos Trabalhadores que durou 30 anos, justificando assim, a sua inscrição ideológica em um partido mesmo estando filiada a outro.

Nas SD19, SD20 e SD21, há um movimento discursivo relacionado à movência, uma vez que a IES, ainda estando inscrita na formação ideológica do PT, oscila entre o lugar de identificação com o ex-presidente Lula e o lugar de confronto com a candidata desse mesmo partido, Dilma Rousseff. Logo, a movência existe porque, ocupando a mesma base ideológica petista, a IES move-se do lugar de identificação com esse partido político para o de identificação apenas com Lula, explicitando assim, um outro lugar de inscrição que é o de confronto com a candidata Dilma, representante do PT naquele momento.

Em suma, no que tange a esse segundo movimento discursivo de movência, encontrado na emergência da posição-sujeito petista, posso dizer que tal movimento se apresenta apenas a partir da M2 que é o momento em que a IES está inscrita no PSB. Essa movimentação enunciativa é percebida porque a IES, ocupando uma formação ideológica ainda fundada no PT, assume diferentes formações discursivas para enunciar deste lugar, isto é, inscreve-se no lugar de identificação com o ex-presidente Lula e em outro lugar de confronto com a sua adversária eleitoral, Dilma Rousseff. Além disso, percebo que a IES sai do lugar discursivo de identificação com o PT para ocupar o lugar de identificação com Lula, denotando claramente o caráter de movência.

Um efeito de sentido que emerge desta movência é o de que esse movimento discursivo funciona como um indicativo da transição ideológica da IES em relação ao Partido dos Trabalhadores, que será mais bem discutida após a análise da posição-sujeito anti-petista.

Sigo, agora, com a análise das SDs que mostram a posição-sujeito candidata à presidência da República e, posteriormente, a explicitação dos movimentos discursivos emergidos desse lugar de inscrição.

4.1.3 Posição-sujeito candidata à presidência da República

Para iniciar, antes de elucidar as SDs que contemplem a inscrição supracitada nesse tópico, cumpre delimitar que chamo de posição-sujeito candidata à presidência da República o lugar que a IES ocupa, no interior do processo enunciativo, quando se posiciona em relação aos adversários de campanha; coloca-se como candidata potencial nas eleições; toma posição no cenário da política brasileira, construindo uma imagem de si em relação à sociedade; enuncia sobre a forma como deseja conduzir o país caso seja eleita e as possíveis alianças partidárias que faria para governar.

A partir das materialidades linguísticas, noto que algumas SDs apresentam a mesma regularidade para instaurar a posição-sujeito de candidata. Logo, para que haja uma dinamicidade na análise e uma maior exploração dessas evidências, agruparei os dizeres que indicarem uma mesma regularidade. Além disso, cumpre ressaltar que a numeração das SDs e dos EOs continuarão da mesma forma como foram enumerados nas matrizes para que, assim, possam ser acessados com mais facilidade.

Abaixo, seguem agrupadas as SD10 e SD28 da M1, a SD31 da M2 e a SD37 da M3 porque evidenciam a posição-sujeito de candidata à presidência da República, além de serem perpassadas pela mesma regularidade, *a interdiscursividade religiosa como forma legitimação do discurso político*. Cabe ressaltar que a instância-sujeito Marina Silva é inscrita na religião cristã e é membro da igreja Assembleia de Deus, portanto, o discurso religioso constitui em seus dizeres a sua constituição sujeitudinal acerca de um dos lugares sociais que a IES ocupa – o de fiel e seguidora da congregação na qual professa sua religiosidade. Assim, não se constitui como propósito da investigação analisar os efeitos de sentido dessa interdiscursividade religiosa; mas sim identificar qual o efeito de sentido que emerge dos dizeres da IES quando há em sua inscrição no discurso político o atravessamento do discurso religioso.

[RS] O que a campanha lhe ensinou sobre si mesma?

SD10

Peço a Deus todo dia, sabedoria para que eu não faça nada que não seja eticamente justo com a Dilma, com o Serra e com o Plínio. Não vale tudo para ganhar uma eleição

[RE] Quando não conseguiu levar a agenda adiante, a senhora saiu. Como será se chegar à Presidência?

SD28

Existem aqueles que apostam que governar com competência, transparência e respeito à democracia pode levar à cassação do mandato. O que deve levar à cassação do mandato é a corrupção, a incompetência e a intolerância. Cumprirei os quatro anos, com um novo padrão político e de governança, se Deus quiser e também o povo brasileiro

[RE] O que a senhora pede todas as manhãs quando conversa com Deus e reza?

SD31

Peço todos os dias nas minhas orações o fim da política do ódio. E me disponho, sim, a oferecer a outra face. Para a face da mentira, a verdade. Para a face do medo, a coragem. Para a face do desespero, a esperança. É isso que quero ver no Brasil. Não quero destruir Dilma. Nem Aécio. Só quero que possamos nos constituir em novas bases. Porque as coisas grandes não são feitas por uma pessoa ou por um partido. Aquilo que é maior do que nós só será feito por todos nós. Ou não será.

[PJ] “agora opa... Marina você... é uma pessoa religiosa quer dizer isso nunca impeDIU o seu lado da política a pensar de serem caminhos... mui/ para mim muito diferentes... é diFÍcil juntar as duas coisas cê consegue isso... você consegue não misturar as duas coisas... mas de noite quando você reza... antes de dormir... você PEde? você diz “papai do céu dá uma ajudinha aí nessa eleição”... por acaso cê faz isso? ((MARINA E A PLATEIA RIEM))”

SD37

“éh:: eu acho que quando a gente tem fé... a gente faz o exercício dessa fé para as coisas... negativas e para as coisas positivas e obviamente que a situação do nosso país precisa de MUITO trabalho MUITA seriedade e dedicação e se Jeová puder ajudar empurrar o barco COM certeza... é fundamental né::”

Das sequências acima, recortei os seguintes EOs que focalizam a regularidade da inscrição interdiscursiva com o discurso religioso para a legitimação do discurso político:

SD10

E42 – “Peço a Deus todo dia”;
 E43 – “que eu não faça nada que não seja eticamente justo”;
 E44 – “Não vale tudo para ganhar uma eleição”.

SD28

E120– “governar com competência, transparência e respeito à democracia”
 E121 – “um novo padrão político e de governança”

E122 – “se Deus quiser e também o povo brasileiro”;

SD31

- E131 – “Peço todos os dias nas minhas orações o fim da política do ódio”
- E132 – “me disponho, sim, a oferecer a outra face”
- E133- “Para a face da mentira, a verdade”
- E134 – “Para a face do medo, a coragem”
- E135 – “Para a face do desespero, a esperança”
- E136 – “Não quero destruir Dilma. Nem Aécio”
- E137 – “que possamos nos constituir em novas bases”
- E138 – “as coisas grandes não são feitas por uma pessoa ou por um partido”
- E139 – “Aquilo que é maior do que nós, só será feito por todos nós”.

SD 37

- E158 – eu acho que quando a gente tem fé... a gente faz o exercício dessa fé para as coisas... negativas e para as coisas positivas
- E159 – se Jeová puder ajudar empurrar o barco COM certeza... é fundamental né::”.

Na SD10, nos EO42, EO43 e EO44, existe a evidência, marcada pelo item lexical “Deus”, da interdiscursividade religiosa atravessada pelo discurso da ética e da virtude, como demarcação de uma inscrição da IES em uma formação imaginária que deseja construir de si como candidata, isto é, de cristã que deseja dar aos seus adversários um tratamento justo e ético. Portanto, essa interdiscursividade religiosa funciona como uma forma da IES legitimar seus dizeres políticos que se relacionam às suas tomadas de posição para com os seus adversários.

Na SD28, os EO120, EO121 e E122 demarcam uma inscrição da IES em uma formação imaginária idealizada de governança em que seja possível criar um “novo padrão político”, isto é, uma ‘nova’ forma de governar. Além disso, há um fenômeno discursivo de silenciamento por excesso, possivelmente instaurado pelo teor crítico da pergunta, uma vez que são abordadas as suas desfiliações do PT e do PV, o que leva a IES a uma denegação de suas próprias tomadas de posição nas rupturas partidárias. Há também, o atravessamento do discurso religioso, evidenciado pelo uso do item lexical “Deus”, como uma forma de legitimação dos dizeres políticos sobre a sua capacidade de governar com um ‘novo’ padrão de se fazer política.

Na SD31, nos EO131, EO132, EO133, EO134, EO135, EO136, EO137, EO138 e EO139, manifesta-se o atravessamento do discurso religioso, interpelado pela natureza religiosa da pergunta, para legitimar um lugar de aliança partidária com o PT e com o PSDB, o que não corresponde àquilo que os dizeres inscritos no discurso político enunciam em sua inscrição na formação ideológica, pois sabe-se que o PSDB é um partido de bases ideológicas distintas das bases ideológicas dos partidos em que a IES se inscreveu; e o PT já foi um lugar de inscrição da IES. A razão para sua desfiliação

ocorreu quando a IES não conseguiu levar sua agenda ambiental em nível federal adiante. Portanto, um efeito de sentido que emerge desses dizeres é que a IES deseja construir uma imagem de conciliação política. Além disso, há uma interdiscursividade evidenciada por meio de uma paráfrase da oração de São Francisco, que reforça a inscrição da IES em um discurso político e religioso funcionando discursivamente como uma tentativa de conciliação com seus adversários, Dilma Rousseff e Aécio Neves.

Na SD37, nos E158 e E159, há uma interdiscursividade religiosa interpelada pelo cunho religioso da pergunta, funcionando como uma forma da IES asseverar os seus dizeres políticos quando faz emergir o sentido de que a situação política do Brasil precisa de intervenção. Além disso, há um fenômeno discursivo de silenciamento percebido nos dizeres da IES sobre o tema da eleição que foi citado pelo entrevistador.

Ao observar o funcionamento discursivo das sequências que foram agrupadas, (SD10, SD28, SD31, SD37) comprehendo que o discurso religioso emerge como uma forma de legitimação/asseveração dos dizeres políticos enquanto a IES ocupa o lugar de candidata à presidência da República. Essa legitimação ora aparece imbricada à formação imaginária que a IES tem de si, seja relacionada à ética, à justiça, à conciliação; ora imbricada à formação imaginária que tem do seu potencial como candidata em construir um ‘novo’ modelo de governança. Cumpre dizer que a inscrição religiosa da IES perpassa os três momentos de sua trajetória política, denotando, assim, uma faceta do lugar social o qual ocupa.

Ressalto, ainda, que não constitui propósito dessa investigação discutir os efeitos de sentido dos dizeres religiosos enunciados pela IES, mas vale dizer que, mesmo que esses dizeres sejam constitutivos de sua historicidade, o discurso religioso é comumente utilizado, no âmbito da política, como um atravessamento do discurso político, para que haja uma humanização da imagem dos candidatos, levando os eleitores a um processo de identificação com os mesmos. Portanto, entendo que o discurso religioso que transpassa o discurso político, pode funcionar também como uma estratégia da IES para interpelar o eleitorado, principalmente quando a posição-sujeito assumida é a de candidata à presidência da República.

Seguirei com as SD11, SD13, SD14 da M1 e SD24 da M2 que também foram agrupadas por apresentarem uma mesma regularidade, *um silenciamento por excesso acerca da corrupção e/ou políticos corruptos.*

[RS] É possível governar sem ter que se sentar ao lado de um político corrupto, por exemplo?

SD11

“A melhor forma de governar é com democracia e transparência. A democracia, e não uma ditadura, ou regime autoritário, é a única forma de governar. (...) E aí a democracia pressupõe controle e participação da sociedade sobre as políticas públicas. Para que a sociedade possa exercer esse controle, é preciso transparência e acesso à informação. A melhor forma de governar é essa.”

[RS] Para terminar, que tipo de compromisso a senhora assume no combate à corrupção?

SD13

“Quando a gente começa a usar a ética como promoção política, é porque esse valor está ficando tão deteriorado que ele parece que já virou algo que eu posso escolher - entre ser ético e não ser ético. Eu sempre digo que o bonito pode se gabar de ser bonito, o rico por ser rico, mas o ético e o justo não podem se gabar por serem éticos e justos. Porque ele não tem alternativa.”

[RS] Para terminar, que tipo de compromisso a senhora assume no combate à corrupção?

SD 14

“Existem duas coisas que possibilitam isso: pessoas virtuosas e instituições virtuosas. As pessoas virtuosas criam as instituições virtuosas. E por que elas criam instituições? Porque ninguém pode depender da virtude das pessoas. Porque individualmente somos falhos. Socialmente também somos falhos. Mas o que nos aperfeiçoa é essa retroalimentação entre indivíduos e instituições”

[RE] A senhora acha que, conscientemente, algum presidente escolhe os piores para governar? Ou foram as circunstâncias que os empurraram para governar de determinada forma? Lula, por exemplo, não queria o PMDB no governo, a princípio. Absorveu o PMDB depois do mensalão, quando já estava sob ameaça de perder o mandato. O que tornaria sua experiência diferente?

SD24

“Sinceramente, esse não pode ser o padrão da política brasileira. A régua agora no Brasil virou medir para baixo? A régua tem de ser para cima, até aprendendo com os erros dos outros. Me disponho a aprender com o erro e o preço que eles (FHC e Lula) pagaram para ter essa aprendizagem. Há um provérbio que diz: sábios são os que aprendem com os erros dos outros. Estúpidos são os que não aprendem com seus próprios erros”

Para focalizar o silêncio por excesso do qual falo acima, tem-se os seguintes enunciados operadores:

SD11

EO45 – “A melhor forma de governar é com democracia e transparência”

EO46 – “a democracia pressupõe controle e participação da sociedade”

EO47 – “é preciso transparência e acesso à informação.”

EO48 – “A melhor forma de governar é essa.”

SD13

- EO51 – “usar a ética como promoção política”
- EO52 – “esse valor está ficando tão deteriorado”
- EO53 – “entre ser ético e não ser ético”
- EO54 – “o bonito pode se gabar de ser bonito”
- EO55 – “, o rico por ser rico”
- EO56 – “o ético e o justo não podem se gabar por serem éticos e justos”
- EO57 – “ele (o ético e o justo) não tem alternativa”

SD14

- EO58 – “pessoas virtuosas e instituições virtuosas”
- EO59 – “pessoas virtuosas criam as instituições virtuosas”
- EO60 – “ninguém pode depender da virtude das pessoas”
- EO61 – “individualmente somos falhos”
- EO62 – “retroalimentação entre indivíduos e instituições”

SD24

- EO99 – “esse não pode ser o padrão da política brasileira”
- EO100 – “A régua tem de ser para cima”
- EO101 – “disponho a aprender com o erro”
- EO102 – “sábios são os que aprendem com os erros dos outros”
- EO103 – “Estúpidos são os que não aprendem com seus próprios erros”

Na SD11, nos EO45, EO46, EO47 e EO48, evidencia-se um fenômeno discursivo de silenciamento por excesso numa tentativa da IES de não enunciar sobre a questão de fazer alianças com políticos corruptos. Entretanto, são dadas as condições sócio-históricas (já instauradas como uma cultura) na política brasileira, que leva a uma compreensão de que o efeito que emerge desse silêncio é de que é pouco provável que para governar o Brasil a IES não tenha que fazer alianças com uma instância-sujeito corrupta.

Na SD13, nos EO51, EO52, EO53, EO54, EO55, EO56 e EO57, tem-se a demarcação de uma formação imaginária da IES no que diz respeito à imagem que deseja construir de si como candidata, evocando valores como a ética e a justiça. Além disso, há um silenciamento por parte da IES sobre o seu compromisso em combater à corrupção, que pode ser compreendido com o sentido de que ainda não há uma proposta política relacionada às formas de minimizar a corrupção no Brasil.

Na SD14, nos EO58, EO59, EO60, EO61 e EO62 há nos dizeres que se inscrevem no discurso político, o atravessamento do discurso da virtude, evocando uma formação imaginária na qual a IES se inscreve em seu desejo de construir para si uma imagem de idoneidade de valores enquanto candidata à presidência. Há ainda, um

fenômeno discursivo relacionado a um silêncio por excesso no que diz respeito ao seu compromisso com o combate à corrupção.

Na SD24, no EO99, há uma inscrição da IES em uma formação imaginária que alimenta uma ilusão de erradicação da corrupção, visualizando a possibilidade de se estabelecer outro padrão de ética na política brasileira. Os EO100, EO101, EO 102 e EO103 evidenciam um silenciamento por excesso no que diz respeito ao evento de corrupção citado pelo entrevistador, o mensalão. Há também, uma denegação do princípio de governabilidade no regime presidencialista, quando silencia, a indagação do entrevistador, sobre a necessidade de se fazer alianças, muitas vezes com políticos com quem não se deseja aliar, mas que são necessários como uma base de sustentação do governo.

Percebo na compilação das SD11, SD13, SD14 e SD24 que a IES movimenta-se discursivamente por meio do silêncio por excesso para não enunciar sobre a questão dos políticos corruptos e a corrupção em si. Entendo que esse fenômeno discursivo funciona, em um primeiro momento, como uma tomada de posição da IES que revela a sua percepção do cenário da política brasileira no que tange à corrupção. Nessa perspectiva, dadas as condições históricas de corrupção instaurada no país, é pouco provável que não se faça aliança com instâncias corruptas ou partidos em que possuem envolvimento com escândalos de corrupção.

Em um segundo momento, o fenômeno da denegação opera como uma própria denegação do regime presidencialista em que há um jogo de poder que não permite aos políticos liberdade para escolher as alianças. Assim, muitas vezes, aliar-se a um partido significa apenas ter base de sustentação no congresso ou no senado para aprovação de projetos no Congresso Nacional. Além disso, noto que o silêncio por excesso pode estar relacionado à questão de não haver propostas, por parte da IES para o combate à corrupção. Outro possível sentido que emerge desse silenciamento acerca do tema sobre o combate à corrupção é parte de uma estratégia de preservação da imagem política da candidata.

Partirei, então, para a análise das SD16, SD17 e SD18 da M2 que revelam a posição-sujeito candidata, além de apresentarem uma mesma regularidade, *a denegação de uma possibilidade de aliança com o PSDB.*

[RE] A senhora faria uma aliança com o PSDB no segundo turno? Em que condições se daria essa aliança?

SD 16

“O segundo turno discutiremos no segundo turno. Agora temos de trabalhar, e trabalhar muito, para ir ao segundo turno. Eu e Eduardo (Campos) e, depois, eu e Beto (Albuquerque) fizemos uma aliança programática. Qualquer aliança que fizermos será uma aliança programática”

[RE] A senhora conversaria com Aécio para uma aliança no segundo turno?

SD17

“Tenho de respeitar meus adversários. (...) Não farei aquilo que critiquei. Aécio é candidato até dia 5 de outubro. Seria uma arrogância da minha parte já me colocar como líquida e certa no segundo turno.”

[RE] A senhora se recusou a subir no palanque do governador Geraldo Alckmin, candidato à reeleição em São Paulo. Na semana passada, seu nome apareceu ao lado de Alckmin nos santinhos do candidato. Qual sua opinião sobre Alckmin?

SD18

“Não fui eu que usei meu nome no santinho. O PSB fez uma escolha, que contou com minha discordância. Eduardo se esforçou para reposicionar São Paulo, para que tivéssemos uma candidatura, mas a decisão foi respeitar a posição do partido em São Paulo, que quer fazer a campanha de seu candidato a governador. Não é o meu, porque não temos candidato lá. E quer fazer a campanha da sua candidata a presidente, que sou eu”

A fim de focalizar a denegação por parte da IES de possíveis alianças com candidatos do PSDB, apresentam-se os EOIs:

SD16

EO69 – O segundo turno discutiremos no segundo turno
 EO70 – temos de trabalhar, e trabalhar muito, para ir ao segundo turno
 EO71 – Qualquer aliança que fizermos será uma aliança programática

SD17

EO72 – respeitar meus adversários
 EO73 – Não farei aquilo que critiquei
 EO74 – líquida e certa no segundo turno

SD18

EO75 – Não fui eu que usei meu nome no santinho.
 EO76 – contou com minha discordância
 EO77 – para que tivéssemos uma candidatura
 EO78 – Não é o meu, porque não temos candidato lá.
 EO79 – fazer a campanha da sua candidata a presidente

Na SD16, nos EO69, EO70 e EO71, há uma movimentação discursiva relacionada à denegação da possibilidade de, no segundo turno das eleições

presidenciais, haver uma aliança com o PSDB, evidenciada pela tomada de posição da IES em enunciar que o segundo turno será tratado no segundo turno, esquivando-se de um comprometimento partidário com o PSDB.

Na SD17, nos EO72, EO73 e EO74 a IES, na tentativa de silenciar possíveis sentidos acerca de uma aliança com o candidato do PSDB, Aécio Neves, no segundo turno das eleições presidenciais, mais uma vez denega tal possibilidade. Entretanto, esse silêncio nos encaminha a outra denegação, pois um efeito de sentido que emerge desse silêncio é que há por parte da IES um mascaramento dessa possibilidade de aliança. Algo passível de observação e que corrobora com esse gesto de interpretação é que a IES, de fato, apoiou o candidato do PSDB, Aécio Neves, no segundo turno das eleições presidenciais no ano de 2014.

Na SD18, nos EO75, EO76, EO77, EO78 e EO79, além de não se colocar enquanto inscrição discursiva no programa do partido que o PSB defende, há um fenômeno discursivo relacionado à contradição das tomadas de posição da IES, uma vez que deseja enunciar do lugar discursivo de quem não apoia e/ou identifica-se com o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, mas autoriza – porque nenhuma publicação pode ser feita sem uma prévia autorização – a inclusão de sua foto ao lado da instância-sujeito política Geraldo Alckmin. Noto, também, uma movimentação discursiva de silenciamento por excesso, compreendido aqui, como uma tentativa da IES de se defender e se esquivar de uma inscrição discursiva relacionada à sua opinião sobre o candidato do PSDB Aécio Neves. Além disso, há uma negação explícita, melhor dizendo, uma denegação acerca do seu posicionamento em apoiar ou não o candidato tucano no segundo turno das eleições de 2014.

Passo, agora, para as SD27 da M2, SD33, SD34, SD40 e SD43 da M3 em que se evidencia o lugar de inscrição da IES na posição-sujeito candidata à presidência e, também, a regularidade relacionada a *uma negação explícita e/ou um silenciamento, conduzindo a uma denegação do desejo pela presidência ou de uma possível candidatura nas eleições presidenciais de 2018*

[RE] A senhora é conhecida por suas convicções fortes. Algumas delas levaram a rupturas, como quando a senhora deixou o governo Lula, depois o PT e depois o PV. Não existe na história nenhum presidente que, em algum momento, não tenha engolido parte de suas convicções para poder governar. Está pronta para isso?

“Meu objetivo de vida não é ser presidente da República. É que o Brasil possa avançar. Se, para isso, tiver de ser o presidente da mediação, eu o serei”

[PJ] “você de repente foi ah:: candidata derrotada duas vezes à presidência da república em dois mil e dez e dois mil e quatorze... mas agora está liderando... a pesquisa de intenção de voto é um bom momento esse? Você acha que isso é um bom momento... que politicamente dá pra ser aproveitado? ... Ou vai parecer oportunismo? ...”

SD33

“o mais importante é você dar a contribuição genuína que você acha que pode dar com aquilo que você acredita obviamente que... éh:: passando pelo crivo da sociedade que é quem em última instância faz as suas escolhas então eu fico muito tranquila em relação a essa questão de pesquisa ninguém nunca vai ver eu colocando NEM nas minhas redes sociais porque eu sei que é apenas um registro de um momento... e esse é um momento muito delicado da vida do nosso país e tudo que a população não QUER é ver a instrumentalização do sofrimento que ela está passando com desemprego inflação alta com juros altos”

[PJ] “você como... PRÉ-candidata claro que todo político SONHA com a presidência é um... um caminho a seguir... você NESSE momento... já tá formando na sua cabecinha... um provável ministério?

SD34

“Jô... eu ainda não sei se serei candidata...”

[PJ] “você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: “eu não sou ainda eu não estou pensando” claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?”

SD40

“olha Jô eh:: não é uma mentira branca nem uma mentira éh:: negra ou preta né? é a mais profunda verdade e eu pago um preço muito alto por dizer essa verdade quando digo que não SEI se serei candidata... que eu PENSO na possibilidade de ser é obviamente que penso se não nem diria que eh::...não sei se serei se eu digo que não sei é porque eu ainda estou em um processo de decisão e na complexidade que está a vida do nosso país qualquer pessoa que não está preocupada apenas no poder pelo poder vai pensar primeiro que projeto de país é preCISO agente construir para poder se colocar na fila de candidato...”

[PJ] “você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: “eu não sou ainda eu não estou pensando” claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?”

SD43

“obviamente que qualquer um que ganhar o governo vai deixar lacunas e outros virão é uma corrida de quatro por quatro... e cada um deve fazer a sua parte da melhor forma possível... é por isso que eu sou contra a reeleição Jô...”

Para evidenciar um silêncio da IES no que diz respeito a sua candidatura em 2018, seguem os seguintes EOs:

SD27

EO117 – Meu objetivo de vida não é ser presidente da República
 EO118 – É que o Brasil possa avançar
 EO119 – Se, para isso, tiver de ser o presidente da mediação, eu o serei

SD33

EO142 – o mais importante é você dar a contribuição genuína que você acha que pode dar
 EO143 – passando pelo crivo da sociedade que é quem em última instância faz as suas escolhas
 EO144 – é apenas um registro de um momento
 EO145 – esse é um momento muito delicado da vida do nosso país
 EO146 – tudo que a população não quer é ver a instrumentalização do sofrimento que ela está passando

SD34

EO147 – não sei se serei candidata...

SD40

EO175 – não é uma mentira branca nem uma mentira éh: negra ou preta né?
 é a mais profunda verdade
 EO176 – eu pago um preço muito alto por dizer essa verdade quando digo que não SEI se serei candidata...
 EO177 – que eu penso na possibilidade de ser, é óbvio que penso
 EO178 – eu ainda estou em um processo de decisão
 EO179 – qualquer pessoa que não está preocupada apenas no poder pelo poder
 EO180 – preciso agente construir (um projeto de país) para poder se colocar na fila de candidato

SD43

EO200 – é uma corrida de quatro por quatro...
 EO201 – cada um deve fazer a sua parte da melhor forma possível...
 EO202 – eu sou contra a reeleição Jô...

Na SD27, nos EO117, EO118 e EO119 evidencia-se por meio da negação explícita nos dizeres da IES, uma movimentação discursiva de denegação do desejo pela presidência. Essa interpretação corrobora com a evidência da sua trajetória política de, no contexto histórico da M2, estar concorrendo à presidência da República pela segunda vez em pleitos eleitorais consecutivos, além de, neste momento, também estar se mobilizando juntamente aos membros da REDE na tentativa de oficializar este partido que até o momento não era reconhecido pelo TSE.

Na SD33, nos EO142, EO143 e EO144 a IES ocupa um lugar discursivo de quem não discutir enunciar sobre as pesquisas de intenção de voto, gerando um efeito

de sentido de desejar silenciar sobre a possibilidade de se candidatar nas eleições de 2018. Outro sentido que pode emergir desses dizeres é o de que a IES tenta mascarar o seu interesse pelas pesquisas de intenção de voto para se colocar como uma candidata potencial nas próximas eleições. Já nos EO145 e EO46, tem-se a evidência de que a instância-sujeito silencia suas posições acerca da crise política, fazendo gerar um sentido de que não deseja revelar suas inscrições acerca do momento político vigente para, possivelmente, não se comprometer/envolver politicamente na posição-sujeito de candidata à presidência da República.

Na SD34, no EO147 noto, por parte da IES, mais uma vez, a denegação da possibilidade de uma candidatura nas próximas eleições no ano de 2018, que faz emergir um efeito de sentido de que não deseja se expor politicamente no que diz respeito ao tema da pergunta: a formação de um ministério. Além disso, outra possível interpretação é a de que ainda não disponha de uma ou não deseja revelar sua articulação política (provável programa de governo, estratégias de ação, possibilidades de alianças), silenciando, assim, sobre uma possível candidatura.

Na SD40, no EO175, o item lexical “profunda” denota uma necessidade da IES de reafirmar o sentido de que não sabe se será candidata, emergindo um sentido de denegação da possibilidade de se candidatar. No EO176, a IES ocupa um lugar de indecisão numa tentativa de silenciar acerca da pergunta do entrevistador, ou seja, sobre as críticas que serão feitas caso ela se coloque como candidata no ano de 2018. Nos EO177 e EO178, apresenta-se uma demarcação explícita da inscrição da IES em um lugar de desejo pela presidência da República, oscilando entre um lugar discursivo de dúvida/indecisão, evocado para denegar esse desejo e um lugar discursivo de silêncio, também com o intuito de denegar o seu desejo. Já nos EO179 e EO180, a IES se inscreve no discurso da responsabilidade política em ter que pensar em um projeto de país antes mesmo de ser candidata.

Na SD43, nos EO200, EO201 e EO 202, a IES defende um mandato de quatro anos sem reeleição, inscrevendo-se em um lugar discursivo que se opõe ao regime político brasileiro que permite o processo da reeleição. Há também a denegação do dispositivo da reeleição como forma de fortalecimento de um projeto de governo que se funda em um processo de continuidade política, isto é, a reeleição, por ela denegada, asseveraria esse processo de continuidade. Além disso, a IES movimenta-se discursivamente por meio do silêncio para enunciar sobre a pergunta do entrevistador que aborda a questão das críticas que serão feitas caso se coloque como candidata. Uma

possibilidade de interpretação para essa tomada de posição é a de que a IES se esquiva, silenciando a pergunta para não se colocar em uma contradição política de denegar uma candidatura em 2018 e posteriormente se candidatar.

Percebo, então, que o fenômeno discursivo de denegação, presente nas SD27, SD33, SD34, SD40 e SD43 é interpelado por uma necessidade da IES de negar/mascarar a possibilidade de se colocar como uma candidata potencial nas eleições de 2018. Mesmo esquivando-se do lugar de candidata à presidência, é perceptível que a IES se inscreve nesta posição-sujeito; isso porque, a necessidade de silenciar os sentidos acerca das eleições, bem como a sua trajetória política de ter se candidatado duas vezes consecutivas, além de ter fundado seu próprio partido; conduz a um efeito de sentido de que a IES silencia seus dizeres acerca das eleições para denegar seu desejo pela presidência. Ademais, é uma característica típica das instâncias-políticas não enunciarem sobre candidaturas antes de as oficializarem, pois assim, não precisam assumir compromissos relacionados às alianças políticas e nem propostas governamentais.

Segue, abaixo, a análise da SD23 da M2 e das SD41, e SD42 da M3 em que evidencia-se o lugar de candidata e a regularidade que se refere a *uma inscrição em uma formação imaginária de autonomia política assumida pela IES*:

[RE] Quando a senhora diz que se aliará às pessoas de bem, alguns entendem que a senhora pretende passar por cima dos partidos. É possível um acordo político sem partidos? Só com as pessoas?

SD23

Se a condição para ser presidente da República é se vergar à ideia de que se deve governar com os piores dos partidos, eu nem seria candidata. Só sou candidata para governar com os melhores. Digo isso não para passar por cima dos partidos, mas porque a sociedade brasileira exige isso.

[PJ] Você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: "eu não sou ainda eu não estou pensando" claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?

SD41

Esse é um momento de profunda aprendizagem se não formos capazes de quebrar a velha lógica da oposição que só vê defeitos mesmo quando existem acertos que são evidentes e da situação que só vê qualidades mesmo quando existem erros que são inaceitáveis como é o caso do petrolão a gente não vai eh::... a lugar nenhum então eu tenho insistido na ideia de que é preciso o diálogo é preciso trazer para a cena política brasileira... uma... nova forma de compor o governo... e obviamente que para isso é preciso não ter a velha ideia maniqueísta de que pessoas boas só eXISTem no meu partido... pessoas

boas existem em todos os lugares é preciso ter uma atitude de reconhecer inclusive os feitos alheios... existe uma forma equivocada de você só achar que as coisas boas são aquelas que você faz... a gestão pública é um processo existem coisas boas feitas até por adversários que devem ser continuadas isso se chama INSTITUCIONALIZAR conquistas o problema é que nas democracias ainda atrasadas... não se institucionaliza as conquistas a gente fulaniza as conquistas ou a gente partidariza

[PJ] Você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: “eu não sou ainda eu não estou pensando” claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?

SD42

em dois mil e dez quando eu concorri eu... eh:: falei para as pessoas que se ganhasse eu queria governar com os melhores do PT os melhores do PSDB do PMDB dos partidos... é que... têm uma contribuição histórica a dar no Brasil obviamente que seriam os melhores e eu era muito criticada por isso como se fosse possível alguém dizer que quer governar com os piores mas ((JÓ E A PLATEIA RIEM DE MANEIRA DISCRETA)) eu tenho essa lógica ninguém... pode imaginar que você vai ganhar o governo pra governar sozinho a diferença é como você compõe o governo e como você institui a tua base de sustentação no congresso... hoje o processo como se dá? é feito de forma totalmente pragmática distribuindo pedaços do ESTADO... para inclusive fazer essas coisas que fizeram na Petrobras para poder... ter maioria no congresso...

Para explicitar o lugar de autonomia política ocupado pela IES, seguem os seguintes EO:

SD23

EO96 – Se a condição para ser presidente da República é se vergar à ideia de que se deve governar com os piores dos partidos, eu nem seria candidata.

EO97 – sou candidata para governar com os melhores

EO98 – Digo isso não para passar por cima dos partidos

EO99 – a sociedade brasileira exige isso.

SD41

EO181 – quebrar a velha lógica da oposição que só vê defeitos

EO182 – da situação que só vê qualidades mesmo quando existem erros

EO183 – erros que são inaceitáveis como é o caso do petróleo

EO184 – é preciso trazer para a cena política brasileira... uma... nova forma de compor o governo.

EO185 – velha ideia maniqueísta de que pessoas boas só existem no meu partido

EO186 – pessoas boas existem em todos os lugares

EO187 – é preciso ter uma atitude de reconhecer inclusive os feitos alheios

EO188 – existem coisas boas feitas até por adversários

EO189 – INSTITUCIONALIZAR conquistas

EO190 – democracias ainda atrasadas não se institucionaliza as conquistas

EO191 – fulaniza as conquistas ou a gente partidariza”

SD42

EO192 – eu queria governar com os melhores do PT, os melhores do PSDB, do PMDB
 EO193 – obviamente que seriam os melhores
 EO194 – como se fosse possível alguém dizer que quer governar com os piores
 EO195 – ninguém... pode imaginar que você vai ganhar o governo pra governar sozinho
 EO196 – a diferença é como você compõe o governo
 EO197 – como você institui a sua base de sustentação no congresso
 EO198 – hoje o processo como se dá? é feito de forma totalmente pragmática distribuindo pedaços do EsTAdo
 EO199 – “para inclusive fazer essas coisas que fizeram na Petrobrás para poder... ter maioria no congresso”

Na SD23, nos EO96 e EO97, a IES se inscreve em uma formação imaginária de autonomia política em que acredita ser possível selecionar os melhores partidos com quem deseja governar. Entretanto, essa tomada de posição conduz a um fenômeno discursivo relacionado à contradição, pois um candidato eleito não tem liberdade para escolher os partidos com os quais se deseja governar, uma vez que as alianças são feitas com base na formação ideológica dos partidos. Nos EO98 e EO99 também é possível identificar uma contradição, quando a IES enuncia sobre não passar por cima dos partidos, esquecendo-se¹¹ de que sua tomada de posição, fundada em uma formação imaginária de ter livre escolha para decidir sobre com quais partidos políticos deseja governar, causa uma ruptura com as formações ideológicas dos partidos, principal critério adotado, no regime presidencialista, para se fazer uma aliança partidária.

Na SD41, nos EO181, EO182, EO184, EO185, EO186, EO187, EO188, a IES se inscreve em um lugar discursivo de estabelecer uma ‘nova’ forma de fazer política, fundamentada numa formação imaginária que alimenta a ilusão de que é possível governar sem partidarizar as escolhas para composição da equipe de governo. Os EO189, EO190 e EO191 mostraram uma formação imaginária que coloca a democracia do sistema político brasileiro como atrasada porque os partidos políticos não institucionalizam suas conquistas, ou seja, não tornam os progressos bens da população, mas usam-nas em benefício próprio, em função de se promoverem politicamente. No EO183, a IES se inscreve em um lugar de contraidentificação com o caso de corrupção denominado “Petrolão”, no qual há vários partidos envolvidos, incluindo o PT, PMDB, PSDB, PP, entre outros.

Na SD42, nos EO192, EO193 e EO194 tem-se uma formação imaginária de autonomia política que denega os princípios do regime presidencialista em que não é

¹¹ Esquecer está relacionado à teoria dos esquecimentos de Michel Pêcheux.

possível selecionar os políticos com os quais se deseja governar, uma vez que as alianças são feitas por partidos que possuem semelhante formação ideológica, além de que, mesmo que por alguma eventualidade fosse possível esse tipo de seleção, não constituiria uma forte base de um governo em que as decisões (emendas, projetos) para serem aprovadas devem passar pela maioria dos políticos na câmara dos deputados e no senado. Já nos EO195, EO196 e EO197 a IES se movimenta contraditoriamente, pois se inscreve numa formação imaginária de não se pode “governar sozinho”, aceitando, então, a lógica do sistema presidencialista de que é preciso ter base no congresso e no senado que sustente as tomadas de posição do governo. Nos EO1998 e EO199, evidencia-se uma desidentificação da IES com a forma pela qual o governo constrói suas alianças.

Na compilação das SD23, SD41 e SD42, é possível identificar que a IES, inscrita na posição-sujeito de candidata, ocupa um lugar em uma formação imaginária de autonomia política relacionada à livre escolha ora de partidos ora de instâncias-políticas com os quais deseja governar. Entretanto, há uma clara denegação do sistema presidencialista vigente no Brasil, em que as alianças são feitas com partidos que, normalmente, comunguem de semelhante formação ideológica. Esse fenômeno discursivo de denegação pode ser compreendido como uma estratégia política da IES de construir uma imagem de conciliação entre os partidos, colocando-se numa posição favorável politicamente; além de legitimar seus dizeres frequentemente produzidos em veículos midiáticos de que se constitui como uma instância-política do diálogo.

A partir das SDs analisadas, nesta seção, notei que a evidência da posição-sujeito candidata à presidência da República aparece vinculada, principalmente, a uma tentativa da IES em silenciar sobre os políticos corruptos e a corrupção em si; a uma denegação de suas tomadas de posição relacionadas a possíveis alianças partidárias; à denegação da possibilidade de se candidatar nas eleições de 2018 bem como da sua trajetória política como candidata; e a uma inscrição, fundada numa formação imaginária de autonomia política; convergindo para uma estratégia política, ora no sentido de preservar sua imagem enquanto candidata ora para construir uma adesão por parte dos eleitores a partir de seus dizeres políticos.

Cumpre ressaltar que na emergência dos dizeres analisados, observei que a posição-sujeito instaurada constitui-se, a partir da segunda materialidade linguística (M2), como um lugar social em que a IES se inscreve para ocupar diferentes lugares discursivos, seja no lugar do PSB ou no lugar da REDE, como aparece na materialidade

linguística (M3). Esse gesto de interpretação se deu quando percebi que não houve mais, por parte da IES, dizeres que remetiam ao sentido do desejo de apenas concorrer, soando que o lugar de candidata não lhe pertencia, não lhe era constitutivo. Ela toma um posicionamento de candidata inscrevendo-se no discurso da conciliação política com os seus adversários, fazendo gerar um efeito de sentido de que estaria utilizando uma estratégia política de mascarar os dizeres para colocar-se numa posição favorável em relação aos demais partidos políticos. Há também, uma denegação do seu desejo pela presidência, o que remete a uma interpretação de que a posição-sujeito candidata não se inscreve apenas em um lugar discursivo de candidata, mas sim em um lugar social. Portanto, o que vejo nesta posição-sujeito é uma forma-sujeito ativista – uma vez que essa inscrição perpassa a trajetória política da IES – se colocando enquanto sua constituição sujeitudinal na classe (seu lugar social), agregando a esta posição sua condição de candidata à presidência da República.

Agora, que já analisei os lugares ocupados pela IES quando assume a posição-sujeito petista, explicitarei o gesto de leitura que interpreta os movimentos discursivos concernentes a esta inscrição.

4.1.3.1 Movimentos discursivos da posição-sujeito candidata à presidência da República.

Entendi que a movimentação discursiva da IES na posição-sujeito de candidata à presidência mais se relacionou às suas tomadas de posição no que tange às alianças partidárias que efetivou. Por isso, trabalharei o foco do movimento de movência – que foi o movimento percebido nos dizeres da IES nesta posição – nas SDs que mostram o seu posicionamento em relação as suas alianças.

Nas SD16 e SD17, situada na M2, em que a inscrição ideológica da IES ainda corresponde ao Partido dos Trabalhadores, observei a emergência da posição petista nessa conjuntura; o entrevistador questiona sobre uma possível aliança com o candidato do PSDB, Aécio Neves, e mesmo tendo parafraseado a pergunta, a IES se desvincilha da resposta e assume um lugar discursivo de silenciamento para não provocar um efeito de sentido que pudesse comprometê-la como, por exemplo, se posicionar acerca de uma efetivação desta aliança.

Entretanto, a tomada de posição da IES em apoiar o candidato tucano no segundo turno das eleições presidenciais do ano de 2014, colocou-a inscrita em um

outro lugar discursivo, o de se constituir como uma oposição ao governo petista em que a IES se inscrevera ideologicamente.

Desta forma, notei que há, aqui, um movimento discursivo no que tange à movência ideológica, pois a IES se inscreve na formação ideológica do Partido dos Trabalhadores, mas movimenta-se entre diferentes formações discursivas como, por exemplo, na FD de denegação da possibilidade de uma aliança com o PSDB e, posteriormente, em uma FD de apoio ao candidato deste mesmo partido.

Na SD18, percebi a mesma movimentação discursiva de movência ideológica, pois a IES ao ser questionada pelo entrevistador sobre sua aparição em um santinho ao lado do candidato a governador, Geraldo Alckmin, nas eleições estaduais no ano de 2014, ocupa um lugar discursivo de denegação do seu posicionamento em ceder o seu apoio ao candidato. Entretanto, sabe-se que o uso da imagem de uma instância política somente ocorre mediante uma autorização prévia da mesma, fato que conduz a um fenômeno discursivo de contradição quando se observa sua tomada de posição em relação aos seus próprios dizeres. Desse posicionamento emerge uma inscrição em outro lugar discursivo que é o de apoio ao candidato do PSDB que, inclusive, se constitui como um partido de oposição ao PT, partido que, até então, se inscreveu, em nível posicionamento ideológico.

Percebi que o movimento discursivo de movência se dá especialmente quando a IES enuncia sobre possíveis alianças no momento em que se filiou ao PSB, pois se inscreve em diferentes formações discursivas, partindo de uma mesma base ideológica. Um efeito de sentido que emerge dessa movimentação enunciativa é de que a IES está passando por um processo de transição em sua inscrição ideológica. Essa interpretação corrobora a posição-sujeito anti-petista que emergiu na M3 em que há, por parte da IES, uma contraidentificação com o Partido dos Trabalhadores.

Agora, faz-se necessário prosseguir com a análise da posição-sujeito anti-petista e, em seguida, a explicitação de uma interpretação dos movimentos discursivos imbricados a este lugar de inscrição.

4.1.4 Posição-sujeito anti-petista

Para iniciar a análise das SDs que evidenciam o lugar anti-petista, ressalto que serão considerados os dizeres da IES que apontam para tomadas de posição que conduzam um processo de contraidentificação com o Partidos dos Trabalhadores. Em

nível de condições de produção, adianto que essa posição-sujeito é interpelada pelo acontecimento histórico do processo de impeachment o qual sofreu a ex-presidente Dilma Rousseff e por meio do qual emergiram os dizeres, em que a IES se posicionou favorável.

Abaixo, seguem as SD47, SD48 e SD49 agrupadas, em que se evidencia a posição-sujeito anti-petista e a regularidade de *uma tentativa da IES de inscrever o PMDB e o PT em um mesmo lugar de responsabilidade no que tange às acusações que resultaram o processo de impeachment:*

[PJ] Bom eu acho... eu sou abrigado a te interromper de novo por causa do tempo... mas eu acho que a opinião juRÍdica ah::: vai além da nossa compreensão mas eu não vejo porque um vice-presidente... tenha que pagar o Ônus de uma camPAnhA da qual ele foi apenas o vice-presidente...

SD47

Não eu acho assustador... é você acreditar... que::: o partido que ficou junto com o PT... durante esses doze anos... que tomaram decisões juntos... que escolheram diretorias da Petrobrás juntos... e que segundo as investigações até havia uma coordenação conjunta... um possa ser subtraído como problema e o outro possa ser ungido como a solução...

[PJ] Bom eu acho... eu sou abrigado a te interromper de novo por causa do tempo... mas eu acho que a opinião juRÍdica ah::: vai além da nossa compreensão mas eu não vejo porque um vice-presidente... tenha que pagar o Ônus de uma camPAnhA da qual ele foi apenas o vice-presidente...

SD48

Sim mas é o mesmo partido... o PT tem o Vaccari e o Delcídio que estão implicados... o PMDB tem o presidente Cunha tem o presidente Renan tem o ex-presidente Collor igualmente implicados na lava-jato é isso que eu estou dizendo os dois partidos promoveram isso... o julgamento no TSE não é golpe está previsto na constituição... MAS o que está previsto também na constituição é que se houve qualquer fraude na eleição e o uso irregular de dinheiro... distorcendo... atinge a chapa tanto um quanto o outro...

[PJ] Mas quer dizer você acha que o/ o PMDB ((JÔ TOSSE)) tem a mesma for::ça que... o PT? ou seja que o Temer tem a mesma força que a Dilma?

SD49

Fizeram isso juntos... até agora ninguém conseguiu comprovar diREtamente que a Dilma estava envolvida diretamente... tem responsabilidade política tem responsabilidades jurídicas certo? mas os dois partidos estão implicados igualmente... e se o dinheiro foi usado para a eleição dos dois... o TSE poderá cassá-los se ficar comprovado... o impeachment não é golpe... no meu entendimento ele CUMpre com a formalidade... mas não cumpre com a finalidade

Para que a posição-sujeito anti-petista seja evidenciada, além da regularidade da tentativa da IES de inscrever o PMDB e o PT em um mesmo lugar, captei os seguintes EOs:

SD47

EO225 – o partido que ficou junto com o PT... durante esses doze anos...
 EO226 – que tomaram decisões juntos...
 EO227 – que escolheram diretorias da Petrobrás juntos...
 EO228 – que segundo as investigações até havia uma coordenação conjunta...
 EO229 – um possa ser subtraído como problema e o outro possa ser ungido como a solução...

SD48

EO230 – é o mesmo partido...
 EO231 – é isso que eu estou dizendo os dois partidos promoveram isso
 EO232 – o julgamento no TSE não é golpe está previsto na constituição...
 EO233 – atinge a chapa tanto um quanto o outro...

SD49

EO234 – fizeram isso juntos...
 EO235 – até agora ninguém conseguiu comprovar diREtamente que a Dilma estava envolvida diretamente...
 EO236 – tem responsabilidade política tem responsabilidades jurídicas
 EO237 – o TSE poderá cassá-los se ficar comprovado
 EO238 – CUMpre com a formalidade... mas não cumpre com a finalidade

Na SD47, os EO225, EO226, EO227, EO228, EO229; na SD48, em EO230, EO231, EO232, EO233 e na SD49, os EO234, EO235, EO236, EO237; há uma tentativa explícita da IES de inscrever os dois partidos, PT e PMDB, em um mesmo lugar de responsabilidade a fim de colocá-los como igualmente responsáveis pela crise política, econômica e também pelas denúncias de corrupção. Essa tomada de posição conduz a um processo de contraidentificação da IES com esses partidos. Cumpre salientar que no EO238, mesmo colocando-se favorável à cassação da chapa Dilma/Temer, notei por meio dos dizeres “CUMpre com a formalidade” que a IES ocupa um lugar discursivo favorável ao processo de impeachment.

A tentativa de inscrever o PT e o PMDB em um mesmo lugar de responsabilidade política também é perceptível em outras entrevistas concedidas a distintos veículos midiáticos em que a IES classifica esses dois partidos como “irmãos siameses”. Um efeito de sentido que emerge desse posicionamento da IES de ser favorável à cassação da chapa, naquele momento político, é de que há de sua parte uma tentativa de legitimar os seus dizeres sobre a necessidade de haver novas eleições presidenciais. Veja a SD46 da M3 em que se evidencia essa proposta da IES:

[PJ] Bom eu conversei aqui com a Marina Silva... quando foi candidata qual foi a primeira vez que você veio?

SD46

Fico feliz de poder voltar aqui novamente e conversar contigo... éh:: porque nesse momento eu estou defendendo a iDEIA de que a solução para essa crise é uma nova::: eleição... o TSE a gente não pode pressionar mas há uma denúncia se ficar comprovado de que o dinheiro do Petrolão foi usado para eleição... os sete ministros poderão devolver a duzentos milhões de brasileiros... a possibilidade de escolher aqueles/ aquele que ele acha que povo acha... que pode repartir os caminhos da nossa nação... então... acho que fazer um debate sobre esse momento com... o devido senso de responsabilidade que a crise exige é papel de formadores de opinião como você e sobretudo de cidadãos e de cidadãs que não vão ficar apenas na guerra entre o azul e o vermelho...

Para elucidar a inscrição política da IES em uma proposta de novas eleições presidenciais, têm-se os seguintes EOs:

SD46

E219 – eu estou defendendo a iDEIA de que a solução para essa crise é uma nova::: eleição...

E220 – o TSE a gente não pode pressionar

E221 – se ficar comprovado de que o dinheiro do petrolão foi usado para eleição...

E222 – os sete ministros poderão devolver a duzentos milhões de brasileiros

E223 – (aquele político) “que povo acha... que pode repartir os caminhos da nossa nação...”

E224 – cidadãos e de cidadãs que não vão ficar na guerra, apenas entre o azul e o vermelho...

Os EO219, EO220, EO221 e EO222, a IES se inscreve numa formação imaginária de que é possível haver novas eleições presidenciais e que elas resolverão o problema da crise política; entretanto a Constituição brasileira não prevê esse processo sem que haja a cassação da chapa eleita em 2014. Além disso, nos EO223 e EO224, os dizeres da IES fazem emergir um sentido de que ela se coloca como uma candidata potencial caso haja novas eleições, ocupando um lugar alternativo, representado pela REDE, para aquilo que, dito várias vezes em suas campanhas presidenciais, trata-se de uma cultura da polarização entre PT (vermelho) e o PSDB (azul).

Entendo que a posição-sujeito anti-petista assumida pela IES configura-se como uma tomada de posição para legitimar os seus dizeres acerca da necessidade de haver novas eleições presidenciais. Esse gesto de interpretação pode ser mais bem compreendido se for levado em consideração as condições de produção em que a IES

estava inserida, ou seja, um momento político em que liderava as pesquisas de intenção de voto. Portanto, um efeito de sentido que emerge dos dizeres da IES relacionado à posição-sujeito anti-petista funciona como uma forma de colocar-se como uma candidata potencial, no caso de uma nova eleição.

Como pude constatar, o funcionamento discursivo da inscrição da IES no lugar anti-petista traz movimentos discursivos que emergiram desta posição.

4.1.4.1 Movimentos discursivos da posição-sujeito anti-petista

Notei que a posição-sujeito anti-petista instaura-se nos dizeres da IES quando há uma inscrição em um lugar discursivo de contraidentificação com o Partido dos Trabalhadores. Essa tomada de posição pode ser percebida somente na M3 em que a IES está filiada à REDE, pois na M1 e M2, como já foi dito, o processo é de identificação com o PT. Em decorrência disso, entendi que, na posição-sujeito anti-petista, há um movimento discursivo concernente à transformação, uma vez que a IES sai da inscrição ideológica no PT, instaurando com este partido um processo de contraidentificação.

Essa movimentação enunciativa pode ser percebida nas SD46, SD47 e SD48, uma vez que há uma necessidade da IES em inscrever o PMDB e o PT em um mesmo lugar de responsabilidade política no que tange à crise econômica, política e às denúncias de corrupção, denotando, assim, esse processo de contraidentificação com os dois partidos. Entendi que essa tomada de posição da IES funcionou como uma tentativa de legitimar os seus dizeres acerca da necessidade de haver cassação da chapa Dilma/Temer na conjuntura histórica do processo de impeachment. A reafirmação do sentido de que é necessário haver a cassação da chapa pelo TSE faz emergir um efeito de sentido de que a IES coloca, mesmo que por meio de uma denegação, a possibilidade de se candidatar, nas eleições de 2018, uma vez que, por ocasião da entrevista em M3, estava liderando as pesquisas de intenção de voto.

Percebi, portanto, que o processo de transformação ideológica se deu porque a IES ocupa um lugar de contraidentificação com o PT que, anteriormente, era seu lugar de circunscrição ideológica. Interpretei que esse movimento discursivo, naquelas condições históricas, fez emergir um efeito de sentido de transformação da inscrição ideológica da IES, como uma tentativa de asseverar o lugar que deseja ocupar, a presidência da República.

Reitero que, neste capítulo, trouxe, antes de focalizar os movimentos discursivos das IES, as posições-sujeito nas quais ela se inscreveu em seus dizeres inscritos no discurso político tanto na M1, quanto na M2 e na M3, tais sejam: i) a posição-sujeito ativista/ambientalista que se configurou como um lugar social durante a trajetória política da IES; ii) a posição-sujeito candidata à presidência que funciona na M1 apenas como um lugar discursivo, transformando-se em lugar social percebido na M2 e M3; iii) a posição-sujeito petista, ocupada como um lugar social de identificação com o Partido dos Trabalhadores durante a M1 e M2; e, por fim, iv) a posição anti-petista assumida como um lugar discursivo de contraidentificação com o PT na M3. Além disso, construí um gesto de interpretação para cada fenômeno discursivo que interpelou a IES, nesses lugares que ocupou em sua trajetória política.

Ao final da análise de cada posição-sujeito, lancei um gesto de interpretação na explicitação dos movimentos discursivos imbricados a esses lugares que a IES ocupou. Assim, na posição-sujeito ativista/ambientalista, percebi que não houve movimentação enunciativa, uma vez que, constituindo-se nesse lugar social, a IES não se moveu em sua formação discursiva, nem em sua inscrição ideológica. Já na posição-sujeito petista, tem-se um movimento concernente a um deslocamento ideológico, pois desloca-se no interior da formação discursiva, passando a ocupar um lugar discursivo no PV, entretanto com a mesma formação ideológica do PT; na posição-sujeito candidata à presidência, percebemos uma movência ideológica porque a IES inscreve-se em diferentes formações discursivas, inclusive, relacionadas às alianças partidárias, embora ainda se mantenha em sua inscrição na base ideológica do PT; e por fim, na posição-sujeito anti-petista, na qual um processo de transformação emerge, pois a IES abandona sua inscrição ideológica petista, assumindo um processo de contraidentificação com este partido político.

Cumpre ressaltar, que as análises dos movimentos discursivos tanto quanto das posições-sujeito constituíram-se apenas como uma das possibilidades de interpretação do *corpus*. Portanto, foi propósito desta investigação construir um gesto de interpretação a partir dos dizeres da IES, a partir de uma interpelação decorrente de minhas inscrições sociais e políticas. Tenho uma postura enquanto instância-sujeito pesquisadora, de estar constantemente construindo gestos de interpretação, na medida em que me sinto interpelada pelos dizeres do cotidiano, a exemplo do que empreendi com os dizeres da instância-sujeito Marina Silva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a análise das sequências discursivas e dos enunciados-operadores captados das materialidades linguísticas utilizadas como *corpus*, entrevista concedida à revista Rolling Stone (2010), à revista Época (2014) e ao programa do Jô Soares (2016), construí um gesto de interpretação para o funcionamento discursivo dos dizeres da instância-sujeito Marina Silva no âmbito da política brasileira.

Ao fazer os recortes das SDs para análise, busquei por regularidades que sustentassem e explicitassem a hipótese levantada de que havia movimentos discursivos nos dizeres da IES e que esses processos de deslocamento, movência e transformação se davam em função dos momentos históricos em que a IES esteve inserida, além da sua trajetória política em diferentes filiações partidárias (PT, PV, PSB, REDE).

Para que pudesse identificar a movimentação discursiva nos dizeres políticos da instância-sujeito, me engajei, primeiramente, em identificar os lugares nos quais a instância-sujeito se inscrevia ao anunciar na M1, M2 e M3. Dos dizeres, emergiram quatro posições-sujeito ativista/ambientalista, petista, anti-petista e candidata à presidência da República.

No que tange à posição-sujeito ativista/ambientalista, percebi que há uma forte inscrição da IES neste lugar, que é interpelada pela sua origem política em prol das causas ambientais. Além disso, como essa posição é a única ocupada durante toda a trajetória política da IES, evidenciada por meio da M1, M2 e M3, entendo que se constitui como a sua forma-sujeito e um dos principais lugares sociais que ocupa. Os movimentos discursivos se fazem ausentes nesse lugar porque a IES não se movimenta em suas inscrições em formações discursivas nem em suas inscrições em suas formações imaginárias.

A posição-sujeito petista instaura-se, inicialmente, como outro lugar social da IES também interpelado pela sua origem no âmbito da política brasileira que se deu por meio do Partido dos Trabalhadores. Essa posição manifesta-se ora por sua identificação com a formação ideológica do partido, ora com o ex-presidente Lula. O movimento discursivo concernente a esse lugar ocupado é o deslocamento ideológico percebido por meio da movimentação da IES, uma vez que, ao sair do PT, desloca-se em suas

inscrições discursivas, passando a ocupar um lugar discursivo no PV. Ainda assim, percebi sua manutenção na inscrição ideológica do Partido dos Trabalhadores.

O lugar de candidata à presidência da República manifesta-se, na M1, apenas como um lugar discursivo o qual a IES assume para legitimar a sua inserção no cenário da política como candidata pelo PV. A partir da M2, quando a IES passa a se posicionar em relação aos seus adversários de campanha; coloca-se como uma candidata potencial para as eleições de 2018, mas denega esse lugar e o lugar de desejo pela presidência; posiciona-se no cenário da política brasileira; tenta construir uma imagem de si, evocando valores como virtude, ética e justiça; em M3, enuncia do lugar de candidata apresentando propostas e esquivando-se de comprometimento partidário, o que é típico de instâncias-sujeito quando se inscrevem no discurso político; percebi, também, que a posição-sujeito candidata tornou-se um lugar social, e não somente um lugar discursivo.

No que se refere ao movimento discursivo presente nessa posição-sujeito ocupada pela IES, tem-se uma movência ideológica, pois a IES ainda que demonstre, em alguns momentos, uma inscrição na formação ideológica do Partido dos Trabalhadores, inscreve-se em diferentes formações discursivas, principalmente, quando enuncia sobre suas possíveis alianças partidárias e tomadas de posição em apoiar candidatos do PSDB. Um efeito de sentido que emerge dessa movimentação enunciativa é de que a IES passava por um processo de transição em sua formação ideológica, explicitada pelas alianças políticas feitas naquela conjuntura histórica, além de seu processo de contraidentificação com o PT, conforme analisei nas sequências e enunciados-operadores da M3.

Ainda na M3, a posição-sujeito anti-petista manifesta-se por meio dos dizeres da IES que apresentam sua contraidentificação com o Partido dos Trabalhadores. Essa tomada de posição é evidenciada por meio da sua tentativa de legitimar os seus dizeres acerca da necessidade de haver a cassação da chapa Dilma/Temer, fazendo emergir um possível efeito de sentido de que a IES coloca-se, mesmo que por meio da denegação da possibilidade de se candidatar, como uma candidata potencial nas eleições de 2018, uma vez que, na conjuntura histórica da M3, além de propor novas eleições presidenciais, estava liderando as pesquisas de intenção de voto.

Logo, o movimento enunciativo que emergiu desse lugar de inscrição é a transformação ideológica, já que a IES ocupa um lugar de contraidentificação com o PT que, na M1 e M2, era o lugar em que se inscrevia ideologicamente. Entendi, também, que essa movimentação, nessas condições históricas de produção, emerge um efeito de

sentido de que a IES transforma-se em sua formação ideológica como uma forma de chegar ao lugar que deseja ocupar, a presidência da República.

Ao final da análise, percebi que, na conjuntura histórica em 2016, a instância-sujeito Marina Silva é uma forma-sujeito ativista/ambientalista que se coloca no lugar social de candidata à presidência da República, embora denegue seu desejo pela candidatura em 2018.

Após esse exercício de análise discursiva, é importante chamar atenção para o fato de que concomitante à minha inscrição social de cidadã brasileira, também me inscrevo na docência. Acredito, veementemente, que, está no âmbito escolar, a minha principal função enquanto instância-sujeito, pois nesse lugar posso/tento ser a interpelação de outras IES no exercício da cidadania.

É inegável que todos nós, brasileiros, vivemos uma situação de caos político em que as decisões coletivas não são respeitadas, em que a democracia encontra-se fragilizada, além de escândalos de corrupção já se fazerem uma referência cultural ao nosso país. O mais importante, neste momento, é que os jovens tomem posicionamento político conscientes de que as decisões engendradas na atualidade refletirão em tempos futuros.

É por isso que mesmo esta investigação não tendo um objetivo de pesquisa voltado para a Linguística Aplicada ao Ensino, desejo que este estudo repercuta nas salas de aula para que professores e professoras de língua materna possam refletir sobre a forma como conduzem suas aulas, numa perspectiva de tratarem o ensino de língua pelo viés do discurso, uma vez que é função da escola formar leitores e produtores de textos que saibam compreender os movimentos enunciativos presentes nos dizeres, além da não neutralidade da linguagem, principalmente no âmbito da política, em que os sujeitos políticos para chegarem a um cargo desejado exercem forte manipulação sobre à população. Por fim, gostaria que a investigação auxiliasse os docentes a tornarem o ambiente escolar um lugar em que haja o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BIOGRAFIA de Marina Silva, candidata à presidência. Disponível em: <<http://marinasilva.org.br/biografia/>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

CASTRO NETTO, M. I. De. *Novas Tecnologias na Discursividade do Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa*. Uberlândia: PPGEL/IIEEL/UFU. Dissertação de Mestrado. 2012. 133 p.

COSTA, C. T. O Papel da Internet na Conquista dos Votos de Marina Silva. *Interesse Nacional*, São Paulo, v. 13, n. 4, p.1-14, abr. 2011. Disponível em: <<http://interessenacional.com/index.php/edicoes-revista/o-papel-da-internet-na-conquista-dos-votos-de-marina-silva/>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR. 2014

ESTATUTO da Rede Sustentabilidade. Disponível em: <<https://redesustentabilidade.org.br/estatuto/>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

FIORINDO, P. P. As diferentes faces do sujeito na Análise do Discurso. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, v. 38, fasc. 08, mar. 2012. <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramaticaortografia/38/artigo273503-4.asp>>. Acesso em: 04 de jan., 2016.

GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do Discurso*: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariane et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 1997.

KOGAWA, J. M. M. O projeto semiológico saussuriano e a recepção da análise do discurso no Brasil. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Catalão, v. 17, n. 2, p.339-365, jul. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/30497/16642>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

MESQUITA, D. P. C. e ROSA, I. F. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p.130-141, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-10.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

MOREIRA, F. M. *Análise crítica de discursos da política Marina Silva – entrevistas aos programas “Roda Viva” e “Poder e Política” em 2011, 2012 e 2013*. Viçosa MG: Curso de Secretariado Executivo Trilíngue. UFV. TCC (Graduação). 2014. 80 p.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Traduzido por José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos Linguísticos* nº 19. Campinas/SP: IEL/UNICAMP, jul.-dez., 1990 p. 7-24.

- _____ e FUCHS, C. Análise Automática do Discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993.
- _____ *Semântica e Discurso*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP 1995.
- _____ *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi- 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- _____ Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 2014.
- PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. 220 p.
- SANTOS, J. B. C. “Lugares Discursivos: Influências no Ensino e na Escrita”. In: *Letras & Letras*. v. 15, n. 2. Uberlândia: EDUFU. 1999. p. 37-51.
- _____ . Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J.B.C. (orgs.)*Análise do discurso: análise e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, 2004. p. 109-118.
- _____ A instância enunciativa sujeitudinal In: SANTOS, J. B. C. (org.) *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU. 2009. P. 79-90.
- _____ *Funcionamentos Discursivos*. (no prelo).
- SOUSA, L. G. *O Uso das Mídias Sociais em campanhas eleitorais*: Estudo de caso da campanha virtual da candidata Marina Silva nas Eleições de 2010. Brasília: UNICEUB/ Curso de Comunicação Social. TCC (Graduação). 2010. 36 p.
- VILLARTA-NEDER, M. A. *Os movimentos de silêncio: espelhos de Jorge Luís Borges*. Araraquara: UNESP. Tese de Doutorado. 2002.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1: Entrevista concedida por Marina Silva (PV) à revista Rolling Stone, edição 48 - Setembro de 2010

Marina Silva reclama do frio. É o fim de um dia nublado de maio quando a candidata a presidente pelo Partido Verde enfim se desvencilha da agenda e se coloca disponível para a entrevista com a Rolling Stone Brasil. O local escolhido foi o escritório de seu comitê, no 2º andar de uma ampla casa reformada a partir dos resquícios de uma casa noturna, na Zona Oeste de São Paulo. Com um xale nos ombros e recostada em uma cadeira de escritório, a senadora de 52 anos nascida em Rio Branco (AC) chega a apresentar desconforto e fragilidade. Mas a impressão se dissipar no exato momento em que começa a disparar suas respostas, elaboradas com um misto de serenidade, clareza de discurso e agilizada eloquência - conforme fomos avisados a todo instante, a candidata precisaria estar no aeroporto em menos de duas horas para voar a Salvador. Compromissos obrigatórios de uma campanha que oficialmente ainda nem havia começado.

Caso eleita, o que a senhora vai fazer pelo Brasil?

A minha resposta depende do que queremos fazer. Acho que cada vez mais os desafios que estão postos para a humanidade - é aquilo que eu chamo do exercício da política, do exercício da gestão pública em coautoria - são sempre um dividir de responsabilidades. Quando você passa por um processo como esse, o que você vai fazer depende muito do acordo social que sai das urnas. E o que estou propondo como o termo de referência é a sustentabilidade social, ambiental, cultural, política e ética, para produzirmos uma economia do século 21, baseada nos valores do século 21, orientados pela nova visão que se deve ter do mundo. Até há bem pouco tempo, se achava que os recursos naturais eram infinitos, que o desenvolvimento era linear. Hoje, sabemos tecnicamente e científicamente que não é assim, e mudando a realidade, muda também o olhar para a realidade. Então, a realidade que nós temos hoje é a que vai exigir cada vez mais de nós. É uma nova forma de relação dos homens uns com os outros, dos homens consigo mesmos e dos homens com a natureza. Esse Brasil que queremos para o século 21 é aquele capaz de integrar as conquistas que já temos, os avanços econômicos, sociais, e transitar para os novos desafios do século 21. O Brasil é hoje o país que reúne as melhores condições de fazer esse trânsito, porque tem uma base de recursos incomparavelmente maior do que qualquer outro, e uma base de conhecimentos, de tecnologia razoável. E é possível iniciar, no século 21, o mesmo processo que os Estados Unidos fizeram no início do século passado. E, junto aos países de cultura milenar, entrar num processo e se tornar mais desenvolvido até do que os países de cultura milenar. O Brasil pode dar esse passo se tiver a visão, o processo certo e se criar as estruturas para viabilizar isso.

Tem de haver uma mudança comportamental nos brasileiros?

Acho que as grandes transformações são sempre precedidas de mudança de mentalidade. Primeiro você tem uma percepção das coisas, uma opinião sobre uma determinada situação, que nem sempre é acompanhada de uma mudança de atitude. Mas, obviamente, as grandes transformações acontecem em função de uma mudança de mentalidade. A gente nem sempre vai ter os contornos dessa mudança por inteiro, aliás nunca vai ter. Mas, hoje, eu diria que as pessoas começam a perceber muito claramente que o padrão de vida que temos é insustentável. Um dia desses, vi um vídeo em que a pessoa dizia que ainda existem aqueles que querem viver o "modelo cinco planetas". É aquele que acha que o mundo inteiro se tornará tão desenvolvido de modo a ficar semelhante à Europa e aos Estados Unidos. Mas, se os 6 bilhões de seres humanos ficarem com os padrões de consumo e produção iguais aos da Europa e dos Estados Unidos, nós precisaremos de cinco planetas. Logo, não temos como almejar esse modelo, pois só temos um planeta. Temos que buscar outro modo de vida. Como fazer para produzir mais utilizando menos recursos naturais? Como fazer para evitar os danos que levam às mudanças dos sistemas climáticos sem os efeitos indesejáveis da mudança de modelo de desenvolvimento?

É possível realmente ter desenvolvimento com a sustentabilidade? Ou a sustentabilidade pode atrasar o desenvolvimento do Brasil?

É perfeitamente possível, e o bom de tudo isso é que ainda temos tempo para fazer essa transição. E os cientistas estão dando uma data: até meados do século, nós temos que reduzir em 80% as emissões de CO₂, sob pena de elevarmos a temperatura da Terra acima de dois graus e inviabilizarmos a vida no planeta. Essa é uma questão que está colocada para a humanidade. O como que você me pergunta,

ninguém no planeta tem a resposta definitiva, mas a gente já tem vários elementos e uma base material que nos dá todas as condições para o começo - graças àquelas pessoas que tiveram a visão antecipatória de mundo e de realidade. Hoje, sabemos que é possível gerar energia dos ventos, do Sol, da água, da biomassa, enfim, das várias fontes que estão surgindo por aí, como é o caso da energia do hidrogênio. Por quê? Porque existiram pessoas que há muito tempo foram capazes de antecipar esse futuro que estamos começando agora.

O custo disso compensa?

Quando se está diante de um desafio tão grande que compromete a vida e o futuro do planeta, compensa qualquer esforço. Só os Estados Unidos colocaram quase US\$ 13 trilhões para socorrer o sistema financeiro. Se o homem é capaz de colocar US\$ 13 trilhões para isso, o que um comportamento ético, uma visão civilizatória, não faria para salvar a vida e o planeta? Esse é o paradoxo, e estamos diante dele. Como a gente consegue mobilizar tantos recursos - e perfeitamente justificáveis, porque não queremos uma crise que inviabilize a economia, a qualidade de vida das pessoas - e não temos a mesma compreensão em relação a socorrer o planeta? Então, obviamente compensa.

Quando ser presidente se tornou uma ideia fixa na sua cabeça?

Eu tenho uma grande dificuldade em saber quando foi que eu abracei essa ideia e quando essa ideia me abraçou [risos].

A senhora foi envolvida por isso de alguma maneira?

Eu sempre digo que a gente pensa que tem uma causa, mas é a causa que tem a gente. Essa ideia me abraçou, com certeza, desde que essa causa me teve... É porque ninguém vira candidato a presidente da República de repente. Acho que era bom eu ser candidata, isso faz parte de um processo. E ainda que o indivíduo tem esse lugar como o sujeito que se coloca, ele também é colocado nesse lugar. E aí ele vai ter que fazer essa mediação entre aquilo que as pessoas têm como expectativa e o que ele se dispõe a fazer. E aí, nesse caso, chegou o momento que eu me dispus a fazer.

Vale a pena abrir mão de uma vida, digamos normal, para ser presidente?

O que é uma vida normal? [risos] Não acho que já fosse assim tão normal.

De todas as entregas que a senhora já teve na sua vida política, na sua história de luta, seria essa a maior d e todas até o momento? Daí a pergunta: vale a pena?

Vale a pena se a alma não é pequena [risos]. Dizem que poesia não é de quem faz, é de quem precisa, então já estou tomando emprestado aqui para ajudar nas respostas.

E a decisão de deixar o PT, foi difícil? Por quê?

Foi por que são 30 anos de militância, de construção e isso não é algo que se elabore facilmente, nem politicamente, nem afetivamente. Eu ainda estou fazendo este luto.

Foi como o fim de um casamento longo?

Como quando você pertence a um partido, tem o nome de filiado, é como se fosse uma espécie de desfiliação, no sentido de deixar de fazer parte daquele grupo, ainda mais com o nível de construção que a gente tinha, de iniciar aquilo nas condições mais adversas, quase que botando a ideia em cima da mesa e dizendo: "Como a gente faz agora para tornar isso realidade, como transformar esse desejo de ter um partido democrático, popular, que tenha os valores do socialismo, mas que não seja um partido verticalizado, com centralismo democrático, que tenha um comitê central, uma participação dos diferentes segmentos da sociedade, que seja capaz de juntar os intelectuais, enfim, os movimentos sociais, dos excluídos". Isso foi uma construção, uma grande contribuição para a democracia brasileira de que tenho orgulho de ter feito parte. Para mim, essa é uma herança que nunca será maldita.

Foi uma decisão sábia?

Eu diria que, espero que se a decisão foi sábia, ela se revelará no futuro. O que posso dizer agora é que foi uma decisão necessária.

A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?

Eu diria que os ideais que o PT colocou como os seus grandes ideais, em parte, vêm se realizando. Obviamente que houve um descolamento da parte de alguns em relação a várias questões, mas, em parte, vêm se realizando. Uma pessoa como eu, por exemplo, analfabeto até os 16 anos, filha de seringueiro, que eram os excluídos dentre os excluídos, pertencente a um segmento que não tinha voz, não tinha audiência

nenhuma, ex-empregada doméstica, vivendo na periferia de Rio Branco - eu acho que participar de um processo de organização e virar senadora da República e hoje estar nesse lugar é uma grande contribuição que o Partido dos Trabalhadores deu. Olhando para a realidade política e partidária do meu estado, em que campeava a jagunçagem, em que pessoas como eu eram consideradas atrasadas, contra o progresso e preguiçosas, eu vejo como uma contribuição, sim. E eu quero participar destas eleições sem ir par a o caminho mais fácil, que é o de desconstruir, de negar, de usar dois pesos e duas medidas. Eu acho que o descolamento é exatamente em relação a vários aspectos. O que me fez sair do PT foram as mesmas razões pelas quais fiquei durante 30 anos. Eu saí par a manter a minha conectividade com os ideais que eu acredito. E o PT não foi capaz de se conectar com as utopias do século 21. A grande utopia do século 21 é fazer uma inflexão civilizatória no modelo de desenvolvimento, e essa é uma contribuição não só do Brasil, é do plane ta inteiro. É de re visitar paradigmas. Não dá mais para pensar num mundo com os velhos conceitos "esquerda" e "direita". O que temos como desafio é algo muito maior do que isso. V ai exigir um esforço de todas as pessoas, de todos os segmentos para que a gente possa dar conta do recado, e infelizmente essa percepção o PT não foi capaz de ter, ainda que tivesse inúmeras pessoas que pensam como eu, mas que não conseguiram fazer com que isso se colocasse como eixo estratégico da sua atuação. Quando digo que realizou em par te: se nós olharmos para o propósito da inclusão social, eu diria que progressivamente há uma contribuição nessa direção. Tirar 25 milhões de pessoas da linha da pobreza em oito anos - isso é altamente relevante e significativo.

O que a sua experiência lhe ensinou sobre o Brasil e os brasileiros?

A primeira coisa que aprendi é que a sociedade brasileira, graças a Deus, está sempre à frente dos seus líderes...

Elá enxerga mais longe?

Enxerga mais longe e antecipa primeiro. Isso eu aprendi com a sociedade brasileira. Por exemplo: o Chico Mendes, analfabeto, praticamente isolado com um grupo de seringueiros e índios, começar a dizer que a saída para a Amazônia não era transformar a sua biodiversidade e sua floresta apenas em pasto, e sim, preservar as comunidades locais e buscar uma nova formula de desenvolvimento, ainda que ele não tivesse palavras para dizer isso. Ele estava ali, antecipando em visão e atitude algo que só muito depois é que foi percebido. Então, aprendi primeiro isto: que a sociedade está muito além das suas lideranças.

Mas isso significa que os líderes não estejam sendo bem escolhidos pela própria sociedade, já que ela está tão à frente?

É que a sociedade faz um processo que não é assim... dicotômico. O Chico Mendes era uma liderança, certo? Só que uma nova liderança. Porque senão as lideranças ficariam e ternas, sempre as mesmas lideranças. Aqueles que estão constituídos como lideranças não são exclusivos, e a sociedade vai criando essa dinâmica. Ela vai antecipando não só nas ideias e nos procedimentos: ela vai antecipando as lideranças. Há 20 anos, quando começamos este movimento, ninguém jamais poderia imaginar que vocês a esta hora da noite estariam aqui me entrevistando. A sociedade antecipa na história, antecipa no saber , no fazer , no entre ter, e, se não antecipasse, morreria. Isso eu aprendi com a sociedade. Eu até tenho uma metáfora futebolística para isso: a gente está aqui, mas tem que estar de olho onde a bola vai estar. E essa é uma construção coletiva. Só que tem alguns indivíduos que são capazes de perceber isso. Quando todos estão quicando a bola aqui, eles já estão antecipando lá. As pessoas que foram capazes de pesquisar energia solar, eólica e de biomassa, elas estavam olhando par a onde a bola deveria estar. E ainda bem que existem essas pessoas. Os empresários que começaram há 30 anos, como o Guilherme [Leal, candidato a vice-presidente na chapa de Marina], a apostar que era possível ter um empreendimento que respeitasse o meio ambiente e os direitos trabalhistas, estavam antecipando o que seria e o que deve ser o empresariado deste século. É um processo de retroalimentação. Não existe uma coisa que seja estática.

O que a campanha lhe ensinou sobre si mesma?

Uma coisa que não quero é deixar de ser eu só por que estou em campanha. Quero encarar essa campanha para presidente sendo eu mesma. E que significa isso? É preciso um esforço. O investimento para ser esse "si mesmo" não está apartado desse "nós" que se presentifica em minha pessoa, mas esse si mesmo tem a ver com aqueles valores que me são caros, profundos, que, se eu abrir mão deles são desestrutivos da minha essência e trajetória. Esses eu não posso transgredir. Tenho dito para a minha equipe que temos que fazer esta campanha com profundo respeito pelos nossos concorrentes. A crítica será incisiva? Incisiva, mas não quero jamais, e peço a Deus todo dia, sabedoria para que eu não faça nada que não seja eticamente justo com a Dilma, com o Serra e com o Plínio. Não vale tudo para ganhar uma eleição. Eu jamais seria capaz de fazer uma armação, pinçar uma coisa par a prejudicar uma pessoa, sendo aquilo uma coisa deliberadamente para prejudicar. É isso que eu quero.

É possível manter a sanidade?

Depende do ângulo que se olha. A música do Caetano diz que de perto ninguém é normal [risos]. Então, a gente vai buscando isso de se colocar também como pessoa. Eu participei de um programa de televisão, o *Gazeta Meio-Dia*, em que eu fui apresentada para o Brasil como uma seringueira que virou senadora, e durante a entrevista a plateia ia fazendo perguntas. E teve uma questão que não foi ao ar. A apresentadora, Maria Lídia, comentou: "Olha, teve uma pergunta que fiquei receosa que pudesse ser ofensiva à senhora". Eu disse: "O que foi?" Ela disse: "Uma pessoa telefonou dizendo que gostou da senhora porque parecia uma pessoa. E eu imaginei que ela estaria dizendo que, como a senhora veio da floresta, isso pudesse ser uma coisa desrespeitosa". Eu disse: "Tem o telefone dela?" Quando cheguei em Brasília, liguei e disse: "Quem está falando é a senadora Marina Silva, a senhora fez uma pergunta, mas a gente não entendeu direito e não foi par a ar". E ela: "Minha filha, ainda bem que você ligou. Sou professora, tenho 75 anos, aposentada, estava vendo a sua entrevista e adorei por que a senhora fala como uma pessoa. Não tem aquele jeito empolado dos políticos que sabem de tudo". E achei isso uma coisa maravilhosa. Daí, contei essa história para um amigo meu, o jornalista Tonho Alves. Você sabe que, dentro da psicanálise junguiana, existe essa história da "pessoa" e da "persona". Geralmente os políticos, as pessoas famosas, acabam criando uma persona, porque a exposição é tão grande que eles protegem a pessoa com a persona. E ele me disse: "O seu problema é que você não tem uma persona, você escorrega direto para a pessoa. Foi isso que ela viu em você". E eu pensei: "Essa mulher é um anjo". E eu quero manter a pessoa. A minha sanidade tem a ver com manejar essa situação, senão você vir a uma repetição neurótica de algo que não está em você. Se não está em você, não tem força, não tem vida.

A senhora mencionou o Caetano Veloso. É impossível não notar que a classe artística está um pouco distante do processo político no Brasil. Por que ocorreu esse afastamento?

Com a conquista da democracia, vivemos aquele momento de nos colarmos a um projeto que configurasse a materialização da democracia. E todo mundo entrou de cabeça nisso. Como se, de alguma forma, aquilo ali já fosse suprir toda a nossa falta. E, de repente, nós continuamos nos percebendo faltosos. Então, as pessoas estão amadurecendo, pensando: "Eu não vou me colar mais a nenhum projeto como se isso fosse a pedra filosofal". A democracia é isso, ter a oportunidade de pegar esse caleidoscópio e olhar de vários ângulos, e acho que os artistas estão fazendo isso. Mas eles também são pessoas que antecipam realidade, e talvez os que mais vocalizam essas antecipações. E eu fico muito feliz porque o próprio Caetano deu uma declaração de que me apoia, a [Maria] Bethânia disse que eu a arrebato, e tantos outros já falaram isso. É muito bom saber que essas pessoas, ainda que com um pouco mais de cuidado, percebem isso como algo que deve ser olhado e veem como algo que precisa ser vocalizado. Mas estão ficando como todos nós, mais cuidadosos.

Além de Caetano, o que a senhora escuta?

Gilberto Gil, Chico Buarque. Música popular brasileira. Gosto de ouvir a música de Luiz Gonzaga que meu pai e minha mãe cantavam tanto.

E livros, poderia citar três que a inspiram?

Gosto muito das *Confissões de Santo Agostinho*. Gosto muito dos *Mistérios da Trindade*, de Dany-Robert Dufour, que é um filósofo francês. E gosto muito de ler a minha *Bíblia*.

Atualmente, percebe-se um processo de alienação dos jovens brasileiros. Como trazê-los de volta à política?

Primeiro, os jovens não são trazidos. Os jovens é que se trazem. Eles é que se conectam com aquilo que acham que é uma visão antecipa tória do mundo. Porque os jovens não se envolvem em projeto de poder pelo poder. Eles se envolvem com projetos antecipatórios. Quando a minha geração foi à luta pela democracia, eles estavam buscando por aquilo que confiavam. Como pode a juventude pensar em não ter liberdade? Isso passou a ser um valor essencial, e, por mais que seus pais os quisessem trazer para outras causas, eles se trouxeram para essa. Eu sinto que isso começa a acontecer no Brasil, do jovem querendo progressivamente se reconectar à política aqui e agora. Agora, os jovens foram também estimulados a se tornar pragmáticos. É incrível que a nossa geração sonhadora começou agora a achar que todo mundo deve virar pragmático. E isso começou a desqualificar o sonho. Se você quer desqualificar alguma pessoa, é só chamá-lo de sonhador, de utópico. Na minha geração, ser chamada de sonhadora era um elogio. "Fulano é portador de uma utopia." Nossa, era um elogio enorme. Hoje em dia, se desqualificam essas coisas. "Seja pragmático, se conforme com o que nós temos aqui." Realmente, temos que fazer esse movimento. Então, os jovens estão no seu movimento. Eu fico muito feliz de ter um grupo de jovens envolvidos, aliás eles começaram esse "movimento Marina Silva". Eu nem pensava em sair do PT e eles

fizeram um movimento pra me convencer a ser candidata, porque achavam que seria alguém que iria dialogar com as necessidades do futuro que eles querem para o Brasil.

Como fazer para acreditar nessas utopias e continuar acreditando nelas?

É que as utopias são apenas começo, como diz Edgard Morin [*antropólogo francês*]. Elas são apenas começo, e nós vamos ter sempre começo. E, se vamos ter sempre começo, vamos ter sempre utopia. E que bom que vamos ter sempre jovens começando o novo, de novo.

O que muda para esses jovens em um eventual governo seu?

Mudar o modelo de desenvolvimento do predatório para o sustentável é algo que muda para eles e para todos, assim como a nossa luta em defesa da democracia mudava para nós, mas também mudava para todos. A juventude é maravilhosa por isso, porque ela tem uma coisa generosa - o que ela faz é par a ela, mas é também para todos. Somos um país que precisa apostar fortemente em educação. Somos um país que ainda tem 18% de seus jovens analfabetos, em que mais de 40% das crianças que entram no ensino fundamental não conseguem sequer completar a 8 a série. Então, a mudança é no sentido de como ter uma economia que gere as oportunidades para que as pessoas desenvolvam suas potencialidades. A melhor oportunidade que se pode dar é a educação, além das várias questões que são demandas dos nossos jovens, que estão sendo degradados pelas drogas, sem perspectiva de vida. Quando você vê uma pessoa que, sabendo que pode se transformar num viciado, mesmo assim usa o crack, tem algo que não pode ser atribuído apenas a uma crítica moral a essa pessoa. Tem um lado social que está acontecendo, e que a gente precisa olhar para isso. Isso é você ir para aquilo que Freud chama de escorregar direto para o princípio do prazer e perder a noção do princípio de realidade. E isso não se trata apenas com repressão. Isso se trata com várias ferramentas, porque é um problema multidimensional, e a resposta para isso é "todos nós ao mesmo tempo agora".

E qual é a posição da senhora em relação à maconha e sua possível legalização?

Uma coisa é a pesquisa, isso é ponto pacífico. Eu tenho uma posição contrária à legalização das drogas e acho que as pessoas sérias que fazem esse debate propondo o contrário do que eu penso não é por que são pessoas degradadas. É porque elas têm uma concepção de que isso vai ajudar a combater o tráfico de drogas. Na base, o que elas querem é combater o tráfico de drogas e dar uma contribuição para o processo. Eu tenho uma percepção de que não vamos resolver o problema do tráfico de drogas com a legalização. Essa é a minha percepção, mas essa não é uma decisão que é tomada pelo Executivo, e sim pelo Legislativo, e acho que ela é muito complexa e ainda falta muito debate e informação sobre isso. Há uma convergência dos que são contrários, com eu, e os que são favoráveis, como é o caso do [senador Fernando] Gabeira e do [ex-presidente] Fernando Henrique e outros. A convergência qual é? É que é preciso debate e que falta informação. Eu defendo que se faça um plebiscito para que a sociedade possa debater o assunto.

É possível governar sem ter que se sentar a o lado de um político corrupto, por exemplo?

A melhor forma de governar é com democracia e transparência. A democracia, e não uma ditadura, ou regime autoritário, é a única forma de governar. E democracia no século 21 pressupõe o quê? Não é só o direito de eleger, de votar e ser votado. Não. É também o direito de uma sociedade - que cada vez mais é uma sociedade em rede - de controlar a gestão pública e os governantes. E aí a democracia pressupõe controle e participação da sociedade sobre as políticas públicas. Para que a sociedade possa exercer esse controle, é preciso transparência e acesso à informação. A melhor forma de governar é essa. E, acho que, em relação à governabilidade, é fazer cada vez mais o esforço para que os alinhamentos políticos se deem em cima de propostas, ideias e projetos. E essa construção é fácil? Claro que não é, mas é isso que a gente tem que perseguir e buscar. E acho que depois do sociólogo e do operário, seria perfeitamente possível - inspirados na figura do [Nelson] Mandela - o Lula e o Fernando Henrique darem uma contribuição para o Brasil. A gente não pode mais continuar refém do fisiologismo, do aparelhamento do Estado. Enfim, uma nova cultura política.

A senhora se apresentaria como essa ponte entre PT e PSDB, como esse elo de ligação entre os partidos?

Olha, isso não é uma coisa que você possa dizer de si mesmo. Uma ponte com essas envergaduras e estatura só se revela quando a sociedade constrói. E isso não é uma pessoa.

A senhora já teve alguns problemas sérios de saúde. Tem medo da morte?

Tenho medo da morte antes do tempo, porque, quando chega o tempo, a gente vai em paz. Sempre tive medo da morte antes do tempo. Lutei contra ela desde que nasci. Quase fui aos 14 anos. Com certeza não

era tempo de morrer de hepatite aos 14, porque tomei remédio para a malária quando estava com hepatite. Depois, aos 19 anos, peguei hepatite de novo. Lutei contra a morte antes do tempo em 1986 quando, aos 27, peguei hepatite pela terceira vez. E lutei contra a morte antes do tempo quando as consequências de uma contaminação por metais pesados começaram a prejudicar sistematicamente a minha saúde. Então, isso é algo que todo mundo deve temer. Eu, graças a Deus, ainda continuo com medo [risos].

A senhora era católica e agora é evangélica. Por que a mudança?

Eu vou te fazer uma pergunta par a responder. Suponhamos que você se apaixone por uma moça e de repente, sem saber, sem querer, você se apaixona por outra. Por que mudou?

É o amor?

[risos] A conversão não é algo que a gente possa dizer assim: "Eu mudei porque..." A conversão não é política.

Para terminar, que tipo de compromisso a senhora assume no combate à corrupção?

Para mim, a ética na política é uma condição que deveria ser a condição *sine qua non* de todas as pessoas. Você é jornalista, outro é médico, e eu sou político e ninguém diz: "Olha como eu sou ético!" Quando a gente começa a usar a ética como promoção política, é porque esse valor está ficando tão deteriorado que ele parece que já virou algo que eu posso escolher - entre ser ético e não ser ético. Eu sempre digo que o bonito pode se gabar de ser bonito, o rico por ser rico, mas o ético e o justo não podem se gabar por serem éticos e justos. Porque ele não tem alternativa. No momento em que ele admite que poderia não ser justo, ele já desconstruiu a inteireza da justiça que há nele. Existem duas coisas que possibilitam isso: pessoas virtuosas e instituições virtuosas. As pessoas virtuosas criam as instituições virtuosas. E por que elas criam instituições? Porque ninguém pode depender da virtude das pessoas. Porque individualmente somos falhos. Socialmente também somos falhos. Mas o que nos aperfeiçoa é essa retroalimentação entre indivíduos e instituições. Quando o indivíduo "Marina" falha, tem que ter uma instituição para barrar e interditar as falhas da "Marina" que prejudicam a sociedade. Na corrupção é o Ministério Público, o Tribunal de Contas, a fiscalização que deveria ser feita pelo Congresso, pelos órgãos de controle. Quais são os elementos fundamentais? Transparência, controle social, acesso à informação. Contas públicas têm que ser públicas. Para mim, esta é a melhor ferramenta: instituições e pessoas. Mas as pessoas falham. Todos estão sujeitos a falhas. E, se a "Marina" falhar, tem que ter uma instituição pra corrigir. E, se as instituições falharem, têm que ter as pessoas corretas para corrigir, reelaborar, transformar e reformar as instituições.

ANEXO 2: Entrevista concedida por Marina Silva (PSB) à revista Época em outubro de 2014

A candidata à Presidência da República **Marina Silva** (PSB) está rouca e ainda mais magra. Perto da reta final da campanha eleitoral, aumentou o ritmo dos compromissos. Nas três últimas semanas, visitou cidades na Paraíba, no Ceará, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. O corre-corre deverá piorar nos próximos dias. Marina diz que, para chegar ao segundo turno, terá de “continuar andando de manhã, de tarde e de noite”.

>> Notícias sobre as eleições 2014

Para suportar a rotina frenética e enfrentar os adversários políticos, Marina conta com uma equipe de assessores zelosos. Além daqueles que planejam sua agenda, ou dos que a abastecem de informações técnicas nas mais diversas áreas, há os responsáveis exclusivamente por cuidar de sua alimentação supercontrolada. Alérgica a uma lista de substâncias devido a doenças que contraiu quando morou num seringal do Acre, Marina tem uma dieta rigorosa. Na última quinta-feira, um prato com mamão e morangos cortados de forma calculada a esperava sobre a mesa da sala de reuniões de um hotel no Rio de Janeiro, quando recebeu a equipe de ÉPOCA para esta entrevista. Ao lado de João Paulo Capobianco, amigo e ex-secretário executivo do Ministério do Meio Ambiente, e de Nilson de Oliveira, coordenador de comunicação da campanha, Marina Silva chegou com seu visual de sempre: o cabelo amarrado num coque, maquiagem suave e um colar feito por ela mesma. A novidade, desta vez, foi o nada discreto broche de madeira sobre o terno claro, estampando o “40” de sua legenda. “Não vou tirar para fazer a foto porque ninguém sabe meu número”, afirmou. As pesquisas eleitorais mostram que pelo menos um terço dos eleitores de Marina ainda não sabe que número devem apertar ao chegar às urnas eletrônicas no próximo dia 5 de outubro. Antes de começar a entrevista, Marina Silva tomou uma colherada generosa de mel para recuperar a voz gasta nos comícios dos últimos dias. Falou sobre o poder exagerado do marqueteiro João Santana na campanha da presidente Dilma Rousseff (PT). Elogiou o economista Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central no governo do tucano Fernando Henrique Cardoso – anunciado pelo candidato Aécio Neves (PSDB) como seu ministro da Fazenda, caso seja eleito. Dias antes, Armínio defendera Marina dos ataques da campanha do PT. Marina não falou mal do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas não escondeu sua mágoa com o “marketing selvagem, contra o qual não há argumentos”. Disse que pede todos os dias em suas orações pelo “fim da política do ódio”.

ÉPOCA – Se a senhora for para o segundo turno contra a presidente Dilma Rousseff, como dizem as pesquisas, enfrentará uma máquina partidária com recursos , experiência e 12 anos de governo para mostrar no rádio e na TV. Como pretende enfrentar o PT?

Marina Silva – Com nosso programa de governo (*tira o programa do canto da mesa e coloca no centro*). Fizemos um programa comprometido em manter as conquistas, aprofundar nossa democracia, corrigir os erros e buscar um novo modelo de desenvolvimento. Os 20 anos de PT e PSDB deram contribuições relevantes, mas agora os partidos chegaram ao ápice da estagnação. As conquistas da estabilidade econômica ficam perdidas pelo retrocesso na política. A ameaça às conquistas sociais, pelo baixo crescimento, elevação da inflação, corrupção e ineficiência – isso é por causa do atraso na política. Há que criar um círculo virtuoso no desenvolvimento econômico, social e, principalmente, político do nosso país. Faremos isso com este programa. Nossa campanha será mediada pela ética. Não vamos para o marketing selvagem, usado hoje no primeiro turno e que, provavelmente, será usado no segundo turno. Não fará parte do nosso repertório. Não é parte do meu acervo de experiência e de vida.

ÉPOCA – A senhora faria uma aliança com o PSDB no segundo turno? Em que condições se daria essa aliança?

Marina – O segundo turno discutiremos no segundo turno. Agora temos de trabalhar, e trabalhar muito, para ir ao segundo turno. Eu e Eduardo (*Campos*) e, depois, eu e Beto (*Albuquerque*) fizemos uma aliança programática. Qualquer aliança que fizermos será uma aliança programática.

ÉPOCA – O segundo turno começa em menos de 15 dias...

Marina – A melhor coisa é que já temos um programa. Enquanto Dilma diz que não apresentará um programa, porque continuará fazendo as mesmas coisas, Aécio nos acusa de ter um programa feito a lápis. É melhor ter um programa feito a lápis que ter um programa feito a língua e saliva, porque Aécio não apresentou um programa. A base de qualquer diálogo que fizermos no segundo turno será nosso programa. É assim que acontece nas democracias evoluídas, é assim que nós faremos para governar. Não entregaremos pedaços do Estado a lideranças falidas, desempregadas, nem para pessoas que estão lá para traficar influências. Vamos, sim, dialogar

com os partidos, porque pessoas boas existem em todos os partidos. Com base num programa, faremos uma composição de governo e teremos maioria, sim, no Congresso. Agora, quem viabilizará isso em primeiro lugar será a sociedade brasileira, que está decidindo que não dará vitória às velhas estruturas nestas eleições.

ÉPOCA – A senhora conversaria com Aécio para uma aliança no segundo turno?

Marina – Tenho de respeitar meus adversários. Quando Aécio tentou tratar a mim e ao Eduardo, lá em Comandatuba, na Bahia, como linha auxiliar de sua campanha, reagimos. Não farei aquilo que critiquei. Aécio é candidato até dia 5 de outubro. Seria uma arrogância da minha parte já me colocar como líquida e certa no segundo turno. Para ir ao segundo turno com esse marketing selvagem, contra o qual não existem argumentos, tenho de continuar andando de manhã, de tarde e de noite, trabalhando muito para que prevaleça o discernimento da sociedade brasileira.

ÉPOCA – A senhora se recusou a subir no palanque do governador Geraldo Alckmin, candidato à reeleição em São Paulo. Na semana passada, seu nome apareceu ao lado de Alckmin nos santinhos do candidato. Qual sua opinião sobre Alckmin?

Marina – Não fui eu que usei meu nome no santinho. O PSB fez uma escolha, que contou com minha discordância. Eduardo se esforçou para reposicionar São Paulo, para que tivéssemos uma candidatura, mas a decisão foi respeitar a posição do partido em São Paulo, que quer fazer a campanha de seu candidato a governador. Não é o meu, porque não temos candidato lá. E quer fazer a campanha da sua candidata a presidente, que sou eu. Temos graves problemas em relação ao processo político brasileiro, que se expressa nessa estagnação da política. Você olha para um Estado como São Paulo e não vê uma renovação das lideranças políticas. PT e PSDB repetem praticamente as mesmas lideranças. A novidade que tivemos recentemente foi a candidatura de Haddad, mas, nos últimos 20 anos, os mesmos quadros se repetiram. A alternância de poder na democracia é fundamental. Não apenas de um partido em relação ao outro, mas também internamente nos partidos.

ÉPOCA – Apesar desse “marketing selvagem” a que a senhora se referiu, o ex-presidente Lula disse, num comício, que ama a senhora...

Marina – Graças a Deus! Porque se não amasse...

ÉPOCA – Lula já lhe fez ataques indiretos e disse que a senhora espalha inverdades. Por que a senhora não responde aos ataques dele? Por que lhe oferece a outra face, como já disse?

Marina – Porque a outra face é o melhor símbolo do amor.

ÉPOCA – E por que esse amor incondicional?

Marina – Porque faço política por amor. Não faço política por ódio, graças a Deus. Uma pessoa como eu, com a origem que tem, se está neste lugar agora, é para fazer alguma coisa que seja boa e construtiva para o Brasil, para as pessoas, para a política. Minha disputa é com a presidente Dilma. É ela quem diz que vou acabar com o Minha Casa Minha Vida, o pré-sal, o Bolsa Família, o Mais Médicos, a transposição do São Francisco, a Transnordestina, o 13o, as férias, a aposentadoria... Isso é subestimar a inteligência dos brasileiros.

ÉPOCA – Mas ela não faz isso sob o comando de Lula?

Marina – É sob o comando de João Santana. O marketing ganhou uma força a que os brasileiros têm de começar a responder. Ninguém depois será governado pelo marqueteiro, que diz qualquer coisa para que o candidato ataque seu adversário. Quem ganhará a Presidência da República não pode dizer qualquer coisa que o marqueteiro manda, porque depois terá de governar para todos, olhando nos olhos de todos. Governará um país de 200 milhões de habitantes, em que alguns votam legitimamente em Aécio, outros em Luciana Genro, outros em Marina. Quem quer ser presidente da República não pode achar que é gigante, olhando de cima para baixo para anões. Tem de olhar de baixo para cima, para ver o que está acima dele. É isso que faz a diferença entre quem tem a visão estratégica e quem tem a visão do gerente. O gerente se socorrerá de qualquer caricatura de política para ganhar uma eleição. Quem tem visão estratégica lança mão da política para mediar os interesses e não vai querer ganhar a qualquer custo.

ÉPOCA – A senhora não acredita que o ex-presidente Lula partilha essa estratégia de comunicação com João Santana?

Marina – Espero profundamente que ele dê conselhos de que essa não é a melhor estratégia. Lula já enfrentou o que encontro hoje. Essa parte da nossa história talvez me faça jamais perder esse vínculo com ele. Sei como dava trabalho explicar aos pastores que, se Lula ganhasse, ele não confiscaria as Bíblias. Sei como dava trabalho explicar para as pessoas com 100 hectares de terra que, se Lula ganhasse, não

repartiria o pequeno sítio deles. Como dava trabalho explicar para a sociedade que, se Lula ganhasse, não acabaria com as empresas brasileiras. Vivi isso defendendo Lula. Jamais imaginei que a candidata do PT fosse fazer a mesma coisa comigo. Espero, sinceramente, que Lula possa aconselhar que esse marketing selvagem que Collor usou contra ele deu no que deu. A sociedade terá de fazer a escolha: ou escolhe o programa ou escolhe o marketing selvagem do marqueteiro.

ÉPOCA – Eduardo Campos dizia que seria o primeiro presidente a não governar com o PMDB. Beto Albuquerque disse que é impossível governar sem o PMDB. Qual deles tem razão?

Marina – Para mudar, é preciso mudar primeiro a má governança, essa ideia de ganhar uma eleição sem programa, fazendo aliança a qualquer custo, por tempo de televisão. A forma como se ganha determina a forma como se governa. A forma como se quer governar determina quem são seus aliados, porque há boas pessoas em todos os partidos. Mas estão no banco de reservas. Quero esperar também que Congresso sairá das urnas. Espero sinceramente que os cidadãos brasileiros possam ajudar a melhorar a qualidade do Congresso. Temos a chance de eleger seis governadores, uma bancada significativa de senadores, parlamentares comprometidos com nosso programa. E teremos aliados. Aliados não são aqueles que estão ali para dizer: “Amém, amém, amém!”. Estão ali para ser convencidos.

ÉPOCA – Quando a senhora diz que se aliará às pessoas de bem, alguns entendem que a senhora pretende passar por cima dos partidos. É possível um acordo político sem partidos? Só com as pessoas?

Marina – Você acha que é justa essa ideia de que os dirigentes dos partidos são todos pessoas más? Se a condição para ser presidente da República é se vergar à ideia de que se deve governar com os piores dos partidos, eu nem seria candidata. Só sou candidata para governar com os melhores. Digo isso não para passar por cima dos partidos, mas porque a sociedade brasileira exige isso. Se os partidos não compreenderem, com minha eleição, que um novo sujeito político se coloca, com o pouco dinheiro, a pouca estrutura, o pouco tempo de televisão nessa guerra totalmente desigual... Sabe quem quer destruir, passar por cima dos partidos? São aqueles que pegam os piores exemplares dos partidos para ocupar cargos públicos.

ÉPOCA – A senhora acha que, conscientemente, algum presidente escolhe os piores para governar? Ou foram as circunstâncias que os empurraram para governar de determinada forma? Lula, por exemplo, não queria o PMDB no governo, a princípio. Absorveu o PMDB depois do mensalão, quando já estava sob ameaça de perder o mandato. O que tornaria sua experiência diferente?

Marina – E quem disse que haver mensalão foi uma fatalidade? Por isso dizemos que faremos acordo com base em programa, não em mensalão. Na Alemanha, o Partido Verde foi para o governo, não porque queria emprego ou mensalão, mas para fazer a agenda da sustentabilidade. Deram uma grande contribuição: 20% de energia solar na matriz energética. É assim que se deve compor um governo, pegando os melhores quadros e as melhores propostas que um partido representa. Dizemos de antemão que teremos critérios para evitar a corrupção. Faremos de tudo para evitar tudo de ruim que aconteceu no governo do PT e do PSDB. O que se diz para mim é o seguinte: você não poderá fazer da forma que diz, porque, para governar, tem de haver mensalão. Sinceramente, esse não pode ser o padrão da política brasileira. A régua agora no Brasil virou medir para baixo? A régua tem de ser para cima, até aprendendo com os erros dos outros. Não acho que o presidente Lula, depois de tanto sofrimento e luta, merecia ter o que aconteceu no mensalão. Não acho que Fernando Henrique, com a biografia que tem na Academia Brasileira, mereça ter na sua história o mensalão da compra da reeleição. Me disponho a aprender com o erro e o preço que eles pagaram para ter essa aprendizagem. Há um provérbio que diz: sábios são os que aprendem com os erros dos outros. Estúpidos são os que não aprendem com seus próprios erros.

ÉPOCA – Aécio disse que Armínio Fraga será seu ministro da Fazenda, caso ele vença. Dilma disse quem não será o dela: Guido Mantega. Existe uma apreensão no mercado para saber quem seria seu ministro da Fazenda. A senhora já fez sua escolha?

Marina – Uma apreensão boa, porque, toda vez que subo nas pesquisas, a movimentação é positiva. Dilma é quem faz as ações da Petrobras cair quando sobe nas pesquisas. Sabe por quê? Porque não somos o “samba de uma nota só”. Tenho muito respeito pelo Arminio. Ele deu uma grande contribuição para este país.

ÉPOCA – A senhora escolheria Arminio para ministro da Fazenda?

Marina – Tenho uma equipe de economistas sérios e competentes, que atuam no mercado, já tiveram experiência de governo e têm pensamento republicano. Meu governo terá espaço para as boas experiências do PT e do PSDB, pode ter certeza. O perfil do meu ministro da Fazenda será alguém que

recupere o tripé da estabilidade econômica no Brasil. Hoje, o maior problema do Brasil é a falta de credibilidade. Nossa país está perdendo investimentos estratégicos. Quantas vezes já não ajustamos a meta de crescimento? O Brasil precisa recuperar os fundamentos da política macroeconômica. Não inventaremos a roda. Teremos responsabilidade fiscal sem abrir mão dos investimentos sociais importantes. Faremos isso respeitando o desafio da sustentabilidade, para mostrar que, além de economicamente próspero e socialmente justo, é possível ser ambientalmente sustentável. Faremos isso em diálogo com a sociedade. PT e PSDB ainda nos agradecerão por criar esse intervalo para um mandato de quatro anos, que se dispõe ao diálogo. Eles não se escutam e não conseguem escutar a sociedade.

ÉPOCA – Um de seus assessores econômicos, Alexandre Rands, disse que o ano de 2015 necessitará de um ajuste grande na economia. O que seria esse ajuste? Nas tarifas públicas?

Marina – O ajuste mais importante que este país precisará, e esse é realmente muito grande, será dado no dia 5 de outubro. Ter um presidente da República com respaldo político, com credibilidade, com disposição para o diálogo. O maior ajuste, quem fará é a sociedade brasileira. Ele será feito na política. Se forem (*escolhidos*) os mesmos, com a mesma forma, podem ter certeza, aí a situação ficará muito grave. Uma boa parte dos problemas que enfrentamos não é diferente dos problemas no primeiro ano do segundo mandato de Fernando Henrique. Não são diferentes dos problemas no primeiro ano do primeiro mandato de Lula. Lula começou com uma expectativa muito negativa. Ao final do primeiro ano de seu governo, já trazia a inflação para o centro da meta. Fernando Henrique entrou para seu segundo mandato com uma expectativa de crescimento negativo de 4%. Não é a primeira vez. Agora, para Lula conseguir o que fez, só foi possível porque ele tinha respaldo e credibilidade. Coisa que hoje não há.

ÉPOCA – Só credibilidade poderá resolver os problemas das tarifas públicas?

Marina – A presidente Dilma tem a responsabilidade de resolver o problema que criou. Não pode sacrificar o futuro da nação por sua eleição. Essa é a diferença entre quem disputa o poder pelo poder e o estadista. Esse é um problema criado pelo governo com suas políticas erráticas. Que não poderia usar os preços administrados para camuflar a inflação. Que não poderia fazer contabilidade criativa. Que não poderia fazer uma empresa como a Petrobras reduzir-se à metade do seu valor. Infelizmente, esse será um problema de todos nós. Agora, é preciso recuperar a credibilidade, ter respeito com os contratos, ter compromisso com os investimentos estratégicos da agenda social. Manteremos o Bolsa Família. Sabe o que não vamos manter? O Bolsa Empresário.

ÉPOCA – A senhora acabará com os incentivos do BNDES?

Marina – Não. Faremos para os investimentos corretos, para que se tenha um ambiente de negócios favorável, para que nosso país volte a crescer, com equidade para os investidores e para aqueles que querem gerar empregos de qualidade. Com transparência. Gastaram-se R\$ 500 bilhões, o equivalente a 20 anos de Bolsa Família, que não passaram pelo debate no Congresso. Elege-se meia dúzia, de forma não transparente, para dizer que esses serão os campeões? Isso é que vai acabar.

ÉPOCA – A senhora é conhecida por suas convicções fortes. Algumas delas levaram a rupturas, como quando a senhora deixou o governo Lula, depois o PT e depois o PV. Não existe na história nenhum presidente que, em algum momento, não tenha engolido parte de suas convicções para poder governar. Está pronta para isso?

Marina – É engraçada essa lógica de que, para governar o país, você tem de ser incoerente e se submeter ao pragmatismo. É o que chamo de régua medindo para baixo. Olha, existem tantos estadistas no mundo que fazem mediações. Sou uma pessoa do diálogo. Quando fui ministra do Meio Ambiente, para dar a licença mais difícil deste país, a transposição do Rio São Francisco, tive de fazer muita mediação. E me sinto inteiramente coerente. Dar a licença para as hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau exigiu muito diálogo. E me sinto inteiramente coerente. Dar a licença da BR-163, que não foi feita até hoje, exigiu também muita mediação, mas me manteve coerente. Agora, posso dizer: quando tentaram revogar as medidas de combate ao desmatamento, causando um prejuízo à Amazônia e ao governo do presidente Lula, me mantive coerente saindo. Sabe por quê? Meu objetivo de vida não era ser ministra. Era que a agenda avançasse. Meu objetivo de vida não é ser presidente da República. É que o Brasil possa avançar. Se, para isso, tiver de ser o presidente da mediação, eu o serei.

ÉPOCA – Quando não conseguiu levar a agenda adiante, a senhora saiu. Como será se chegar à Presidência?

Marina – Só terei quatro anos de governo. Existem aqueles que apostam que governar com competência, transparência e respeito à democracia pode levar à cassação do mandato. O que deve levar à cassação do

mandato é a corrupção, a incompetência e a intolerância. Cumprirei os quatro anos, com um novo padrão político e de governança, se Deus quiser e também o povo brasileiro.

ÉPOCA – Se a senhora for para o segundo turno, se tornará a candidata de muita gente que quer se livrar do PT. Depois de toda a sua trajetória política no PT, a senhora se sentirá confortável de se tornar a candidata do antipetismo ou da direita?

Marina – O que é ser de direita?

ÉPOCA – Essa é uma discussão longa... (O filósofo italiano) Norberto Bobbio dizia que as pessoas de esquerda se preocupam mais com a igualdade. As de direita, mais com a liberdade individual. Mas, no Brasil, boa parte da direita é identificada com o antipetismo.

Marina – Será que é ser antipetista ou não que caracteriza se alguém é de direita ou não? O que caracteriza uma pessoa são seus compromissos e sua práxis. Essa história de direita e esquerda é um reducionismo que não explica nada. Você se referiu ao PT. Boa parte da minha vida passei combatendo Collor, Sarney, Jader Barbalho, Maluf. Onde eles estão? Com essa esquerda a que você se refere. Minha práxis política é progressista. É mais que progressista. É sustentabilista-progressista, porque meu programa pensa na sustentabilidade em sua dimensão econômica, social, ambiental, cultural, política e ética.

ÉPOCA – A senhora repudia então ser como um cavalo (de Troia) da direita para tirar o PT do poder?

Marina – Poxa vida, esse é um termo tão agressivo.

ÉPOCA – É o argumento que é brandido por seus adversários. Voltará a ser brandido no segundo turno.

Marina – Você diz muito corretamente: por meus adversários. São eles que me pintam como a extermadora do futuro que entregará o Brasil aos banqueiros e acabará com a mesa das crianças. Tenho uma postura política que reconhece os feitos do PT. E que tenta colocar esses feitos para chamar a razão de que há um espaço para o diálogo e para a construção de novas bases da política. Isso não tem nada a ver com direita. Tem a ver com ética e com alguém que não quer reescrever a história. Quem reescreve a história coloca na biografia das pessoas qualquer coisa. O governo de Lula assentou bastante na reforma agrária. O governo FHC, a mesma coisa. Lula, 70 mil. Fernando Henrique, umas 40 mil. Dilma, apenas 20 mil. No governo do presidente Lula, na minha gestão, foram criados 24 milhões de hectares de unidades de conservação. No governo Dilma, não se chega a 1 milhão. Menos de 1 milhão! De esquerda ou de direita, não é um discurso, é uma prática. E a prática, como dizia o velho Marx, ainda é o critério da verdade.

ÉPOCA – O que a senhora pede todas as manhãs quando conversa com Deus e reza?

Marina – Peço todos os dias nas minhas orações o fim da política do ódio. E me disponho, sim, a oferecer a outra face. Para a face da mentira, a verdade. Para a face do medo, a coragem. Para a face do desespero, a esperança. É isso que quero ver no Brasil. Não quero destruir Dilma. Nem Aécio. Só quero que possamos nos constituir em novas bases. Porque as coisas grandes não são feitas por uma pessoa ou por um partido. Aquilo que é maior do que nós só será feito por todos nós. Ou não será.

ÉPOCA – Qual é seu maior medo?

Marina – Quem não tem medo deve ser internado. Porque não consegue se proteger. Nem de si mesmo. Sou uma pessoa sensível. Não acho que, para ser presidente da República, deva ser insensível. Sempre tive medo. Mas meu compromisso sempre foi maior que meu medo. Tinha muito medo quando ia para Xapuri enfrentar jagunço com Chico Mendes. Mas meu compromisso com os seringueiros e as reservas extrativistas sempre foi maior. Tenho muito medo de entrar num avião. Mas meu compromisso me faz andar de ponta a ponta neste país. Se entrar um ladrão na minha casa, com uma arma na mão, terei muito medo. Mas tenho certeza de que o amor e o compromisso que tenho por meus filhos me farão lançar na frente deles. O medo não é ausência de coragem. A coragem não é a ausência de medo. O que faz prevalecer uma coisa ou outra é o compromisso.

ANEXO 3: Entrevista concedida por Marina Silva (REDE) ao Programa do Jô Soares em maio de 2016

Para transcrever esta entrevista, uma vez que se encontrava no formato de vídeo, utilizei as normas de transcrição abaixo propostas por Preti (1999):

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	-----
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”

Jô: E aí Marina que coisa... incrível né todo momento... ahn:: importante na tua vida na tua carreira política você sempre veio primeiro aqui quer dizer assi/ este sofá já está acostumado com a sua presença... você de repente foi ahn:: candidata derrotada duas vezes à presidência da república em dois mil e dez e dois mil e quatorze... mas agora está liderando... a pesquisa de intenção de voto é um bom momento esse? Você acha que isso é um bom momento... que politicamente dá pra ser aproveitado? ... Ou vai parecer oportunismo? ...

Marina: Jô o que eu tenho insistido... éh::, primeiro uma alegria te reencontrar... ((SORRI)) nesse sofá e nesse lugar...

Jô: Obrigado querida...

Marina: Mas éh:: ... eu tenho dito que o mais importante nesse momento é não instrumentalizar a crise... e:: olhar para ela com... o verdadeiro sentido de urgência da emergência que nós estamos vivendo e tentar resolver a crise... então eu nunca sou de ficar... ligada em pesquisa de opinião porque::... é importante faz parte de quem faz esse trabalho esses acompanhamentos... mas o mais importante é você dar a contribuição genuína que você acha que pode dar com aquilo que você acredita obviamente que... éh:: passando pelo crivo da sociedade que é quem em última instância faz as suas escolhas então eu fico muito tranquila em relação a essa questão de pesquisa ninguém nunca vai ver eu colocando NEM nas minhas redes sociais porque eu sei que é apenas um registro de um momento... e esse é um momento muito

delicado da vida do nosso país e tudo que a população não QUER é ver a instrumentalização do sofrimento que ela está passando com desemprego inflação alta com juros altos e sobretudo

[
Jô: Sim

Marina: com descrença na política e nas lideranças políticas...

Jô: agora evidente que como... ah:: natural candidata... que não é que você está se afastANDo da política... muito pelo contrário é um momento também que a política não tá se afastando de você... então há um... né? as coisas começam a se juntar e eu pergunto você como... PRÉ-candidata claro que todo político SONHA com a presidência é um... um caminho a seguir... você NESse momento... já tá formando na sua cabecinha... um provável ministério?

Marina: Jô... eu ainda não sei se serei candidata...

Jô: não tá bom () agora fala a verdade... ((PLATEIA RI)) já tá formando ministério? Eu só estou perguntando... porque a partir do ano que vem eu vou ter mais tempo livre... ((MARINA, JÔ E A PLATEIA RIEM)) mas continuo sendo totalmente... afastADO da política e vice-versa a minha posição é SEMpre de observar e de criticar... mas me diga sinceramente você acha que não será? é possível nesse momento? todo político SEMpre fala que não é candidato... mas você não é uma candidata NATURAL nesse momento?...

Marina: a população brasileira tem tido um respeito muito grande pelo meu trabalho... e:: a votação expressiva que tive em dois mil e dez e em dois mil e catorze... mesmo nas piores circunstâncias isso é algo que tem que ser valorizado e respeitado e eu TEnho esse sentido de responsabilidade mas... quando terminou as eleições de dois mil e dez eu dizia que não ia ficar na cadeira cativa de candidata... e não fiquei mesmo eu tentei criar um partido e criaram uma série de obstáculos como você sabe... e QUANDO não veio o registro por uma ação do TSE para impedir o registro EU... na madrugada em que foi feita a negativa... eu tinha poucas horas para decidir o que fazer... existiam SEis partidos me convidando para ser candidata por esses partidos... e naquela madrugada eu identifiquei no Eduardo Campos a possibilidade... de apoíá-lo e ele tinha... quatro por cento e eu tinha VINte e seis por cento se eu estivesse na cadeira cativa de candidata... apegada à essa iDEIA eu não teria identificado no Eduardo Campos a pessoa quem eu deveria apoiar... e acho que fiz... éh:: a coisa certa infelizmente aquela tragédia o tirou... eu tenho dito Jô eu falo isso do fundo do meu coração... o meu objetivo de vida não é ser presidente do BraSIL... ((MEIO SORRISO)) se tiver que ser as circunstâncias já me colocaram nesse lugar por suas vezes mas o meu... principal objetivo de vida é ver um Brasil melhor e um mundo melhor... é por isso que eu identifiquei no Eduardo a possibilidade de dar... aquela contribuição... eu não me () me nego as minhas responsabilidades eu me coloco nesse lugar de responsabilidade MAS não acho que a gente deva ficar pensando o tempo todo nas próximas eleições eu acho deixar de PENSar a nação qual é o projeto de país o que nós queremos em só pensar em eleição é o que nos trouxe a essa situação em que nós estamos... hoje... então... eu encaro esse momento com... o senso de responsabilidade como eu já disse mas disposta ao debate eu estou criando um partido um partido que... éh:: enfim tem uma SÉrie de pessoas muito jovens inclusive eu estou aqui com o nosso porta voz na plateia que é o Zé Gustavo eu não estou vendendo ele aqui agora mas levanta a mão ai Zé... O Zé Gustavo...

[

Jô: ah:: você falou muito jovem eu pensei que era o Doutor Ives Granda... ((PLATEIA E MARINA RIEM)) meu próximo convidado...

Marina: éh mas é que o conceito de juventude pode ser BEM trabalhado né não é apenas... biológico...

Jô: mas ele além de tudo é muito bonito esse rapaz...

Marina: éh:: puxa vida agora ele gaNHOU... o resto da vida... ((RI))

Jô: não ele sabe ele se olha no espelho todos o dia... e fala “vai ser lindo assim no inferno” ((PLATEIA RI))

[

Marina: é qu/ na REDE... na REDE nós não temos a figura DO presidente nós temos as figuras dos porta-vozes que é sempre um homem e uma mulher de preferência um jovem e uma pessoa com um pouco mais de experiência que... no caso aqui a da experiência sou eu... então a gente tá criando o partido

numa tentativa de dá uma contribuição para melhorar a qualidade da poLÍtica eu acho que a política vive uma crise profunda e talvez essa crise tenha a ver com o descolamento da disPUta do poder pelo poder da... aliás da lógica do poder pelo poder aparTANDo-se da ideia de discutir projetos de país...

Jô: agora opa... Marina você... é uma pessoa religiosa quer dizer isso nunca impeDIU o seu lado da política a pensar de serem caminhos... mui/ para mim muito diferentes... é diFÍcil juntar as duas coisas cê consegue isso... você consegue não misturar as duas coisas... mas de noite quando você reza... antes de dormir... você PEde? você diz “papai do céu dá uma ajudinha aí nessa eleição”... por acaso cê faz isso? ((MARINA E A PLATEIA RIEM))

Marina: Olha eu

[

Jô: Ajoelhadinha ((PLATEIA RI ALTO))

Marina: éh:: eu acho que quando a gente tem fé... a gente faz o exercício dessa fé para as coisas... negativas e para as coisas positivas e obviamente que a situação do nosso país precisa de MUIto trabalho MUIta seriedade e dedicação e se Jeová puder ajudar empurrar o barco COM certeza... é fundamental né::

[

Jô: Você trata ele com uma intimidade...“Jeová” daqui a pouco vai ser “JÊ” ((PLATEIA E MARINA RIEM))

Marina: pois é né Deus não é::: uma figura lá em cima:: enfim distante né... Deus tem...

[

Jô: Está no meio de nós...

[

Marina: exato (exclamação) e ele... está entre nós...

Jô: agora Marina... uh:: tem uma coisa que... sei lá me bateu MAL... me/me/me deu impressão assim de... União Soviética... aquele negócio das gravações CLAro que foi tudo feito de maneira legal... permitida... e etc mas você foi minNIStra do governo Lula quer dizer houve um momento em que havia... uma intimidade entre você e o Lula semelhante com a intimidade que há... entre Dilma e Lula não é?... Como é que você viu aquelas gravações porque a mim me surpreenderam um pouco também... ah::: como é que eu vou chamar a fragilidade... do ex-presidente sabe falando “ham sei... ham tá querida tô aguardando então tá”... me pareceu uma fragilidade... que eu NUNca tinha notado... no ex-presidente... isso te surpreendeu de alguma maneira?... e o que você aCHOU do fato de gravarem? não:: porque ninguém gravou a Dilma... a Dilma entrou... na conversa... ((MARINA EMITE SOM DE CONCORDÂNCIA) mas mesmo assim ess/ essa liberDAde de se gravar... um ex-presidente da república... aquilo não te pareceu um pouco excessivo ou não?

Marina: olha tudo que foi feito foi feito dentro da lei... eu acho que nesse momento nós temos que ter muito cuidado... porque... o trabalho que a lava-jato está fazendo é um trabalho MUIto relevante para o país e talvez a gente só tenha... a dimensão do que está sendo feito daqui a uns dez quinze ou vinte anos... e:: nesse momento é uma tentativa de querer descharacterizar o trabalho que vem sendo feito pelo juiz... Sérgio Moro eu tenho dito Jô que não se pode desqualificar NEM UMA denúncia ou provas que estão sendo levantadas a priori da mesma forma que não se pode condenar ninguém que AINDA está sendo investigado a priori os diálogos são diálogos muito FORtes até porque... CRIA uma SÉrie de::: enfim de episódios que nos levam a crer que haVIA uma ação ali para tentar éh frear o trabalho da justiça... e isso é muito grave.

[

Jô: você acha que...

Marina: éh porque quando você tem uma conVERsa com autoridades da fazenda quando você TEM uma conversa com a própria pres/ éh com o ministro da casa civil dizendo que tinha que conversar com a ministra Rosa Weber e:: uma série de questões que ali se colocam éh:: as palavras elas são autoexplicativas de sorte que isso gera éh:: um tensionamento mesmo na sociedade que quer ver a lava-jato funcionar obviamente que assegurado o amplo direito de defesa das pessoas e que a gente não tenha uma visão equivocada de justiça... justiça não é vingança... justiça é reparação... tem uma frase que é atribuída ao Shakespeare que ele diz que “o contrário de injustiça não é justiça” ele diz que “o contrário de injustiça é amor... porque Toda justiça que não se faz por amor, não é justiça é vingança” eu acho que nesse momento dramÁtico da história do nosso país, é preciso que a gente encare a justiça como

reparação dos crimes praticados CONtra a sociedade contra o interesse público e contra até mesmo a pessoa que o fez porque ela em última instância tambÉM é prejudicada uhm/uhm com as consequências de tudo aquilo que são os erros que praticou então Jô eu vejo esse momento como um momento deliCAdo é preCiso caminhar em dois trilhos... os/ o trilho da nação na busca de resposta para resolver o problema GRAve da falta de crescimento do desemPREgo de TUDO que está acontecendo e o trilho das investigações que não se pode abrir mão desse trabalho em hipótese alguma é isso que vai fazer o Brasil... o Brasil ser passado a limpo...

Jô: Agora você falou muito em trilho e falou muito em luz no fim do túnel eu/ não está dando para enxergar nem o túnel no momento... ((PLATEIA RI)) então esse trilho tá ainda à proCURa do túnel... você acha que você seria um POUco a pos-si-bi-li-da-de desse túnel?... Você tem/ você tem consciência... de que ainda não tem ah: QUAdros à disposição para formar por exemplo... um ministério ou... as coisas que derivam desses ministérios... você se acha ho::je compeTENte para enfrentar tudo isso? porque olha eu... quando as vezes que eu pasSEI por Brasília... eu ficava assustado com as FI::las de pessoas que estavam ali para pedir alguma coisa... prefeitos governadores deputados senadores uma fila gigantesca cada um com um pedido... você já TEM... você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: "eu não sou ainda eu não estou pensando" claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?

Marina: olha Jô eh:: não é uma mentira branca nem uma mentira éh:: negra ou preta né? é a mais profunda verdade e eu pago um preço muito alto por dizer essa verdade quando digo que não SEI se serei candidata... que eu PENso na possibilidade de ser é obviamente que penso se não nem diria que eh::::não sei se serei se eu digo que não sei é porque eu ainda estou em um processo de decisão e na complexidade que está a vida do nosso país qualquer pessoa que não está preocupada apenas no poder pelo poder vai pensar primeiro que projeto de país é preCiso agente construir para poder se colocar na fila de candidato...

[

Jô: Claro.

Marina: quando você diz que não tem uma luz no fim do túnel eh:: ou se quer tem o túnel eu costumo pensar da seguinte forma éh isso que está acontecendo no Brasil não é porque aconteceu uma guerra não é porque aconteceu uma catástrofe natural não é algo como aconteceu no Japão que eu visitei recentemente com a *tsunami* é algo... que é FRUto da nossa incapacidade política dos nossos erros políticos administrativos gerenciais portANTo ainda que seja grave é posSível de resolver obviamente que quem resolve uma crise com essa magnitude não é uma pessoa não é um partido não é um grupo exclusivamente... esse é um momento de profunda aprendizagem se não formos capazes de quebrar a velha lógica da oposição que só vê defeitos mesmo quando existem acertos que são evidentes e da situação que só vê qualidades mesmo quando existem erros que são inaceitáveis como é o caso do petróleo a gente não vai eh:::: a lugar nenhum então eu tenho insistido na ideia de que é preciso o diálogo é preciso trazer para a cena política brasileira... uma... nova forma de compor o governo... e obviamente que para isso é preciso não ter a velha maniqueísta de que pessoas boas só eXIStem no meu partido... pessoas boas existem em todos os lugares é preciso ter uma atitude de reconhecer inclusive os feitos alheios... existe uma forma equivocada de você só achar que as coisas boas são aquelas que você faz... a gestão pública é um processo existem coisas boas feitas até por adversários que devem ser continuadas isso se chama INStitucionalizar conquistas o problema é que nas democracias ainda atrasadas... não se institucionaliza as conquistas a gente fulaNiza as conquistas ou a gente partidaria então o Plano Real que deu CERto é do PSDB... o plano real não é do PSDB é do povo brasileiro tanto é que o presidente Lula fez uma carta aos brasileiros... se comprometeTENDo que ia dar continuidade eh... a inclusão social de tirar cerca de quarenta milhões de pessoas da poBREza isso não pode ser do PT isso é de TODOS os brasileiros... agora ao invés de Fulanizar... a gente deveria INStitucionalizar e assegurar como diREItos é ISSO que faz com que as democracias possam evoluir e que a gente não fique na lógica da terra arrasada ENtra um governo e parece que vai inventar () mesmo quando ele pega uma SÉrie de coisas que são muito interessantes... em dois mil e dez quando eu concorri eu... eh: falei para as pessoas que se ganhasse eu queria governar com os melhores do PT os melhores do PSDB do PMDB dos partidos... éh que... têm uma contribuição histórica a dar no Brasil obviamente que seriam os melhores e eu era muito criticada por isso como se fosse possível alguém dizer que quer governar com os piores mas ((JÔ E A PLATEIA RIEM DE MANEIRA DISCRETA)) eu tenho essa lógica ninguém... pode imaginar que você vai ganhar o governo pra governar sozinho a diferença é como você comPÕE o governo e como você institui a tua base de sustentação no congresso... hoje o processo como se dá? é feito de forma

totalmente pragmática distribuindo pedaços do EsTAdo... para inclusive fazer essas coisas que fizeram na Petrobrás para poder... ter maioria no congresso... será que não é possível sair dessa lógica de distribuir pedaços no Estado para uma composição programática? com base em um programa... em que os partidos escalem os seus melhores quadros PArá aquelas áreas de competência que eles por ventura têm? por exemplo... alguém questiona que ao longo desses anos o PSDB TEM uma competência no aspecto econômico? tirou eh:: da cartola o coelho do Plano Real DEU uma competência para o Brasil... alguém tem dúvidas mesmo com os erros de que o PT deu uma GRANde contribuição para as políticas sociais? Não (frase exclamativa) a gente tem é que ter a capacidade de reconhecendo os feitos alheios ter autonomia para não se render aos erros que foram praticados E poder encarar novos desafios obviamente que qualquer um que ganhar o governo vai deixar lacunas e outros virão é uma corrida de quatro por quatro... e cada um deve fazer a sua parte da melhor forma possível... é por isso que eu sou contra a reeleição Jô... eu sou contra a eleição porque na América Latina

[

Jô: () desculpa assim te interromper mas já interrompendo... cê acha que em quatro anos::: dá para a pessoa REAlmente... modificar alguma coisa? para você ver primeiro que eu nunca fui a favor do parlamentarismo hoje em dia eu sou francamente a favor claro que tem que mudar TUDO no plano da política... porque não é possível que alguns deputados se elejam... com o voto... de um estado enorme... onde ah:: de repente acontece coisas que elegem pessoas que não tem nada a ver com a política... ((MARINA EMITE SOM DE CONCORDÂNCIA)) eu acho que isso atrasa o país eu acho que tinha que ser setorizada:do esse tipo de voto eu não sei porque eu não enTENdo disso só me parece que as trinta e TANTas democracias que mais deram certo no mundo... são parlamentaristas... o único/ o único governo presidencialista que realmente... deu certo... é os Estados Unidos... mas os Estados Unidos também... aquela águia... pousa em tudo que é canto agora está dançando ta/ ta/ tango na Argentina... ((PLATEIA E MARINA RIEM)) você já pensou uma á:: guia daquele tamanho abraçando... um presidentezinho () vamos ao tango... aí de repente... os Estados Unidos o Obama dança meLHOR do que aquela bailarina... ((PLATEIA E JÔ RIEM)) você acredita? Agora eu não sei se pra o Brasil seria o momento de talvez experimentar outro caminho... não SEI só tô levantando a bola... para que haja essa possibilidade...

MARINA: mas...

[

Jô: eu não quero terminar... sem te perguntar o seguinte cê foi muito criticada você falou aí em desastre ambiental... você foi muito... criticada por não ter ido ao local... ou ter participado... do GRANDE desastre ecológico que nós tivemos recentemente... como é que cê respondeu a essas críticas?

MARINA: Jô... só retomando... eu concordo com o parlamentarismo e acho os/ que poderemos ir até para CINco anos de governo... mas sem reeleição... porque a reeleição ela acaba... levando as pessoas fazerem o que é necessário para se reeleger... não o que é necessário para o país... é por isso que eu sou contra... Agora... no que concerne ((A PLATEIA APLAUDE MARINA EM UM GESTO DE CONSONÂNCIA COM SUA IDEIA)) ((MARINA SILENCIA E SORRI))

JÔ: aí... maioria absoluta... () e aí?

MARINA: no que concerne eh:: enfim... à ideia de que... os Estados Unidos ou qualquer outro país... né? abraçando a América Latina... eu acho que a gente tem que buscar cada vez mais um trabalho integrado... né::: o próprio problema das mudanças climáticas e praticamente impossível resolver se for apenas um grupo de países... todos têm que participar... e quanto a::: Mariana... eu me pronuncie várias vezes nos meios que eu dispunha... nas minhas redes sociais nos artigos que escrevi nas entrevistas que dei quando fui éh: entrevistada

[

JÔ: você sabe que a crítica houve né?

Marina: é a crítica houve mas eu tenho um posicionamento em relação a isso quando aconteceu o desastre aqui e eu fui uma das primeiras a dizer que não era um desastre era um crime ambiental... porque aquilo houve negligência por parte DAS empresas... eu não fui porque eu não QUIS instrumentalizar o momento de dor daquelas pessoas... eu não tenho hoje uma função pública nem de senadora de deputada... enfim e naquele momento era um momento do corpo de bombeiros da defesa civil da presidente da República da ministra de meio ambiente do secretário de meio ambiente do governador de Minas Gerais das autoridades que efetivamente poderiam fazer algo para éh:: melhorar a situação daquelas pessoas e... aquelas condições ambientais dramáticas... éh:: EU procurei fazer o meu trabalho como eu sempre:: faço... eu conversei com alguns amigos juristas inclusive alguns do ministério público...

para ver como é que a gente transforma aquele tipo de crime em crime hediondo... para ver como é que... os... diretores da empresa os presidentes da empresa têm os seus bens bloqueados quando aconTEce um crime daquela natureza... e quando eu fui éh:: n/ na França para a Convenção do Clima... eu procurei a equipe do professor Edgar Morin que tem um tribunal internacional... que faz julgamento desses crimes ambientais com a magnitude que teve o problema de Marina e... eles estão em tratativas aqui no Brasil... PAra possivelmente levar aquele caso a esse... éh:: tribunal internacional então é o trabalho que eu faço eu não sou de instrumentalizar as coisas para me promover... eu fui vítima durante uma parte da minha vida... vendo pessoas serem assassinadas e muitas vezes pessoas indo lá SÓ para faturar politicamente e eu jamais faria uma coisa dessa...

Jô: Você tem certeza...

[

Marina: eu fiz aquilo que achei que era correto e que era efetivo... pagando o preço por aqueles que tentam... éh:: fazer política de tudo... obviamente que se eu estivesse ido os mesmos diriam “a Marina está se aproveitando é oportunista” e até eu mesma ia achar que estava sendo agora não IR me faz ter a clareza de que eu fiz aquilo que é efetivo eu estou fazendo éh:: o que eu posso e quando era ministra eu luTEI para que se tivesse regramentos que evitasse o que aconteceu infelizmente eu fui sempre muito criticada em relação a essas posturas mas quem acompanha o meu trabalho sabe que inclusive nós conseguimos um procedimento éh:: de que os licenciamentos passassem por um processo que nós chamamos de avaliação ambiental... integrada ou estratégica que é a avaliação ambiental não só do empreendimento em si mas olhando para toda bacia hidrográfica e com certeza se esse aspecto tivesse sido observado... as empresas não teriam feito o que fizeram lá em Mariana...

Jô: bom eu conversei aqui com a Marina Silva... quando foi candidata qual foi a primeira vez que você veio?

Marina: eu cheg/

[

Jô: Candidata à senadora...?

Marina: eu quando eu ganhei Jô pela primeira vez foi em noventa e quatro... foi você quem me apresentou para o Brasil eu não sei se você lembra mas naquele contexto havia uma tentativa de folclorizar o meu mandato... né dizendo “se elegeu uma seringueira onde já se viu uma seringueira... foi eleita à senadora” e:: você me fez um convite me fez uma entrevista me apresentou para o Brasil de uma forma muito respeitosa eu tenho uma gratidão proFUNda por isso éh:: obviamente que eu sei que isso é:: parte da sua índole e eu hoje nesse momento... fico feliz de poder voltar aqui novamente e conversar contigo... éh:: porque nesse momento eu estou defendendo a iDEIA de que a solução para essa crise é uma nova::: eleição... o TSE a gente não pode pressionar mas há uma denúncia se ficar comprovado de que o dinheiro do Petrolão foi usado para eleição... os sete ministros poderão devolver a duzentos milhões de brasileiros... a possibilidade de escolher aqueles/ aquele que ele acha que povo acha... que pode repactuar os caminhos da nossa nação... então... acho que fazer um debate sobre esse momento com... o devido senso de responsabilidade que a crise exige é papel de formadores de opinião como você e sobretudo de cidadãos e de cidadãs que não vão ficar apenas na guerra entre o azul e o vermelho...

Jô: bom eu acho... eu sou abrigado a te interromper de novo por causa do tempo... mas eu acho que a opinião jurÍdica ah::: vai além da nossa compreensão mas eu não vejo porque um vice-presidente... tenha que pagar o Ônus de uma camPAnhia da qual ele foi apenas o vice-presidente... e que... já tentou até separar o caso da doação... do que foi para quem para quem foi ou o que foi ou de quem foi... eu ach/ aí é uma opinião pessoal... eu acho que realmente não só fazer o impeachment da presidente... mas também do vice... eu acho aí realmente eu acho que é um momento ter uma eleição nesse momento... eu acho francamente assustador...

Marina: não eu acho assustador... é você acreditar... que:: o partido que ficou junto com o PT... durante esses doze anos... que tomaram decisões juntos... que escolheram diretorias da Petrobrás juntos... e que segundo as investigações até havia uma coordenação conjunta... um possa ser subtraído como problema e o outro possa ser ungido como a solução...

Jô: passageira...

Marina: sim...

Jô: solução...

Marina: sim mas é o mesmo partido... o PT tem o Vaccari e o Delcídio que estão implicados... o PMDB tem o presidente Cunha tem o presidente Renan tem o ex-presidente Collor igualmente implicados na lava-jato é isso que eu estou dizendo os dois partidos promoveram isso... o julgamento no TSE não é golpe está previsto na constituição... MAS o que está previsto também na constituição é que se houve qualquer fraude na eleição e o uso irregular de dinheiro... distorcendo...

Jô: atinge então...

[

Marina: atinge a chapa tanto um quanto o outro...

Jô: olha eu vou te falar sinceramente... uma/ uma/ um depoimento pessoal... eu já fui garfado... por um... pelo meu contador... e ele me falava coisas que eu acreditava... e no final... era roubo... me roubou... então eu não sei porque é que de repente... uma pessoa que é candidata a isso ou aquilo... ((JÔ TOSSE)) tenha que acompanhar... Todas as doações que estão sendo feitas... isso aí é uma opinião pessoal quer dizer eu acho... que se impeacharem a Dilma... e impeacharem juntamente o Temer... por pior que seja ter o Temer que as pessoas reclamem...

[

Marina: mas mas...

Jô: Vai dar um bololô...

Marina: Não Jô va/ eu acho desculpe mas...

[

Jô: quem vai assumir?

Marina: o que dá um bololô... é o seguinte...

[

Jô: ((JÔ TOSSE)) o Tiririca vai assumir? ((A PLATEIA RI))

Marina: a lava-jato... ((JÔ TOSSE)) ela está investigando a todos... os partidos que estão implicados... certo? e:: nós precisamos ter a magnitude do trabalho que vem sendo feito pela lava-jato... no meu entendimento... se houve comprovadamente o desvio do dinheiro da corrupção para a chapa... ((JÔ EMITE SOM DE CONCORDÂNCIA)) aí é um julgamento juRÍdico...

[

Jô: é a chapa toda que vale...

Marina: é a chapa toda que vale pelo TSE... você tem um processo em que... todo o processo comprobatório haverá de ser colocado porque ninguém pode condenar ninguém a priori nem a Dilma e nem o Temer... agora... o que eu não posso é acreditar que os dois partidos que governaram juntos... que patrocinaram juntos... tudo que está acontecendo na crise política na crise econômica na crise social e na crise da Petrobrás... UM possa ser o problema e o outro possa ser a solução

[

Jô: mas quer dizer você acha que o/ o PMDB ((JÔ TOSSE)) tem a mesma força que... o PT? ou seja que o Temer tem a mesma força que a Dilma?

Marina: ô Jô... os dois partidos

[

Jô: em termos de conhecimento do que se passa...

Marina: fizeram isso juntos... até agora ninguém conseguiu comprovar diREtamente que a Dilma estava envolvida diretamente... tem responsabilidade política tem responsabilidades jurídicas certo? mas os dois partidos estão implicados igualmente... e se o dinheiro foi usado para a eleição dos dois... o TSE poderá cassá-los se ficar comprovado... o impeachment não é golpe... no meu entendimento ele CUMpre com a formalidade

[

Jô: não... não é golpe.

[

Marina: mas não cumpre com a finalidade.

Jô: óh deich/ eu te falar... o que eu falei do tiririca aqui de brincadeira... mas é que já circulou aí na internet que por eliminação... acaba a presidência chegando no deputado que foi que teve o maior número de votos por isso fi/ âh:: eu fiz essa brincadeira

[

Marina: é por isso que/ é por/

[

Jô: de mal gosto até porque ((MARINA RI)) âh:: eu acho que nós já tivemos presidente que aparentemente não tinha um nível de cultura para ser presidente e que quando foram presidentes deram... um BAnho e outros que tinham... um nível de cultura elevado... acabaram sendo... impeachado de forma vergonhosa... até... bom eu tenho que terminar o nosso papo e eu vou continuar com esse papo jurídico... porque tá ali aguardando... o doutor Ives com quem eu vou conversar agora... o pro/ eu já vou avisando que o programa estourou o tempo... mas eu sou incapaz de cortar a palavra... de um/ de uma convidada TÃO importante... TÃO ilustre e:: TÃO corajosa muito obrigado

[

Marina: obrigada Jô... ((MARINA SORRI))

[

Jô: daqui a pouco a gente volta...

ANEXO 4 : Matriz 01 – Entrevista concedida à revista Rolling Stone por Marina Silva (PV), no ano de 2010.

SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	ENUNCIADOS-OPERADORES	POTENCIALIDADES DA MATERIALIDADE	SÍNTESE DA PERCEPÇÃO
Caso eleita, o que a senhora vai fazer pelo Brasil? SD1 E o que estou propondo como o termo de referência é a sustentabilidade social, ambiental, cultural, política e ética, para produzirmos uma economia do século 21, baseada nos valores do século 21, orientados pela nova visão que se deve ter do mundo. Até há bem pouco tempo, se achava que os recursos naturais eram infinitos, que o desenvolvimento era linear. Hoje, sabemos tecnicamente e cientificamente que não é assim, e mudando a realidade, muda também o olhar para a realidade. Então, a realidade que nós temos hoje é a que vai exigir cada vez mais de nós. É uma nova forma de relação dos homens uns com os outros, dos homens consigo mesmos e dos homens com a natureza.	E1 “sustentabilidade social, ambiental, cultural, política e ética, para produzirmos uma economia do século 21” E2 “. Até há bem pouco tempo, se achava que os recursos naturais eram infinitos,” E3 “É uma nova forma de relação dos homens uns com os outros, dos homens consigo mesmos e dos homens com a natureza.”	E1 a E3 – denotam uma inscrição da IES em um lugar ativista/ambientalista.	Nesta SD, percebemos uma inscrição ativista/ambientalista da IES quando enuncia sobre suas perspectivas enquanto candidata. Essa posição-sujeito ocupada, evidencia a trajetória política da IES, iniciada como militante das causas ambientais no Acre, dando continuidade aos seus ideais no ministério do meio ambiente do governo Lula.
A senhora foi envolvida por isso (pela ideia de ser presidente) de alguma maneira? SD1 “Eu sempre digo que a gente pensa que tem uma causa, mas é a causa que tem a gente. Essa ideia me abraçou, com certeza, desde que essa causa me teve... É porque ninguém vira candidato a presidente da República de repente. Acho que era bom eu ser candidata, isso faz parte de um processo. E ainda que o	E4 “Essa ideia me abraçou” E5 “essa causa me teve” E6 “ninguém vira candidato a presidente da República de repente” E7 “Acho que era bom eu ser candidata” E8 “isso faz parte de um processo” E9 “o indivíduo tem esse lugar” E10 “ele (o indivíduo) também é colocado nesse lugar”	E4 e E5 - demarcam um lugar de inscrição que não significa a IES. E6 - significa que a IES está se inscrevendo em um lugar discursivo que não corresponde ao seu lugar social. E7 – “ser candidata” demarca o lugar social em que a IES deseja se inscrever. E8 -“processo” contém o sentido de etapas a serem alcançadas para se chegar ao lugar social desejado.	Ao analisarmos a SD1, percebemos movimentos discursivos relacionados às posições-sujeito que interpelam à IES, pois ao enunciar sobre sua candidatura à presidência da República, oscila entre dois lugares: o de quem está em um dado lugar social (ativista) e o de quem deseja ocupar um lugar discursivo (candidata à presidência da República) exterior às suas inscrições discursivas. Há portanto, uma oscilação entre o lugar social e o lugar discursivo ocupado pela IES.

<p>indivíduo tem esse lugar como o sujeito que se coloca, ele também é colocado nesse lugar. E aí ele vai ter que fazer essa mediação entre aquilo que as pessoas têm como expectativa e o que ele se dispõe a fazer. E aí, nesse caso, chegou o momento que eu me dispus a fazer.”</p>	<p>E11 “chegou o momento” E12 “me dispus a fazer”</p>	<p>E9 – significa o desejo de se inscrever em uma exterioridade discursiva. E10 - “colocado” demarca uma posição enunciativa em que IES se inscreve. E11 - A IES se coloca no lugar discursivo de candidata. E12 – o item lexical “fazer” indica um silenciamento acerca da tomada de posição da IES.</p>	
<p><i>E a decisão de deixar o PT, foi difícil? Por quê?</i></p> <p>SD3</p> <p>“Foi porque são 30 anos de militância, de construção e isso não é algo que se elabore facilmente, nem politicamente, nem afetivamente e. Eu ainda estou fazendo este luto.”</p>	<p>E13 – “30 anos de militância” E14 – “nem politicamente, nem afetivamente” E15 – “fazendo este luto.”</p>	<p>E13 – demarca identificação da IES com o Partido dos Trabalhadores. E14 – demarca identificação da IES com o Partido dos Trabalhadores E15 – “luto” contém sentido de rompimento partidário, seguido de sofrimento.</p>	<p>Nesta SD, há evidências que mostram identificação da IES com o Partidos dos Trabalhadores. Ela se inscreve no discurso da perda para se colocar no lugar de quem ainda sofre os efeitos do rompimento partidário.</p>
<p><i>Foi como o fim de um casamento longo?</i></p> <p>SD4</p> <p>“Como quando você pertence a um partido, tem o nome de filiado, é como se fosse uma espécie de desfiliação, no sentido de deixar de fazer parte daquele grupo, ainda mais com o nível de construção que a gente tinha. (...)Isso foi uma construção, uma grande contribuição para a democracia brasileira de que tenho orgulho de ter feito parte. Para mim, essa é uma herança que nunca será maldita.”</p>	<p>E16 – “pertence a um partido” E17 – “tem o nome de filiado” E18 – “fosse uma espécie de desfiliação” E19 – “deixar de fazer parte daquele grupo” E20 – “o nível de construção” E21 – “grande contribuição para a democracia brasileira” E22 – “tenho orgulho de ter feito parte” E23 – “uma herança que nunca será maldita.”</p>	<p>E16 a E19 – demarca o lugar social que a IES ocupa E20 a E 23 – “evidencia identificação com o Partido dos Trabalhadores.”</p>	<p>Mais uma vez, a IES se inscreve no discurso da perda ao enunciar sobre sua desfiliação no PT, o que evidencia seu lugar social e a identificação com esse partido, mesmo estando filiada ao PV.</p>
<p><i>Foi uma decisão sábia?</i></p> <p>SD5</p> <p>“Eu diria que, espero que se a decisão foi sábia, ela se revelará no futuro. O que</p>	<p>E24 – “revelará no futuro” E25 – “foi uma decisão necessária”</p>	<p>E24 + E25 – evidenciam um processo de identificação com o Partido dos Trabalhadores, além de um movimento discursivo de deslocamento ideológico.</p>	<p>Mesmo a IES estando filiada a um outro partido, o Partido Verde, ainda é possível perceber a sua inscrição no PT. Aqui, temos um deslocamento ideológico, uma vez que a IES apenas move no interior da sua FD para ocupar um lugar no</p>

posso dizer agora é que foi uma decisão necessária.”			PV.
A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?	EO 26 – “Eu diria que os ideais que o PT colocou como os seus grandes ideais, em parte, vêm se realizando” SD6 “Eu diria que os ideais que o PT colocou como os seus grandes ideais, em parte, vêm se realizando. Obviamente que houve um descolamento da parte de alguns em relação a várias questões, mas, em parte, vêm se realizando.”	E26 + E27 – “alguns”, “várias” demarcam um silenciamento. E28 – mostra identificação com o PT.	Percebemos que há um silenciamento, por excesso, da IES em relação àquilo que ela diz ser transformações ideológicas ocorridas no Partido dos Trabalhadores. Esse silêncio juntamente ao enunciado posterior (E28) pode ser compreendido como uma denegação das transformações ideológicas citadas.
A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?	SD7 “O que me fez sair do PT foram as mesmas razões pelas quais fiquei durante 30 anos. Eu saí para manter a minha conectividade com os ideais que eu acredito. E o PT não foi capaz de se conectar com as utopias do século 21.”	E29 – “fiquei durante 30 anos.” E30 – “saí para manter a minha conectividade” E31 – “PT não foi capaz de se conectar”	E29 – explicita o lugar social ocupado. E30 + E31 – evidencia um processo de confronto com os ideais do PT. Nesta SD, temos um movimento enunciativo no que concerne às posições-sujeito instauradas na discursividade do Partido dos Trabalhadores, uma vez que a IES mesmo ocupando um lugar social de inscrição no PT, assume uma posição de confronto com os ideais desse partido.
A senhora acha que se desfiliou dos ideais do PT ou o PT se desfiliou desses mesmos ideais?	SD8 “Quando digo que realizou em parte: se nós olharmos para o propósito da inclusão social, eu diria que progressivamente há uma contribuição nessa direção. Tirar 25 milhões de pessoas da linha da pobreza em oito anos - isso é altamente relevante e significativo.”	E32 – “o propósito da inclusão social” E33 – “há uma contribuição nessa direção.” E34 – “Tirar 25 milhões de pessoas da linha da pobreza em oito anos” E35 – “é altamente relevante e significativo”	E32 a E35 – denotam o lugar social da IES e a sua identificação com o Partido dos Trabalhadores. Mais uma vez, há uma identificação da instância-sujeito com o PT, o que denota um lugar social ainda ocupado, revelando um movimento discursivo no que tange a contradição entre a sua inscrição partidária (PV) e a sua inscrição social (PT).
O que a campanha lhe ensinou sobre si mesma?	SD9	E36 – “não quero é deixar de ser eu” E37 – “sendo eu mesma”	E36 a E41 – há uma reafirmação de determinado sentido que nos conduz a um silêncio por excesso. A necessidade da IES de reafirmar o sentido de que não quer deixar de ser ela mesma, configura-se como um silenciamento por excesso que

<p>“Uma coisa que não quero é deixar de ser eu só por que estou em campanha. Quero encarar essa campanha para presidente sendo eu mesma. E que significa isso? É preciso um esforço. O investimento para ser esse “si mesmo” não está apartado desse “nós” que se presentifica em minha pessoa, mas esse si mesmo tem a ver com aqueles valores que me são caros, profundos, que, se eu abrir mão deles são desconstrutivos da minha essência e trajetória.”</p>	<p>E38 – “É preciso um esforço.”</p> <p>E39 – “O investimento para ser esse “si mesmo”</p> <p>E40 – “esse si mesmo tem a ver com aqueles valores”</p> <p>E41 – “desconstrutivos da minha essência e trajetória”</p>		<p>faz emergir um sentido outro de que o lugar de candidata não lhe constitui. Podemos interpretar, ainda, que esse lugar o qual a IES não deseja deixar, é o lugar social de ativista.</p>
<p>O que a campanha lhe ensinou sobre si mesma?</p> <p>SD10</p> <p>“Peço a Deus todo dia, sabedoria para que eu não faça nada que não seja eticamente justo com a Dilma, com o Serra e com o Plínio. Não vale tudo para ganhar uma eleição”</p>	<p>E42 – “Peço a Deus todo dia”</p> <p>E43 – “que eu não faça nada que não seja eticamente justo”</p> <p>E44 – “Não vale tudo para ganhar uma eleição”</p>	<p>E42 – marca o atravessamento do discurso religioso</p> <p>E43 + E44 – “eticamente justo” e “não vale tudo” elucida o discurso da justiça, da ética.</p>	<p>Nessa SD, há o discurso político atravessado pelo discurso religioso perpassado pelo discurso da ética e da justiça, evidenciando uma formação imaginária que a IES deseja construir de sua imagem em relação aos eleitores.</p>
<p>É possível governar sem ter que se sentar ao lado de um político corrupto, por exemplo?</p> <p>SD11</p> <p>“A melhor forma de governar é com democracia e transparéncia. A democracia, e não uma ditadura, ou regime autoritário, é a única forma de governar. (...) E aí a democracia pressupõe controle e participação da sociedade sobre as políticas públicas. Para que a sociedade possa exercer esse controle, é preciso transparéncia e acesso à informação. A melhor forma de governar é essa.”</p>	<p>E45 – “A melhor forma de governar é com democracia e transparéncia”</p> <p>E46 – “a democracia pressupõe controle e participação da sociedade”</p> <p>E47 – “é preciso transparéncia e acesso à informação.”</p> <p>E48 – “A melhor forma de governar é essa.”</p>	<p>E45 a E48 – denotam o silenciamento por excesso para não enunciar sobre a questão dos políticos corruptos.</p>	<p>Há um silenciamento por excesso numa tentativa de não enunciar sobre a questão dos políticos corruptos. Entretanto, são dadas as condições sócio históricas da política brasileira em que a corrupção perdura, que nos leva a compreender que o efeito que emerge desse silêncio é de que a IES deseja evitar o sentido de que no sistema presidencialista, ou ainda, no âmbito da política brasileira, não se tem total controle para escolher com quem governar.</p>
<p>A senhora se apresentaria como essa ponte entre PT e PSDB, como esse elo de</p>	<p>E49 – “isso não é uma coisa que você possa dizer de si mesmo.”</p>	<p>E49 + E50 – denotam um lugar que a IES não deseja ocupar.</p>	<p>Aqui, temos a evidência de um lugar que a IES não deseja ou acredita não ser possível</p>

<p><i>ligação entre os partidos?</i></p> <p>SD12</p> <p>“Olha, isso não é uma coisa que você possa dizer de si mesmo. Uma ponte com essas envergadura e estatura só se revela quando a sociedade constrói. E isso não é uma pessoa.”</p>	<p>E50 – “isso não é uma pessoa.”</p>		<p>ocupar, sendo ele, um lugar discursivo de conciliação entre o PT e o PSDB.</p>
<p><i>Para terminar, que tipo de compromisso a senhora assume no combate à corrupção?</i></p> <p>SD 13</p> <p>“Quando a gente começa a usar a ética como promoção política, é porque esse valor está ficando tão deteriorado que ele parece que já virou algo que eu posso escolher - entre ser ético e não ser ético. Eu sempre digo que o bonito pode se gabar de ser bonito, o rico por ser rico, mas o ético e o justo não podem se gabar por serem éticos e justos. Porque ele não tem alternativa.”</p>	<p>E51 – “usar a ética como promoção política”</p> <p>E52 – “esse valor está ficando tão deteriorado”</p> <p>E53 – “entre ser ético e não ser ético”</p> <p>E54 – “o bonito pode se gabar de ser bonito”</p> <p>E55 – “, o rico por ser rico”</p> <p>E56 – “o ético e o justo não podem se gabar por serem éticos e justos”</p> <p>E57 – “ele (o ético e o justo) não tem alternativa”</p>	<p>E51 a E53 + E56, E57 – revela a formação imaginária da IES.</p> <p>E54 + E55 – os itens “bonito” e “rico” denotam o atravessamento do discurso capitalista.</p>	<p>Nessa SD, percebemos uma formação imaginária da IES no que diz respeito à imagem que deseja construir de si em relação aos eleitores, evocando valores como a ética e a justiça. Há nesse trecho, também, o atravessamento do discurso capitalista, uma vez que a instância-sujeito instaura, no processo enunciativo, sentidos sobre o rico e o bonito, denotando, assim, sua FI no que diz respeito à beleza e ao capital. Essa movimentação nos conduz a um silêncio por excesso no que diz respeito aos políticos corruptos.</p>
<p><i>Para terminar, que tipo de compromisso a senhora assume no combate à corrupção?</i></p> <p>SD 14</p> <p>“Existem duas coisas que possibilitam isso: pessoas virtuosas e instituições virtuosas. As pessoas virtuosas criam as instituições virtuosas. E por que elas criam instituições? Porque ninguém pode depender da virtude das pessoas. Porque individualmente somos falhos. Socialmente também somos falhos. Mas o que nos aperfeiçoa é essa retroalimentação entre indivíduos e instituições”</p>	<p>E58 – “pessoas virtuosas e instituições virtuosas”</p> <p>E59 – “pessoas virtuosas criam as instituições virtuosas”</p> <p>E60 – “ninguém pode depender da virtude das pessoas”</p> <p>E61 – “individualmente somos falhos”</p> <p>E62 – “retroalimentação entre indivíduos e instituições”</p>	<p>E58 a E62 – denotam a formação imaginária da IES em relação imagem que deseja se constituir para os eleitores, a IES se apresenta enquanto uma pessoa virtuosa. Há também um silêncio do dizer – mais uma vez a IES silencia sua tomada de posição acerca do combate à corrupção.</p>	<p>Percebemos que, nesta, SD 14, há, no dizer político, o atravessamento do discurso da virtude, evocando uma formação imaginária que a IES deseja construir de si em relação aos cidadãos. Essa imagem de pessoa virtuosa é atrelada à criação de instituições virtuosas, uma vez que nos dizeres da IES: “as pessoas virtuosas criam as instituições virtuosas”. Essa movimentação nos conduz, mais uma vez, a um silêncio por excesso no que diz respeito aos políticos corruptos.</p>

ANEXO 5: Matriz 02 – Entrevista concedida à revista Época por Marina Silva (PSB), no ano de 2014.

SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	ENUNCIADOS-OPERADORES	POTENCIALIDADES DA MATERIALIDADE	SÍNTESE DA PERCEPÇÃO
<p><i>Se a senhora for para o segundo turno contra a presidente Dilma Rousseff, como dizem as pesquisas, enfrentará uma máquina partidária com recursos, experiência e 12 anos de governo para mostrar no rádio e na TV. Como pretende enfrentar o PT?</i></p> <p>SD 15</p> <p>“Com nosso programa de governo. Os 20 anos de PT e PSDB deram contribuições relevantes, mas agora os partidos chegaram ao ápice da estagnação. (...) A ameaça às conquistas sociais, pelo baixo crescimento, elevação da inflação, corrupção e ineficiência – isso é por causa do atraso na política. Há que criar um círculo virtuoso no desenvolvimento econômico, social e, principalmente, político do nosso país. Faremos isso com este programa. Nossa campanha será mediada pela ética”</p>	<p>E63 – “os partidos chegaram ao ápice da estagnação”</p> <p>E64 – “elevação da inflação, corrupção e ineficiência”</p> <p>E65 – “atraso na política.”</p> <p>E66 – “Há que criar um círculo virtuoso no desenvolvimento (...) do nosso país.</p> <p>E67 – “Faremos isso com este programa.”</p> <p>E68 – “Nossa campanha será mediada pela ética”</p>	<p>E63 a E65 – os itens lexicais “estagnação, inflação, corrupção, ineficiência, atraso, ” revelam uma contra-identificação da IES com o PT e o PSDB.</p> <p>E66 a E 68 – há, no dizeres políticos da IES, o atravessamento do discurso da ética e da virtude, ao enunciar sobre um programa de governo que é apagado.</p>	<p>Percebemos pelos itens lexicais dos E63 a E65 uma situação de confronto da IES com o PT e PSBD; além disso, há em seu dizer político, o atravessamento do discurso da virtude e da ética quando enuncia sobre o plano de governo do PSB, entretanto, há um apagamento das características e das diretrizes desse programa, o que acreditamos fazer emergir o sentido de que a IES não se inscreve no programa o qual defende.</p>
<p><i>A senhora faria uma aliança com o PSDB no segundo turno? Em que condições se daria essa aliança?</i></p> <p>SD 16</p> <p>“O segundo turno discutiremos no segundo turno. Agora temos de trabalhar, e trabalhar muito, para ir ao segundo turno. Eu e Eduardo (Campos) e, depois, eu e</p>	<p>E69 – “O segundo turno discutiremos no segundo turno”</p> <p>E70 – “temos de trabalhar, e trabalhar muito, para ir ao segundo turno.”</p> <p>E71 – “Qualquer aliança que fizermos será uma aliança programática.”</p>	<p>EO69 a EO71 – a IES não se coloca como instância inscrita no programa que o partido defende e há um silenciamento do lugar da IES na relação com o PSDB e de sua própria inscrição no programa de partido pela qual concorre as eleições.</p>	<p>Além de não se colocar enquanto inscrição discursiva no programa do partido que o PSB defende, há um silenciamento da possibilidade de, no segundo turno das eleições presidenciais, fazer uma aliança com o PSDB.</p> <p>OBS: Algo passível de nossa observação é que a IES, de fato, apoiou o candidato do PSDB, Aécio Neves, no segundo turno das</p>

Beto (Albuquerque) fizemos uma aliança programática. Qualquer aliança que fizermos será uma aliança programática”			eleições presidenciais no ano de 2014.
A senhora conversaria com Aécio para uma aliança no segundo turno? SD17 “Tenho de respeitar meus adversários. (...) Não farei aquilo que critiquei. Aécio é candidato até dia 5 de outubro. Seria uma arrogância da minha parte já me colocar como líquida e certa no segundo turno.”	E72 – “respeitar meus adversários” E73 – “Não farei aquilo que critiquei” E74 – “líquida e certa no segundo turno”	E72 a E74 – denotam um silenciamento.	A IES tenta silenciar possíveis sentidos acerca de uma aliança com o candidato do PSDB, Aécio Neves, no segundo turno das eleições presidenciais. Entretanto, esse silêncio nos encaminha a uma denegação, pois a não resposta pode ser interpretada como uma tentativa de mascarar que há a possibilidade de haver essa aliança.
A senhora se recusou a subir no palanque do governador Geraldo Alckmin, candidato à reeleição em São Paulo. Na semana passada, seu nome apareceu ao lado de Alckmin nos santinhos do candidato. Qual sua opinião sobre Alckmin? SD18 “Não fui eu que usei meu nome no santinho. O PSB fez uma escolha, que contou com minha discordância. Eduardo se esforçou para reposicionar São Paulo, para que tivéssemos uma candidatura, mas a decisão foi respeitar a posição do partido em São Paulo, que quer fazer a campanha de seu candidato a governador. Não é o meu, porque não temos candidato lá. E quer fazer a campanha da sua candidata a presidente, que sou eu”	E75 – “Não fui eu que usei meu nome no santinho.” E76 – “contou com minha discordância” E77 – “para que tivéssemos uma candidatura” E78 – “Não é o meu, porque não temos candidato lá.” E79 – “fazer a campanha da sua candidata a presidente”	E75 a E79 – apresentam uma contradição da IES; uma inscrição na tomada de posição do partido que não corresponde à tomada de posição da candidata; e um silenciamento que se apresenta enquanto permissividade de uso da imagem na campanha de Alckmin.	Compreendemos que há um movimento discursivo relacionado à contradição porque a IES quer enunciar do lugar discursivo de quem não apoia e/ou identifica-se com candidatos de filiação política de direita, mas sua tomada de posição de ter autorizado – porque não se pode fazê-la sem autorização – a publicação de sua foto ao lado do candidato Geraldo Alckmin, mesmo dizendo ser contra sua vontade, se inscreve nesse lugar contrário. No que tange ao silenciamento, ele acontece pelo excesso do dizer uma vez que a instância-sujeito, na tentativa de se defender e se esquivar de uma inscrição discursiva neste lugar, silencia qual é a sua opinião sobre o candidato Alckmin.
Lula já lhe fez ataques indiretos e disse que a senhora espalha inverdades. Por que a	E80 – “a outra face é o melhor símbolo do amor”	E80 – a expressão “outra face” denota uma inscrição interdiscursiva com uma passagem bíblica. Há, portanto, o atravessamento do discurso	A IES, ao evocar a interdiscursividade bíblica de “dar a outra face”, parafraseia uma passagem localizada no evangelho de

<p><i>senhora não responde aos ataques dele? Por que lhe oferece a outra face, como já disse?</i></p> <p>SD19</p> <p>“Porque a outra face é o melhor símbolo do amor”</p>		<p>religioso e a evidência do lugar discursivo que a IES deseja ocupar, silenciando a sua tomada de posição em relação aos dizeres do ex-presidente Lula.</p>	<p>Mateus, que diz sobre resistir à vingança do “olho por olho, e dente por dente”. O trecho usado pela instância-sujeito é encontrado em duas partes da Bíblia: anterior ao ensinamento de “amar seus inimigos” e posterior a esse mesmo mandamento. Logo, o que ressoa dessa sequência é que a IES, interpelada pelo teor da pergunta, se reveste do discurso religioso perpassado pelo discurso da bondade e do perdão, ocupando um lugar de compaixão aos seus inimigos e, ao mesmo tempo, silenciando sua tomada de posição em relação aos dizeres do ex-presidente Lula.</p>
<p><i>E por que esse amor incondicional?</i></p> <p>SD20</p> <p>“Porque faço política por amor. Não faço política por ódio, graças a Deus. Uma pessoa como eu, com a origem que tem, se está neste lugar agora, é para fazer alguma coisa que seja boa e construtiva para o Brasil, para as pessoas, para a política. Minha disputa é com a presidente Dilma.”</p>	<p>E81 – “faço política por amor”</p> <p>E82 – “Não faço política por ódio, graças a Deus”</p> <p>E83 – “Uma pessoa como eu”</p> <p>E84 – “neste lugar agora”</p> <p>E85 – “alguma coisa que seja boa e construtiva para o Brasil”</p>	<p>E81 + E82 – há o atravessamento do discurso religioso, evocando a bondade como forma de denegar seu lugar de inscrição discursiva no Partido dos Trabalhadores.</p> <p>E83 a E85 – evoca o discurso da humildade e bondade na construção de uma imagem de si.</p>	<p>Outra vez interpelada pelo teor da pergunta, há, no discurso político da IES, o atravessamento do discurso religioso, evocando o discurso do amor como uma forma de identificação com o Partido dos Trabalhadores e com identificação com o ex-presidente Lula. Além disso, há o atravessamento do discurso da humildade na tentativa de construir uma imagem de si.</p>
<p>(Na continuidade da entrevista, o jornalista menciona a IES como vítima do marketing político feito pelo PT.)</p> <p><i>A senhora não acredita que o ex-presidente Lula partilha essa estratégia de comunicação com João Santana?</i></p> <p>SD21</p> <p>Espero profundamente que ele dê conselhos de que essa não é a melhor</p>	<p>E86 – “dê conselhos de que essa não é a melhor estratégia”</p> <p>E87 – “Lula já enfrentou o que enfrento hoje”</p> <p>E88 – “talvez me faça jamais perder esse vínculo com ele”</p> <p>E89 – “Jamais imaginei que a candidata do PT fosse fazer a mesma coisa comigo”</p>	<p>E86 a E88 – denota identificação da instância-sujeito com o ex-presidente Lula.</p> <p>E89 – mostra um processo de desidentificação da IES com a presidente Dilma.</p>	<p>Percebemos que há um processo de identificação da IES com o ex-presidente Lula e com a história do partido dos trabalhadores. Entretanto, apresenta um processo de contraidentificação com a presidente Dilma e sua campanha.</p>

<p>estratégia. Lula já enfrentou o que enfrento hoje. Essa parte da nossa história talvez me faça jamais perder esse vínculo com ele. Sei como dava trabalho explicar aos pastores que, se Lula ganhasse, ele não confiscaria as Bíblias. Sei como dava trabalho explicar para as pessoas com 100 hectares de terra que, se Lula ganhasse, não repartiria o pequeno sítio deles. Como dava trabalho explicar para a sociedade que, se Lula ganhasse, não acabaria com as empresas brasileiras. Vivi isso defendendo Lula. Jamais imaginei que a candidata do PT fosse fazer a mesma coisa comigo. “</p>			
<p>Eduardo Campos dizia que seria o primeiro presidente a não governar com o PMDB. Beto Albuquerque disse que é impossível governar sem o PMDB. Qual deles tem razão?</p> <p>SD22</p> <p>“Para mudar, é preciso mudar primeiro a má governança, essa ideia de ganhar uma eleição sem programa, fazendo aliança a qualquer custo, por tempo de televisão. A forma como se ganha determina a forma como se governa. A forma como se quer governar determina quem são seus aliados, porque há boas pessoas em todos os partidos. Mas estão no banco de reservas.”</p>	<p>E90 – “é preciso mudar primeiro a má governança”</p> <p>E91 – “essa ideia de ganhar uma eleição sem programa”</p> <p>E92 – “fazendo aliança a qualquer custo, por tempo de televisão”</p> <p>E93 – “A forma como se ganha determina a forma como se governa”</p> <p>E94 – “A forma como se quer governar determina quem são seus aliados”</p> <p>E95 – “pessoas em todos os partidos. Mas estão no banco de reservas”</p>	<p>E90 a E95 – evidenciam um esquecimento que conduz a uma tomada de posição da IES em relação a uma possível aliança com o PMDB.</p>	<p>Percebemos que, a partir do teor da pergunta, a IES tenta desvincilar-se da resposta para não se colocar em uma situação escorregadia com o seu partido. Mas, por uma ordem do inconsciente, valendo do esquecimento número 2, não percebe que sentidos outros emergem da sua enunciação a partir de um sentido que deseja neutralizar. É a partir desse movimento que percebemos a tomada de posição da IES sendo desfavorável a uma possível aliança com o PMDB.</p>
<p>Quando a senhora diz que se aliará às pessoas de bem, alguns entendem que a senhora pretende passar por cima dos partidos. É possível um acordo político sem partidos? Só com as</p>	<p>E96 – “Se a condição para ser presidente da República é se vergar à ideia de que se deve governar com os piores dos partidos, eu nem seria candidata.”</p> <p>E97 – “sou candidata para governar com os melhores”</p>	<p>E96 e E97 – expressa uma inscrição em uma formação imaginária que a coloca numa posição de autonomia política perante sua candidatura.</p> <p>E98 e E99 – reconhecimento da necessidade de uma inscrição</p>	<p>A IES se inscreve em uma formação imaginária de autonomia política em que acredita ser possível selecionar os melhores partidos com quem deseja governar. Entretanto, esse posicionamento conduz a</p>

<p><i>pessoas?</i></p> <p>SD23</p> <p>“Se a condição para ser presidente da República é se vergar à ideia de que se deve governar com os piores dos partidos, eu nem seria candidata. Só sou candidata para governar com os melhores. Digo isso não para passar por cima dos partidos, mas porque a sociedade brasileira exige isso.”</p>	<p>E98 – “Digo isso não para passar por cima dos partidos”</p> <p>E99 – “a sociedade brasileira exige isso.”</p>	<p>política na formação ideológica dos partidos e da sociedade como um todo.</p>	<p>um movimento discursivo relacionado à contradição, pois no regime presidencialista não se constrói alianças/bases necessárias para ter apoio no congresso, no senado, tendo total liberdade para selecionar os partidos com quem se deseja governar. Nos enunciados 98 e 99, percebemos também, que, mesmo inscrita numa formação imaginária de autonomia política, a IES, em contradição com os enunciados 96 e 97, reconhece a necessidade de não “passar por cima dos partidos” políticos.</p>
<p><i>A senhora acha que, conscientemente, algum presidente escolhe os piores para governar? Ou foram as circunstâncias que os empurram para governar de determinada forma? Lula, por exemplo, não queria o PMDB no governo, a princípio. Absorveu o PMDB depois do mensalão, quando já estava sob ameaça de perder o mandato. O que tornaria sua experiência diferente?</i></p> <p>SD24</p> <p>“Sinceramente, esse não pode ser o padrão da política brasileira. A régua agora no Brasil virou medir para baixo? A régua tem de ser para cima, até aprendendo com os erros dos outros. Me disponho a aprender com o erro e o preço que eles (FHC e Lula) pagaram para ter essa aprendizagem. Há um provérbio que diz: sábios são os que aprendem com os erros dos outros. Estúpidos são os que não aprendem com seus próprios erros”</p>	<p>E99 – “esse não pode ser o padrão da política brasileira”</p> <p>E100 – “A régua tem de ser para cima”</p> <p>E101 – “disponho a aprender com o erro”</p> <p>E102 – “sábios são os que aprendem com os erros dos outros”</p> <p>E103 – “Estúpidos são os que não aprendem com seus próprios erros”</p>	<p>E99 – inscrição em uma formação imaginária que visualiza a possibilidade de se estabelecer um padrão na política brasileira.</p> <p>E100; E101; E102 e E103 – evidenciam um silenciamento por excesso e uma denegação do princípio de governabilidade no regime presidencialista.</p>	<p>Há um silêncio que emerge como uma tentativa da IES de não gerar um sentido de concordância em relação à pergunta do entrevistador, ou seja, de não confirmar que as circunstâncias levam os políticos a fazerem alianças flexíveis ou até mesmo indesejadas. Esse movimento de silêncio também pode ser compreendido como uma denegação do princípio de governabilidade no regime presidencialista.</p>

<p><i>Só credibilidade poderá resolver os problemas das tarifas públicas?</i></p> <p>SD25</p> <p>“A presidente Dilma tem a responsabilidade de resolver o problema que criou. Não pode sacrificar o futuro da nação por sua eleição. Essa é a diferença entre quem disputa o poder pelo poder e o estadista. Esse é um problema criado pelo governo com suas políticas erráticas. Que não poderia usar os preços administrados para camuflar a inflação. Que não poderia fazer contabilidade criativa. Que não poderia fazer uma empresa como a Petrobras reduzir-se à metade do seu valor. Infelizmente, esse será um problema de todos nós”</p>	<p>E104 – “Dilma tem a responsabilidade de resolver o problema que criou”</p> <p>E105 – “sacrificar o futuro da nação por sua eleição”</p> <p>E106 – “disputa o poder pelo poder”</p> <p>E107 – “governo com suas políticas erráticas”</p> <p>E108 – “camuflar a inflação”</p> <p>E109 – “uma empresa como a Petrobras reduzir-se à metade do seu valor”</p> <p>E110 – “um problema de todos nós”</p>	<p>EO104 a EO110 – silenciamento por excesso no que tange ao problema das tarifas públicas. Processo de desidentificação com a ex-presidente Dilma</p>	<p>Nessa SD, percebemos um processo de desidentificação da IES com a ex-presidente Dilma, algo que pode ser notado com clareza, especialmente, no enunciado 106. Essa desidentificação se dá porque a IES se inscreve na formação discursiva de confronto com sua adversária.</p>
<p><i>A senhora é conhecida por suas convicções fortes. Algumas delas levaram a rupturas, como quando a senhora deixou o governo Lula, depois o PT e depois o PV. Não existe na história nenhum presidente que, em algum momento, não tenha engolido parte de suas convicções para poder governar. Está pronta para isso?</i></p> <p>SD26</p> <p>“Sou uma pessoa do diálogo. Quando fui ministra do Meio Ambiente, para dar a licença mais difícil deste país, a transposição do Rio São Francisco, tive de fazer muita mediação. E me sinto inteiramente coerente. Dar a licença para as hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau exigiu muito diálogo. E me sinto inteiramente</p>	<p>E111 – “Sou uma pessoa do diálogo”</p> <p>E112 – “tive de fazer muita mediação”</p> <p>E113 – “E me sinto inteiramente coerente”</p> <p>E114 – “exigiu também muita mediação”</p> <p>E115 – “me mantive coerente”</p> <p>E116 – “ao governo do presidente Lula, me mantive coerente saindo”</p>	<p>EO111 a EO116 – representam um silêncio por excesso, enunciando sua denegação de incoerência.</p>	<p>A pergunta que gerou essa sequência discursiva possui um teor crítico, pois aborda as rupturas partidárias da instância-sujeito direcionadas às suas oscilações de concepções. Interpelada por esse teor, ao ser questionada sobre suas tomadas posição a IES tenta refirmar o sentido de que é coerente para evitar/silenciar que sentidos outros emergem de sua enunciação. No entanto, é essa reafirmação (silêncio) que nos leva a interpretá-la como uma denegação de que não tem sido coerente.</p>

<p>coerente. Dar a licença da BR-163, que não foi feita até hoje, exigiu também muita mediação, mas me manteve coerente. Agora, posso dizer: quando tentaram revogar as medidas de combate ao desmatamento, causando um prejuízo à Amazônia e ao governo do presidente Lula, me manteve coerente saindo”</p>			
<p><i>A senhora é conhecida por suas convicções fortes. Algumas delas levaram a rupturas, como quando a senhora deixou o governo Lula, depois o PT e depois o PV. Não existe na história nenhum presidente que, em algum momento, não tenha engolido parte de suas convicções para poder governar. Está pronta para isso?</i></p> <p>SD27</p> <p>“Meu objetivo de vida não é ser presidente da República. É que o Brasil possa avançar. Se, para isso, tiver de ser o presidente da mediação, eu o serei”</p>	<p>E117 – “Meu objetivo de vida não é ser presidente da República”</p> <p>E118 – “É que o Brasil possa avançar”</p> <p>E119 – “Se, para isso, tiver de ser o presidente da mediação, eu o serei”</p>	<p>EO117 a EO119 –mostram uma denegação do seu desejo pela presidência da República.</p>	<p>A partir da conjuntura histórica/política em que a IES está inserida, sendo esta a segunda vez em que concorre à presidência da República em dois anos eleitorais consecutivos, além da trajetória política em cargos públicos e a tentativa de fundar seu próprio partido político, percebemos que há um fenômeno discursivo de denegação do seu desejo pela presidência.</p>
<p><i>Quando não conseguiu levar a agenda adiante, a senhora saiu. Como será se chegar à Presidência?</i></p> <p>SD28</p> <p>“Existem aqueles que apostam que governar com competência, transparéncia e respeito à democracia pode levar à cassação do mandato. O que deve levar à cassação do mandato é a corrupção, a incompetência e a intolerância. Cumprirei os quatro anos, com um novo padrão político e de governança, se Deus quiser e também o povo</p>	<p>E120 – “governar com competência, transparéncia e respeito à democracia”</p> <p>E121 – “um novo padrão político e de governança”</p> <p>E122 – “se Deus quiser e também o povo brasileiro”</p>	<p>E120 + 121 - denotam a inscrição da IES em uma formação imaginária vinculada a uma formação ideológica idealizada de governança. Além disso, há um silêncio por excesso que conduz a uma denegação da tomada de posição citada na pergunta.</p> <p>E122 – evidencia o atravessamento do discurso religioso como demonstração de silenciamento por excesso e legitimação dos seus dizeres políticos.</p>	<p>Aqui, temos a evidência de uma inscrição discursiva em uma formação imaginária que idealiza um modelo estereotipado para uma figura de presidente da República. Existe também um silenciamento por excesso interpelado pelo teor crítico da pergunta, que nos conduz a interpretá-lo como uma denegação da IES do da sua tomada de posição citada na pergunta, “quando não conseguiu levar a agenda adiante, a senhora saiu”. Além disso, temos a evidência do atravessamento do discurso religioso para a legitimação dos dizeres políticos.</p>

brasileiro”			
<p>Se a senhora for para o segundo turno, se tornará a candidata de muita gente que quer se livrar do PT. Depois de toda a sua trajetória política no PT, a senhora se sentirá confortável de se tornar a candidata do antipetismo ou da direita?</p> <p>SD29</p> <p>“O que é ser de direita? ”</p>	E123 – “O que é ser de direita? ”	<p>E123 – denota um silêncio da ordem do não-dizer.</p> <p>Existe uma denegação do lugar discursivo que a IES ocupa no processo eleitoral.</p>	<p>Há um silêncio interpelado pela natureza da pergunta, uma vez que a IES não deseja produzir sentidos desfavoráveis e/ou sentidos que a incomode, como por exemplo se colocar ocupando um lugar na esquerda ou direita.</p> <p>Por isso, existe uma denegação do lugar discursivo que a IES ocupa no processo eleitoral.</p>
<p>Essa é uma discussão longa... (O filósofo italiano) Norberto Bobbio dizia que as pessoas de esquerda se preocupam mais com a igualdade. As de direita, mais com a liberdade individual. Mas, no Brasil, boa parte da direita é identificada com o antipetismo.</p> <p>SD30</p> <p>“O que caracteriza uma pessoa são seus compromissos e sua práxis. Essa história de direita e esquerda é um reducionismo que não explica nada. Você se referiu ao PT. Boa parte da minha vida passei combatendo Collor, Sarney, Jader Barbalho, Maluf. Onde eles estão? Com essa esquerda a que você se refere. Minha práxis política é progressista. É mais que progressista. É sustentabilista-progressista.”</p>	<p>E124 – “O que caracteriza uma pessoa são seus compromissos e sua práxis”</p> <p>E125 – “direita e esquerda é um reducionismo”</p> <p>E126 – “Você se referiu ao PT”</p> <p>E127 – “Boa parte da minha vida passei combatendo Collor, Sarney, Jader Barbalho, Maluf”</p> <p>E128 – “Onde eles estão? Com essa esquerda a que você se refere”</p> <p>E129 – “Minha práxis política é progressista”</p> <p>E130 – “É sustentabilista-progressista”</p>	<p>EO124 + EO125 – denotam uma tentativa da IES de silenciar o lugar discursivo que ocupa no processo eleitoral.</p> <p>EO126 a EO128 – evidenciam uma desidentificação da IES com os políticos citados.</p> <p>EO129 + EO130 – mostram a necessidade de construir uma tomada de posição no lugar discursivo de “progressista”, para efeito de uma conveniência política.</p>	<p>O efeito de sentido que emerge desta SD é que há uma tentativa por parte da IES de silenciar o lugar discursivo que ocupa no processo eleitoral. Esse fenômeno discursivo é reforçado quando, na anunciação, a instância-sujeito tem a necessidade de construir uma tomada de posição acerca do lugar discursivo de “sustentabilista-progressista”.</p> <p>Percebemos que há também um processo de desidentificação com os políticos citados no E126: “Collor, Sarney, Jader Barbalho, Maluf”</p>
<p>O que a senhora pede todas as manhãs quando conversa com Deus e reza?</p> <p>SD31</p> <p>“Peço todos os dias nas minhas orações o fim da</p>	<p>E131 – “Peço todos os dias nas minhas orações o fim da política do ódio”</p> <p>E132 – “me disponho, sim, a oferecer a outra face”</p> <p>E133- “Para a face da mentira, a verdade”</p>	<p>E131 a E139 – evidenciam um dizer que se inscreve no discurso político atravessado pelo interdiscurso religioso.</p> <p>Denota, ainda, a inscrição da IES em uma formação imaginária que não se aplica à formação ideológica na qual se inscreve o Discurso Político em</p>	<p>Temos nesta SD, um atravessamento do interdiscurso religioso no Discurso Político da IES, interpelado pela natureza religiosa da pergunta. Há uma inscrição da IES em uma formação imaginária que não corresponde ao</p>

<p>política do ódio. E me disponho, sim, a oferecer a outra face. Para a face da mentira, a verdade. Para a face do medo, a coragem. Para a face do desespero, a esperança. É isso que quero ver no Brasil. Não quero destruir Dilma. Nem Aécio. Só quero que possamos nos constituir em novas bases. Porque as coisas grandes não são feitas por uma pessoa ou por um partido. Aquilo que é maior do que nós só será feito por todos nós. Ou não será.”</p>	<p>E134 – “Para a face do medo, a coragem”</p> <p>E135 – “Para a face do desespero, a esperança”</p> <p>E136 – “Não quero destruir Dilma. Nem Aécio”</p> <p>E137 – “que possamos nos constituir em novas bases”</p> <p>E138 – “as coisas grandes não são feitas por uma pessoa ou por um partido”</p> <p>E139 – “Aquilo que é maior do que nós, só será feito por todos nós”</p>	<p>que a IES ocupa um lugar discursivo. Há também, nos enunciados E133 a E135 uma interdiscursividade parafrástica da Oração de São Francisco, para se inscrever em um dizer político de conciliação com os seus adversários.</p>	<p>lugar que o seu Discurso Político ocupa em sua formação ideológica, ou seja, um lugar – referente à formação imaginária – de “construir novas bases” juntamente com a candidata do PT e o candidato do PSDB. Percebemos ainda, uma interdiscursividade parafrástica com a oração de São Francisco, que inscreve a IES em um discurso político e religioso de conciliação com seus adversários, Dilma Rousseff e Aécio Neves.</p>
--	--	---	---

ANEXO 6: Matriz 03 - Entrevista concedida pela instância-sujeito Marina Silva ao programa do Jô Soares, no mês de Maio, do ano de 2016.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	ENUNCIADOS OPERADORES	POTENCIALIDADE DA MATERIALIDADE	SÍNTESE DA PERCEPÇÃO
<p>“você de repente foi ahn:: candidata derrotada duas vezes à presidência da república em dois mil e dez e dois mil e quatorze... mas agora está liderando... a pesquisa de intenção de voto é um bom momento esse? Você acha que isso é um bom momento... que politicamente dá pra ser aproveitado? ... Ou vai parecer oportunismo? ...”</p> <p>SD32</p> <p>“eu tenho dito que o mais importante nesse momento é não instrumentalizar a crise... e:: olhar para ela com... o verdadeiro sentido de urgência da emergência que nós estamos vivendo e tentar resolver a crise...”</p>	<p>E140 – “não instrumentalizar a crise...”</p> <p>E141 – “tentar resolver a crise...”</p>	<p>E140 + E141 – revelam o lugar discursivo que a IES se inscreve para não expor a sua imagem política e para denegar sua tomada de posição acerca da crise econômica.</p>	<p>A instância-sujeito se inscreve em um lugar discursivo de “não instrumentalizar a crise” política, abrindo margens à interpretação de que não deseja se posicionar em relação ao presente momento político, para não expor a sua imagem política vinculada às questões inerentes às posturas políticas acerca das consequências da crise econômica.</p>
<p>“você de repente foi ahn:: candidata derrotada duas vezes à presidência da república em dois mil e dez e dois mil e quatorze... mas agora está liderando... a pesquisa de intenção de voto é um bom momento esse? Você acha que isso é um bom momento... que politicamente dá pra ser aproveitado? ... Ou vai parecer oportunismo? ...”</p> <p>SD33</p> <p>“o mais importante é você dar a contribuição genuína que você acha que pode dar com aquilo que você acredita obviamente que... éh:: passando pelo crivo da sociedade que é quem em última instância faz as suas escolhas então eu fico muito tranquila em relação a essa questão de pesquisa ninguém nunca vai ver eu colocando NEM nas minhas redes sociais porque eu sei que é apenas um registro de um momento... e esse é um momento muito</p>	<p>E142 – “o mais importante é você dar a contribuição genuína que você acha que pode dar”</p> <p>E143 – “passando pelo crivo da sociedade que é quem em última instância faz as suas escolhas”</p> <p>E144 – “é apenas um registro de um momento”</p> <p>E145 – “esse é um momento muito delicado da vida do nosso país”</p> <p>E146 – “tudo que a população não quer é ver a instrumentalização do sofrimento que ela está passando”</p>	<p>EO142 a EO144 – a IES ocupa um lugar de quem não deseja pronunciar sobre as pesquisas de opinião para silenciar possíveis sentidos acerca de sua candidatura nas próximas eleições.</p> <p>EO145 + EO146 – mostram que a IES denega suas posições acerca da crise porque não deseja revelar suas inscrições acerca do momento político vigente</p>	<p>Aqui, a IES ocupa um lugar discursivo de quem não deseja enunciar sobre as pesquisas de intenção de voto, a fim de silenciar sentidos outros que possam vir a emergir sobre a possibilidade de se candidatar nas eleições de 2018. Além disso, esses dizeres geram um efeito de sentido de que a IES camufla o seu interesse pelas pesquisas de intenção de voto. Há ainda a evidência de que a instância-sujeito suas posições acerca da crise porque não deseja revelar suas inscrições acerca do momento político vigente.</p>

<p>delicado da vida do nosso país e tudo que a população não QUER é ver a instrumentalização do sofrimento que ela está passando com desemprego inflação alta com juros altos”</p>			
<p>“você como... PRÉ-candidata claro que todo político SONHA com a presidência é um... um caminho a seguir... você NESse momento... já tá formando na sua cabecinha... um provável ministério?</p> <p>SD34 “Jô... eu ainda não sei se serei candidata...”</p>	<p>E147 – “não sei se serei candidata...”</p>	<p>EO147 – Há uma negação explícita que denega a sua possibilidade de candidatura como forma de não se expor politicamente no que tange a ideia de ministérios questionada pelo entrevistador.</p>	<p>Há, nesta SD, de uma negação explícita que nos conduz a uma denegação da possibilidade de uma candidatura nas próximas eleições (ano de 2018). Esse fenômeno discursivo faz emergir um efeito de sentido de que IES não deseja se expor politicamente no que diz respeito ao tema da pergunta: a formação de um ministério. Além disso, outra possível interpretação é de que a IES ainda não dispõe de uma articulação política (provável programa de governo, estratégias de ação, possibilidades de alianças) ou não deseja enunciar sobre ela.</p>
<p>“não... tá bom () agora fala a verdade... ((PLATEIA RI)) já tá formando ministério?” (...) “me diga sinceramente você acha que não será? É possível nesse momento? todo político SEMpre fala que não é candidato... mas você não é uma candidata NATural nesse momento? ...”</p> <p>SD35</p> <p>“... eu tenho dito Jô eu falo isso do fundo do meu coração... o meu objetivo de vida não é ser presidente do BraSIL... ((MEIO SORRISO)) se tiver que ser as circunstâncias já me colocaram nesse lugar por suas vezes mas o meu... principal objetivo de vida é ver um Brasil melhor e um mundo melhor... é por isso que eu identifiquei no Eduardo a possibilidade de dar... aquela contribuição... eu não me () me nego as minhas responsabilidades eu me coloco nesse lugar de responsabilidade MAS não acho que a gente deva ficar pensando o tempo todo nas próximas eleições eu acho</p>	<p>E148 – “o meu objetivo de vida não é ser presidente do Brasil”</p> <p>E149 – “as circunstâncias já me colocaram nesse lugar por duas vezes”</p> <p>E150 – “mas o meu principal objetivo de vida é ver um Brasil melhor e um mundo melhor”</p> <p>E151 – “não acho que a gente deva ficar pensando o tempo todo nas próximas eleições”</p> <p>E152 – “só pensar em eleição é o que nos trouxe a essa situação em que nós estamos... hoje”</p>	<p>EO148 + EO149 – explicitam uma denegação da IES e de uma possível candidatura em 2018.</p> <p>EO150 – evidencia uma inscrição ativista.</p> <p>EO151 + EO152 – mostram uma tomada de posição da IES se colocar politicamente no cenário nacional.</p>	<p>Aqui, entendemos que há, por parte da IES, uma negação explícita que nos leva à denegação do seu desejo pela presidência da República. Há também uma inscrição discursiva da IES que evidencia uma tomada de posição no cenário da política nacional, de que a disputa do poder pelo poder “nos trouxe a essa situação em que nós estamos... hoje”. Além disso, existe uma inscrição ativista da IES, que referenda sua denegação de ser candidata nas próximas eleições.</p>

<p>deixar de PENSar a nação qual é o projeto de país o que nós queremos em só pensar em eleição é o que nos trouxe a essa situação em que nós estamos... hoje”</p>			
<p><i>Após respondida a pergunta da sequência discursiva 35, sem haver uma nova pergunta, Marina Silva dá continuidade na entrevista falando sobre a REDE Sustentabilidade.</i></p> <p>SD36</p> <p>“na REDE nós não temos a figura DO presidente nós temos as figuras dos porta-vozes que é sempre um homem e uma mulher de preferência um jovem e uma pessoa com um pouco mais de experiência que... no caso aqui a da experiência sou eu... então a gente tá criando o partido numa tentativa de dá uma contribuição para melhorar a qualidade da poLÍtica eu acho que a política vive uma crise profunda e talvez essa crise tenha a ver com o descolamento da disPUta do poder pelo poder da... aliás da lógica do poder pelo poder aparTANdo-se da ideia de discutir projetos de país...”</p>	<p>E153 – “na REDE nós não temos a figura DO presidente”</p> <p>E154 – “temos as figuras dos porta-vozes”</p> <p>E155 – “melhorar a qualidade da poLÍtica”</p> <p>E156 – “a política vive uma crise profunda”</p> <p>E157 – “da lógica do poder pelo poder aparTANdo-se da ideia de discutir projetos de país...”</p>	<p>E153 a E155 – Evidenciam uma denegação da constituição política de um partido que é ter a figura de um presidente. Além de haver uma inscrição em uma formação imaginária de participação política indireta (na figura dos porta-vozes), algo não muito usual/comum no contexto da política atual.</p> <p>E156 a E157 – mostram uma formação imaginária da IES em relação à REDE ser um partido político que represente um novo lugar (nova forma de fazer política) no cenário da política brasileira.</p>	<p>A substituição do termo “presidente” por “porta-vozes”, que significa uma denegação, por parte da IES, da constituição política de um partido (que é a figura do seu representante com a denominação de presidente). Em decorrimento disso, há uma inscrição da instância-sujeito em uma formação imaginária de participação política indireta (e talvez uma participação neutra) personificada na figura dos porta-vozes. Além disso, temos a evidência de uma formação imaginária relacionada ao lugar que a REDE Sustentabilidade ocupa no contexto da política brasileira, ou seja, uma nova forma de fazer política.</p>
<p><i>“agora opa... Marina você... é uma pessoa religiosa quer dizer isso nunca impeDIU o seu lado da política a pensar de serem caminhos... mui/para mim muito diferentes... é diFícil juntar as duas coisas cê consegue isso... você consegue não misturar as duas coisas... mas de noite quando você rezá... antes de dormir... você PEde? você diz “papai do céu dá uma ajudinha aí nessa eleição”... por acaso cê faz isso? ((MARINA E A PLATEIA RIEM))”</i></p> <p>SD37</p> <p>“éh: eu acho que quando a gente tem fé... a gente faz o exercício dessa fé para as coisas... negativas e para as</p>	<p>E158 – eu acho que quando a gente tem fé... a gente faz o exercício dessa fé para as coisas... negativas e para as coisas positivas</p> <p>E159 – se Jeová puder ajudar empurrar o barco COM certeza... é fundamental né::”</p>	<p>E158 + E159 – mostram o atravessamento do discurso religioso, interpelado pela natureza religiosa da pergunta, como uma forma de legitimação do discurso político.</p>	<p>Nesta SD, evidenciamos o atravessamento do discurso religioso, interpelado pela natureza religiosa da pergunta feita à IES. Esse atravessamento emerge como uma forma de a IES legitimar os seus dizeres acerca dos problemas que o Brasil enfrenta e também para silenciar o assunto da eleição citada na pergunta.</p>

<p>coisas positivas e obviamente que a situação do nosso país precisa de MUITO trabalho MUITA seriedade e dedicação e se Jeová puder ajudar empurrar o barco COM certeza... é fundamental né::"</p>			
<p><i>"e o que você aCHOU do fato de gravarem? não:: porque ninguém gravou a Dilma... a Dilma entrou... na conversa... ((MARINA EMITE SOM DE CONCORDÂNCIA)) mas mesmo assim ess/ essa liberdade de se gravar... um ex-presidente da república... aquilo não te pareceu um pouco excessivo ou não?"</i></p> <p>SD38</p> <p>"olha tudo que foi feito foi feito dentro da lei... eu acho que nesse momento nós temos que ter muito cuidado... porque... o trabalho que a lava-jato está fazendo é um trabalho MUITO relevante para o país e talvez a gente só tenha... a dimensão do que está sendo feito daqui a uns dez quinze ou vinte anos... e:: nesse momento é uma tentativa de querer descharacterizar o trabalho que vem sendo feito pelo juiz... Sérgio Moro eu tenho dito Jô que não se pode desqualificar NEM UMA denúncia ou provas que estão sendo levantadas a priori da mesma forma que não se pode condenar ninguém que AINDA está sendo investigado a priori os diálogos são diálogos muito FORtes até porque... CRIA uma SÉrie de::: enfim de episódios que nos levam a crer que haVIA uma ação ali para tentar éh frear o trabalho da justiça... e isso é muito grave"</p>	<p>E160 – "tudo que foi feito, foi feito dentro da lei..."</p> <p>E161 – "o trabalho que a lava-jato está fazendo é um trabalho MUITO relevante"</p> <p>E162 – "uma tentativa de querer descharacterizar o trabalho que vem sendo feito pelo juiz... Sérgio Moro"</p> <p>E163 – "não se pode desqualificar NEM UMA denúncia ou provas"</p> <p>E164 – "da mesma forma que não se pode condenar ninguém que AINDA está sendo investigado"</p> <p>E165 – "episódios que nos levam a crer que haVIA uma ação ali para tentar éh frear o trabalho da justiça"</p>	<p>E160 a 162 – explicitam uma inscrição da IES no lugar discursivo de identificação com a forma como estava sendo conduzido o processo de impeachment da ex-presidente Dilma.</p> <p>E163 a 165 – evidenciam um silêncio por excesso para não se posicionar e não produzir sentidos acerca do que foi perguntado, a liberdade de se gravar um ex-presidente da República.</p>	<p>Em todos os enunciados operadores, percebemos que há, por parte da IES, uma identificação com a operação lava-jato e com forma como estava sendo conduzido o processo de impeachment da ex-presidente Dilma, evidenciando uma tomada de posição favorável a esse processo. Existe também um movimento relacionado a uma tentativa de silenciar possíveis sentidos e não se posicionar, por meio do excesso do dizer, sobre o tema da pergunta, isto é, a liberdade de se gravar uma conversa entre ex-presidentes e torná-la pública.</p>
<p><i>"e o que você aCHOU do fato de gravarem? não:: porque ninguém gravou a Dilma... a Dilma entrou... na conversa... ((MARINA EMITE SOM DE CONCORDÂNCIA)) mas mesmo assim ess/ essa liberdade de se gravar... um</i></p>	<p>E166 – "isso gera éh:: um tensionamento mesmo na sociedade que quer ver a lava-jato funcionar"</p> <p>E167 – "obviamente que assegurado o amplo direito de defesa das pessoas"</p>	<p>E166 – marca um processo de identificação da IES com a operação lava-jato inscrevendo a sociedade nesse mesmo lugar.</p> <p>E167 a E170 – evidenciam que os dizeres políticos da IES são atravessados pela interdiscursividade de Willian</p>	<p>Há, aqui, a evidência de um processo de identificação da IES com a operação lava-jato, inscrevendo a sociedade nesse mesmo lugar. Além disso, os dizeres políticos da IES são atravessados pela interdiscursividade de Willian</p>

<p><i>ex-presidente da república... aquilo não te pareceu um pouco excessivo ou não?"</i></p> <p>SD39 (Ainda sobre as gravações)</p> <p>"as palavras elas são autoexplicativas de sorte que isso gera éh: um tensionamento mesmo na sociedade que quer ver a lava-jato funcionar obviamente que assegurado o amplo direito de defesa das pessoas e que a gente não tenha uma visão equivocada de justiça... justiça não é vingança... justiça é reparação... tem uma frase que é atribuída ao Shakespeare que ele diz que "o contrário de injustiça não é justiça" ele diz que "o contrário de injustiça é amor... porque TOda justiça que não se faz por amor, não é justiça é vingança" eu acho que nesse momento draMÁtico da história do nosso país, é preciso que a gente encare a justiça como reparação dos crimes praticados CONtra a sociedade contra o interesse público e contra até mesmo a pessoa que o fez porque ela em última instância tamBÉM é prejudicada uhm/uhm com as consequências de tudo aquilo que são os erros que praticou então Jô eu vejo esse momento como um momento deliCAdo é preCIso caminhar em dois trilhos... os/ o trilho da nação na busca de resposta para resolver o problema GRAve da falta de crescimento do desemPREgo de TUdo que está acontecendo e o trilho das investigações que não se pode abrir mão desse trabalho em hipótese alguma é isso que vai fazer o Brasil... o Brasil ser passado a limpo..."</p>	<p>E168 – "justiça não é vingança... justiça é reparação"</p> <p>E169 – "'o contrário de injustiça não é justiça' ele diz que 'o contrário de injustiça é amor... porque TOda justiça que não se faz por amor, não é justiça é vingança'"</p> <p>E170 – "é preciso que a gente encare a justiça como reparação dos crimes"</p> <p>E171 – "vejo esse momento como um momento deliCAdo"</p> <p>E172 – "é preCIso caminhar em dois trilhos..."</p> <p>E173 – "o trilho da nação na busca de resposta para resolver o problema GRAve da falta de crescimento do desemPREgo de TUdo que está acontecendo "</p> <p>E174 – "o trilho das investigações que não se pode abrir mão desse trabalho em hipótese alguma"</p>	<p>IES são atravessados pelo discurso do amor, evidenciando uma formação imaginária acerca da noção de justiça e silenciando, novamente, o tema da pergunta.</p> <p>E171 a E174 – mostram um silêncio por excesso em relação ao tema da pergunta, um processo de contra-identificação com o PT, e uma inscrição discursiva favorável à operação lava-jato.</p>	<p>Shakespeare no que tange ao amor imbricado à noção de justiça, evidenciando, assim, uma formação imaginária. Existe também um processo de contraidentificação da IES com o PT, evidenciado no E173, quando cita problemas graves pelos quais o país está passando; uma inscrição discursiva que explicita uma tomada de posição favorável em relação à operação lava-jato; e um silencio por excesso no que diz respeito à pergunta: liberdade de se gravar um ex-presidente da república e tornar públicas as gravações.</p>
<p><i>"você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: "eu não sou ainda eu não estou pensando" claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-</i></p>	<p>E175 – "não é uma mentira branca nem uma mentira éh: negra ou preta né? é a mais profunda verdade"</p> <p>E176 – "eu pago um preço muito alto por dizer essa</p>	<p>E175 – o item lexical "profunda" denota uma necessidade da IES de reafirmar o sentido de que não sabe se será candidata, conduzindo a uma denegação.</p>	<p>Nesta SD, percebemos que existe por parte da IES, uma tentativa de reafirmar o sentido de que não sabe se será candidata; o que nos leva a compreendê-la como um movimento de denegação do seu desejo pela presidência da República. Esse lugar de</p>

<p>vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?"</p> <p>SD40</p> <p>"olha Jô eh: não é uma mentira branca nem uma mentira éh:: negra ou preta né? é a mais profunda verdade e eu pago um preço muito alto por dizer essa verdade quando digo que não SEI se serei candidata... que eu PENso na possibilidade de ser é obviamente que penso se não nem diria que eh:...não sei se serei se eu digo que não sei é porque eu ainda estou em um processo de decisão e na complexidade que está a vida do nosso país qualquer pessoa que não está preocupada apenas no poder pelo poder vai pensar primeiro que projeto de país é preCIsa agente construir para poder se colocar na fila de candidato..."</p>	<p>verdade quando digo que não SEI se serei candidata..."</p> <p>E177 – "que eu penso na possibilidade de ser, é óbvio que penso"</p> <p>E178 – "eu ainda estou em um processo de decisão"</p> <p>E179 – "qualquer pessoa que não está preocupada apenas no poder pelo poder"</p> <p>E180 – "é preciso agente construir (um projeto de país) para poder se colocar na fila de candidato"</p>	<p>E176 – a IES ocupa um lugar de indecisão para silenciar possíveis sentidos que a pergunta do entrevistador poderia gerar.</p> <p>E177 e E178 – denotam um lugar social de desejo pela presidência da República em oscilação a um lugar discursivo de dúvida em relação a se candidatar nas próximas eleições.</p> <p>E179 + E180 – IES se inscreve em um lugar discursivo de ter que pensar em um projeto de país antes mesmo de ser candidata.</p>	<p>indecisão também pode ser compreendido como uma estratégia política da IES de silenciar possíveis sentidos que emergem da pergunta do entrevistador; como por exemplo, uma possível composição do seu governo. Além disso, a instância sujeito oscila entre o lugar social de quem é naturalmente uma candidata potencial e o lugar discursivo de que é conveniente denegar este lugar na conjuntura política atual. Mais uma vez, no exercício de denegar uma futura candidatura, a IES se inscreve em um lugar discursivo de alguém que, antes de se colocar como candidata, tenha que, primeiro, ter um projeto de país.</p>
<p>"você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: "eu não sou ainda eu não estou pensando" claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?"</p> <p>SD41</p> <p>"esse é um momento de profunda aprendizagem se não formos capazes de quebrar a velha lógica da oposição que só vê defeitos mesmo quando existem acertos que são evidentes e da situação que só vê qualidades mesmo quando existem erros que são inaceitáveis como é o caso do petrolão a gente não vai eh:... a lugar nenhum então eu tenho insistido na ideia de que é preciso o diálogo é preciso trazer para a cena política brasileira... uma... nova forma de compor o governo... e obviamente que para isso é</p>	<p>E181 – "quebrar a velha lógica da oposição que só vê defeitos"</p> <p>E182 – "da situação que só vê qualidades mesmo quando existem erros"</p> <p>E183 – "erros que são inaceitáveis como é o caso do petrolão"</p> <p>E184 – "é preciso trazer para a cena política brasileira... uma... nova forma de compor o governo."</p> <p>E185 – "velha ideia maniqueísta de que pessoas boas só existem no meu partido"</p> <p>E186 – "pessoas boas existem em todos os lugares"</p> <p>E187 – "é preciso ter uma atitude de reconhecer inclusive os feitos alheios"</p> <p>E188 – "existem coisas</p>	<p>E181 + E182 – a IES se inscreve em um lugar discursivo de "nova política"</p> <p>E183 – A IES se inscreve em um lugar de contra-identificação com o caso de corrupção denominado "Petrolão", no qual há vários partidos envolvidos, incluindo o PT, PMDB, PP.</p> <p>E184 a E191 – denotam um lugar discursivo de "nova forma de fazer política" numa formação imaginária que alimenta a ilusão de completude de que é possível governar sem partidarizar as escolhas para composição da equipe de governo. Há, além disso, uma inscrição numa formação imaginária relacionada ao tipo de democracia que existe no sistema político brasileiro.</p> <p>.</p>	<p>Aqui, a IES se ocupa um lugar discursivo de "nova forma de fazer política" fundada em uma formação imaginária de que é possível governar escolhendo/selecionando os políticos com quem deseja formar uma equipe de governo. Existe também a evidência de uma formação imaginária que coloca a democracia do sistema político brasileiro como atrasada porque os partidos políticos não institucionalizam suas conquistas, ou seja, não tornam os progressos bens da população, mas usam-nas em benefício próprio, em função de se promoverem politicamente. Há ainda, uma inscrição da IES em um processo de contraidentificação com o caso de corrupção que ficou conhecido como Petrolão no qual há vários partidos políticos envolvidos, incluindo o PT, o PMDB e o PP.</p>

<p>preciso não ter a velha ideia maniqueísta de que pessoas boas só existem no meu partido... pessoas boas existem em todos os lugares é preciso ter uma atitude de reconhecer inclusive os feitos alheios... existe uma forma equivocada de você só achar que as coisas boas são aquelas que você faz... a gestão pública é um processo existem coisas boas feitas até por adversários que devem ser continuadas isso se chama INSTITUCIONALIZAR conquistas o problema é que nas democracias ainda atrasadas... não se institucionaliza as conquistas a gente fulaniza as conquistas ou a gente partidariza”</p>	<p>boas feitas até por adversários”</p> <p>E189 – a “INSTITUCIONALIZAR conquistas”</p> <p>E190 – “democracias ainda atrasadas não se institucionaliza as conquistas”</p> <p>E191 – “fulaniza as conquistas ou a gente partidariza”</p>		
<p><i>“você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: “eu não sou ainda eu não estou pensando” claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?”</i></p> <p>SD42</p> <p>“em dois mil e dez quando eu concorri eu... eh:: falei para as pessoas que se ganhasse eu queria governar com os melhores do PT os melhores do PSDB do PMDB dos partidos... eh que... têm uma contribuição histórica a dar no Brasil obviamente que seriam os melhores e eu era muito criticada por isso como se fosse possível alguém dizer que quer governar com os piores mas ((JÔ E A PLATEIA RIEM DE MANEIRA DISCRETA)) eu tenho essa lógica ninguém... pode imaginar que você vai ganhar o governo pra governar sozinho a diferença é como você compõe o governo”</p> <p>comPÔE o governo e como você institui a tua base de sustentação no congresso... hoje o processo como se dá? é feito de forma totalmente pragmática distribuindo pedaços do EsTAdo”</p> <p>para inclusive fazer essas coisas que fizeram na Petrobras para poder... ter maioria no congresso”</p>	<p>E192 – “eu queria governar com os melhores do PT, os melhores do PSDB, do PMDB”</p> <p>E193 – “obviamente que seriam os melhores”</p> <p>E194 – “como se fosse possível alguém dizer que quer governar com os piores”</p> <p>E195 – “ninguém... pode imaginar que você vai ganhar o governo pra governar sozinho”</p> <p>E196 – “a diferença é como você compõe o governo”</p> <p>E197 – “como você institui a sua base de sustentação no congresso”</p> <p>E198 – “hoje o processo como se dá? é feito de forma totalmente pragmática distribuindo pedaços do EsTAdo”</p> <p>E199 – “para inclusive fazer essas coisas que fizeram na Petrobras para poder... ter maioria no congresso”</p>	<p>E192 a E194 – revelam uma formação imaginária que denega os princípios do regime presidencialista.</p> <p>E195 a E197 – evidenciam uma tomada de posição da IES que contraria a formação imaginária dos enunciados operadores: 192; 193 e 194.</p> <p>E198 + E199 – mostram uma desidentificação da IES com a forma que o governo constrói sua base.</p>	<p>A IES inicia esta SD denegando os princípios do regime presidencialista, quando se inscreve em uma formação imaginária de que é possível selecionar políticos com quem se deseja fazer uma aliança sem partidarizar a composição do governo. Em seguida, a IES se movimenta contraditoriamente, pois se inscreve numa formação imaginária de não se pode “governar sozinho” (aceitando, então, a lógica do sistema presidencialista). Além disso, há, por parte da instância-sujeito um processo de desidentificação com a forma que o governo atual constrói sua base de sustentação.</p>

<p>EsTAdo... para inclusive fazer essas coisas que fizeram na Petrobrás para poder... ter maioria no congresso..."</p>			
<p>"você já tá visualizando ah:: as críticas que você vai receber caso você seja candidata claro você diz: "eu não sou ainda eu não estou pensando" claro que tá ((PLATEIA RI)) mas eu respeito porque uma mentira ah:: branca é sempre bem-vinda mas você acha que já TEM competência de formar... um governo para esse país?"</p> <p>SD43</p> <p>"obviamente que qualquer um que ganhar o governo vai deixar lacunas e outros virão é uma corrida de quatro por quatro... e cada um deve fazer a sua parte da melhor forma possível... é por isso que eu sou contra a reeleição Jô..."</p>	<p>E200 – "é uma corrida de quatro por quatro..."</p> <p>E201 – "cada um deve fazer a sua parte da melhor forma possível..."</p> <p>E202 – "eu sou contra a reeleição Jô..."</p>	<p>E200 a E202 – A IES se inscreve em um lugar discursivo que se opõe ao regime político atual, denegando o processo da reeleição.</p>	<p>A IES defende um mandato de quatro anos sem reeleição, inscrevendo-se em um lugar discursivo que se opõe ao regime político brasileiro que permite o processo da reeleição. Além disso, denega o dispositivo da reeleição como forma de fortalecimento de um projeto de governo que se funda em um processo de continuidade política.</p>
<p>"desculpa assim te interromper mas já interrompendo... cê acha que em quatro anos:.... dá para a pessoa REAlmente... modificar alguma coisa? para você ver primeiro que eu nunca fui a favor do parlamentarismo hoje em dia eu sou francamente a favor claro que tem que mudar Tudo no plano da política..."</p> <p>SD44</p> <p>"Jô... só retomando... eu concordo com o parlamentarismo e acho os/ que poderemos ir até para CINco anos de governo... mas sem reeleição... porque a reeleição ela acaba... levando as pessoas fazerem o que é necessário para se reeleger... não o que é necessário para o país... é por isso que eu sou contra..."</p>	<p>E203 – "eu concordo com o parlamentarismo"</p> <p>E204 – "poderemos ir até para CINco anos de governo..."</p> <p>E205 – "a reeleição ela acaba... levando as pessoas fazerem o que é necessário para se reeleger..."</p> <p>E206 – "não o que é necessário para o país..."</p> <p>E207 – "eu sou contra..."</p>	<p>EO203 – evidencia uma inscrição da IES em uma formação imaginária favorável ao regime parlamentarista.</p> <p>EO204 a EO207 – denotam uma tomada de posição da IES em relação ao processo de reeleição.</p>	<p>A IES defende um mandato de quatro anos sem reeleição, se inscrevendo em um lugar discursivo que se opõe ao regime político brasileiro que permite o processo da reeleição. Além disso, denega o dispositivo da reeleição como forma de fortalecimento de um projeto de governo que se funda em um processo de continuidade política.</p>
<p>"você sabe que a crítica houve né?" <i>(a pergunta está relacionada ao fato de Marina Silva não ter comparecido ao desastre ocorrido neste ano na cidade de</i></p>	<p>E208 – "eu fui uma das primeiras a dizer que não era um desastre era um crime ambiental"</p> <p>E209 – "houve negligência</p>	<p>E208 + E209 – evidenciam forte inscrição ativista da IES e uma tomada de posição acerca do desastre ocorrido na cidade de Mariana – MG.</p>	<p>Nesta SD, percebemos uma forte inscrição da IES em um lugar discursivo de ativista, evidenciada pela forma como concebe o desastre ocorrido na cidade de Mariana – MG, um</p>

<p><i>Mariana – MG)</i></p> <p>SD45</p> <p>“é a crítica houve mas eu tenho um posicionamento em relação a isso quando aconteceu o desastre aqui e eu fui uma das primeiras a dizer que não era um desastre era um crime ambiental... porque aquilo houve negligência por parte DAS empresas... eu não fui porque eu não QUIS instrumentalizar o momento de dor daquelas pessoas... (...) EU procurei fazer o meu trabalho como eu sempre:: faço... eu conversei com alguns amigos juristas inclusive alguns do ministério público... para ver como é que a gente transforma aquele tipo de crime em crime hediondo... para ver como é que... os... diretores da empresa os presidentes da empresa têm os seus bens bloqueados quando aconTEce um crime daquela natureza... e quando eu fui éh:: n/ na França para a Convenção do Clima... eu procurei a equipe do professor Edgar Morin que tem um tribunal internacional... que faz julgamento desses crimes ambientais com a magnitude que teve o problema de Marina e... eles estão em tratativas aqui no Brasil... PArá possivelmente levar aquele caso a esse... éh:: tribunal internacional então é o trabalho que eu faço eu não sou de instrumentalizar as coisas para me promover...”</p>	<p>por parte DAS empresas...”</p> <p>E210 – “eu não fui porque eu não QUIS instrumentalizar o momento de dor”</p> <p>E211 – “EU procurei fazer o meu trabalho como eu sempre::”</p> <p>E212 – “conversei com alguns amigos juristas inclusive alguns do ministério público...”</p> <p>E213 – “para ver como é que a gente transforma aquele tipo de crime em crime hediondo...”</p> <p>E214 – “para ver como é que... os... diretores da empresa os presidentes da empresa têm os seus bens bloqueados”</p> <p>E215 – “quando eu fui éh:: n/ na França para a Convenção do Clima...”</p> <p>E216 – “um tribunal internacional... que faz julgamento desses crimes ambientais”</p> <p>E217 – “eles estão em tratativas aqui no Brasil...”</p> <p>E218 – “é o trabalho que eu faço eu não sou de instrumentalizar as coisas para me promover...”</p>	<p>E210 e E218– denota uma tomada de posição da IES em relação a sua não participação direta no desastre de Mariana – MG.</p> <p>E211 – o léxico “sempre” mostra que a IES tem uma trajetória ativista.</p> <p>E212 a E217 – explicitam uma inscrição ativista da IES, tomando posicionamentos para criminalizar os autores da tragédia.</p>	<p>crime ambiental. Há também uma interpelação de tornar criminalizar o acontecimento e responsabilizar os autores da tragédia. Além disso, existe uma tomada de posição no que se refere a sua participação direta no acontecimento, inscrevendo-se no discurso de não “instrumentalizar o momento de dor” e não se promover politicamente. Há, ainda, evidências enunciativas que nos conduz a compreender que a IES possui uma trajetória ativista.</p>
<p><i>“bom eu conversei aqui com a Marina Silva... quando foi candidata qual foi a primeira vez que você veio?”</i></p> <p>SD46</p> <p>“fico feliz de poder voltar aqui novamente e conversar contigo... éh:: porque nesse momento eu estou defendendo a iDEIA de que a solução para essa crise é uma nova:: eleição... o TSE a gente não pode pressionar mas há uma</p>	<p>E219– “eu estou defendendo a iDEIA de que a solução para essa crise é uma nova:: eleição...”</p> <p>E220 – “o TSE a gente não pode pressionar”</p> <p>E221 – “se ficar comprovado de que o dinheiro do petróleo foi usado para eleição...”</p> <p>E222 – “os sete ministros poderão devolver a</p>	<p>E219 a E222 – evidenciam uma inscrição da IES em uma formação imaginária de que novas eleições resolverá o problema da crise política.</p> <p>E223 e E224 – explicitam que a IES se inscreve em um lugar alternativo, que não seja o PSDB e o PT, representado pela REDE, colocando-se como uma candidata potencial caso haja novas eleições.</p>	<p>Aqui, a IES se inscreve numa formação imaginária de que é possível haver novas eleições e que elas resolverão o problema da crise política; entretanto a Constituição brasileira não prevê novas eleições sem que haja a cassação da chapa. Além disso, os dizeres da IES no E223, emergem um sentido de que ela se coloca como uma candidata potencial no momento atual. Já no E224, a IES ocupa um lugar alternativo, representado pela REDE, para aquilo que, dito</p>

<p>denúncia se ficar comprovado de que o dinheiro do Petrolão foi usado para eleição... os sete ministros poderão devolver a duzentos milhões de brasileiros... a possibilidade de escolher aqueles/ aquele que ele acha que povo acha... que pode repactuar os caminhos da nossa nação... então... acho que fazer um debate sobre esse momento com... o devido senso de responsabilidade que a crise exige é papel de formadores de opinião como você e sobretudo de cidadãos e de cidadãs que não vão ficar apenas na guerra entre o azul e o vermelho..."</p>	<p>duzentos milhões de brasileiros”</p> <p>E223 – (aquele político) “que povo acha... que pode repactuar os caminhos da nossa nação...”</p> <p>E224 – “cidadãos e de cidadãs que não vão ficar na guerra, apenas entre o azul e o vermelho...”</p>		<p>várias vezes em suas campanhas presidenciais, trata-se de uma cultura da polarização entre PT e o PSDB.</p> <p>Obs: os lugares ocupados pela IES nessa SD podem ser mais bem compreendidos se levarmos em consideração o fato que, no momento em que a entrevista foi produzida, a instância-sujeito liderava as pesquisas de intenção de voto.</p>
<p><i>“bom eu acho... eu sou abrigado a te interromper de novo por causa do tempo... mas eu acho que a opinião juRÍdica ah::: vai além da nossa compreensão mas eu não vejo porque um vice-presidente... tenha que pagar o Ônus de uma camPAnhA da qual ele foi apenas o vice-presidente...”</i></p> <p>SD47</p> <p>“não eu acho assustador... é você acreditar... que:: o partido que ficou junto com o PT... durante esses doze anos... que tomaram decisões juntos... que escolheram diretorias da Petrobrás juntos... e que segundo as investigações até havia uma coordenação conjunta... um possa ser subtraído como problema e o outro possa ser ungido como a solução...”</p>	<p>E225 – “o partido que ficou junto com o PT... durante esses doze anos...”</p> <p>E226 – “que tomaram decisões juntas...”</p> <p>E227 – “que escolheram diretorias da Petrobrás juntas...”</p> <p>E228 – “que segundo as investigações até havia uma coordenação conjunta...”</p> <p>E229 – “, um possa ser subtraído como problema e o outro possa ser ungido como a solução...”</p>	<p>E225 a E228 – evidenciam uma tomada de posição da IES de inscrever os dois partidos, PT e PMDB, em um mesmo lugar a fim de coloca-los como igualmente responsáveis pela crise política, econômica e também pelas denúncias de corrupção.</p> <p>E229 – mostra um processo de contra-identificação da IES com o PT e com o PMDB, além de negar que haja diferenças políticas entre os dois partidos.</p>	<p>Há uma tomada de posição da IES de inscrever os dois partidos, PT e PMDB, em um mesmo lugar a fim de colocá-los como igualmente responsáveis pela crise política, econômica e também pelas denúncias de corrupção.</p> <p>Essa tomada de posição conduz à IES a ao processo de contraidentificação com o Partidos dos Trabalhadores e também com o PMDB.</p> <p>OBS: a tentativa de inscrever o PT e o PMDB em um mesmo lugar, colocando-os igualmente responsáveis, vem desde outras entrevistas concedidas a vários veículos midiáticos em que a IES diz que esses dois partidos são “irmãos siameses”.</p>
<p><i>“bom eu acho... eu sou abrigado a te interromper de novo por causa do tempo... mas eu acho que a opinião juRÍdica ah::: vai além da nossa compreensão mas eu não vejo</i></p>	<p>E230 – “é o mesmo partido...”</p> <p>E231 – “é isso que eu estou dizendo os dois partidos promoveram isso”</p>	<p>E230 a E233 – mostram uma tomada de posição da IES de inscrever o PT e o PMDB em um mesmo lugar.</p>	<p>Há uma tomada de posição da IES de inscrever os dois partidos, PT e PMDB, em um mesmo lugar a fim de colocá-los como igualmente responsáveis pela crise política, econômica e</p>

<p><i>porque um vice-presidente... tenha que pagar o ônus de uma campanha da qual ele foi apenas o vice-presidente..."</i></p> <p>SD48</p> <p>"sim mas é o mesmo partido... o PT tem o Vaccari e o Delcídio que estão implicados... o PMDB tem o presidente Cunha tem o presidente Renan tem o ex-presidente Collor igualmente implicados na lava-jato é isso que eu estou dizendo os dois partidos promoveram isso... o julgamento no TSE não é golpe está previsto na constituição... MAS o que está previsto também na constituição é que se houve qualquer fraude na eleição e o uso irregular de dinheiro... distorcendo... atinge a chapa tanto um quanto o outro..."</p>	<p>E232 – "o julgamento no TSE não é golpe está previsto na constituição..."</p> <p>E233 – "atinge a chapa tanto um quanto o outro..."</p>		<p>também pelas denúncias de corrupção. A IES movimenta-se em um processo de contraidentificação com os dois partidos políticos, PMDB e PT.</p>
<p>"mas quer dizer você acha que o/ o PMDB ((Jô TOSSE)) tem a mesma força que... o PT? ou seja que o Temer tem a mesma força que a Dilma?" (em relação ao conhecimento do que se passa)</p> <p>SD49</p> <p>(os dois partidos) "fizeram isso juntos... até agora ninguém conseguiu comprovar diretamente que a Dilma estava envolvida diretamente... tem responsabilidade política tem responsabilidades jurídicas certo? mas os dois partidos estão implicados igualmente... e se o dinheiro foi usado para a eleição dos dois... o TSE poderá cassá-los se ficar comprovado... o impeachment não é golpe... no meu entendimento ele CUMPRE com a formalidade... mas não cumpre com a finalidade"</p>	<p>E234 – "fizeram isso juntos..."</p> <p>E235 – "até agora ninguém conseguiu comprovar diretamente que a Dilma estava envolvida diretamente..."</p> <p>E236 – "tem responsabilidade política tem responsabilidades jurídicas"</p> <p>E237 – "o TSE poderá cassá-los se ficar comprovado"</p> <p>E238 – "CUMPRE com a formalidade... mas não cumpre com a finalidade"</p>	<p>E234 – mostra uma tentativa da IES de inscrever o PT e o PMDB em um mesmo lugar.</p> <p>E235 – evidência que a IES está ciente sobre o rumo das investigações relacionadas ao processo de impeachment.</p> <p>E237 – a IES ocupa um lugar favorável ao processo de impeachment.</p> <p>E238 – o léxico "finalidade" mostra uma formação imaginária da IES (já enunciada) de que a solução para a crise é novas eleições presidenciais.</p>	<p>Há, nesta SD, uma tentativa da IES de inscrever os dois partidos, PT e PMDB, em um mesmo lugar de responsabilidade. As tomadas de posição aqui evidenciadas nos conduz à interpretação de que a IES ocupa um lugar favorável ao processo de impeachment da ex-presidente Dilma, mas inscrevendo-se nos dizeres de que o processo não cumpre com a finalidade. Esse movimento discursivo pode emergir um sentido de que a instância-sujeito se coloca como uma candidata potencial, já que defende a ideia de que a solução para a crise é novas eleições presidenciais.</p>